U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITETURA

A evolução da habitação plurifamiliar ao longo do século XX:

Perspetivas a partir da Rua de 5 de Outubro

Ana Catarina Ribeiro Castro

M

2024

U.PORTO

Ana Catarina Ribeiro Castro

A evolução da habitação plurifamiliar ao longo do século XX:

Perspetivas a partir da Rua de 5 de Outubro

M.FAUP **2023**

A evolução da habitação plurifamiliar ao longo do século XX: Perspetivas a partir da Rua de 5 de Outubro

Ana Catarina Ribeiro Castro

FACULDADE DE ARQUITETURA

Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

A evolução da habitação plurifamiliar ao longo do século XX:

Perspetivas a partir da Rua de 5 de Outubro

Ana Catarina Ribeiro Castro

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientação: Doutora Gisela Lameira

Nota prévia

Os edificios em estudo são identificados pelo número da sua licença de obra. Os processos de licença de obra são identificados pelo ano em que se iniciaram e o número de processo. A sigla LO, usada ao longo do texto signfica Licença de Obra.

A presente dissertação está inserida na Investigação em curso HoTT: Housing Think Tank: Knowledge Integration on Multi-Family Residential Buildings, desenvolvida no Centro de Estudos de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.

A presente dissertação foi elaborada de acordo com o Novo Acordo Ortográfico.

Agradeço

À Doutora Gisela Lameira, por toda a disponibilidade, afinco e amabilidade com que me orientou, e por todo o entusiamo que demonstrou por este trabalho.

Aos meus pais, para além de tudo o resto, pelo apoio incondicional.

Ao António, pelo companheirismo.

Ao André Paulo, à Raquel e à Desyrèe pela amizade e partilha durante este processo.

Ao Sr. Faria, à Susete e à menina Cláudia.

E ao André, que esteve sempre lá para me dar a mão.

Resumo

Esta dissertação pretende dar continuidade a estudos precedentes sobre habitação portuense, com foco no tipo de edificação que se tornou corrente e que surgiu nas primeiras décadas do século XX: a habitação plurifamiliar.

A Rua de 5 de Outubro foi selecionada como objeto de estudo, tendo como pressuposto que a sua evolução urbana e os edifícios que a compõem não são uma exceção na cidade, mas são antes representativos de um processo de consolidação urbana comum aos ocorridos em diversos arruamentos ao longo do século XX.

A investigação divide-se em duas partes: a primeira trata da caracterização da Rua e do seu contexto histórico e urbano, assim como da apresentação dos diferentes tipos de edifícios que a constituem. A segunda parte do trabalho trata da categorização e análise das habitações de tipo plurifamiliar construídas até ao ano 2000.

A análise realizada permitiu constatar os processos longos de experimentação e consolidação ocorridos a rua no âmbito do plurifamiliar, verificando-se que, na substituição lote a lote se observam tanto processos de continuidade com modelos precedentes, como o surgimento de modelos renovados, atentos a alterações nos modos de habitar, imposições regulamentare e lógicas imobiliárias.

Abstract

This dissertation intends do give continuity to previous studies on Porto´s housing, focusing on the type of edification that became current and emerged in the first decades of the 20th century: the multiple-family housing.

Rua de 5 de Outubro was selected as the study object, assuming that its urban evolution and its buildings are not an exception in the city but rather representative of a process of urban consolidation similar to that that occurred in various streets over the 20th century.

This investigation is divided in two parts: the first deals with the consolidation of the street and its historical and urban setting, as well as the presentation of the different types of its buildings. The second part consists of the categorization and analysis of the multifamiliar dwellings builtd until the year 2000.

The analysis carried out allowed for the understanding of the long-term processes of experimentation and consolidation that occurred in the street, in the scope of the multi-familiar. This way it was verified that, in the replacement of allotments, it was observed a process of continuity with previous models, as well as the emergence of new ones, in accordance with the change in ways of living, regulatory impositions and real estate logics.

Índice

Resumo 6

Abstract 8

Introdução 14

1. A Rua de 5 de Outubro

1.1. Evolução do eixo urbano: traçado, consolidação e caracterização 18

1.2. A habitação unifamiliar: tipos e a sua evolução 32

1.3. A habitação plurifamiliar 42

1.3.1. O lote estreito (5-7m) 45

1.3.2. O lote alargado (7-12m) 52

1.3.3. O esquerdo-direito (12-20m) 55

1.3.4. Grande frente (+ 20m) 58

1.3.5. Situação urbana particular 63

1.4. Considerações gerais sobre a evolução do tipo plurifamiliar 65

2. Consolidação de modelos ao longo do século XX: perspetivas a partir de 6 casos de estudo

2.1. Critérios de seleção 68

2.2. Inserção urbana 69

2.3. O edifício 72

2.4. A célula 81

Notas conclusivas 85

Referências bibliográficas 90

Fontes documentais 94

Websites 94

Listagem e fonte das figuras 95

Anexos 102

Optamos por estudar obras que em princípio se propunham como regra e não como exceção. Deste modo, abandonamos o caminho daquelas obras excecionais de referência obrigatória e conhecida, para estudarmos o que de facto, anonimamente, domina.[1]

1. FERNANDES, FRANCISCO JOSÉ BARATA - Transformação e permanência na habitação portuense as formas da casa na forma da cidade. Porto: FAUP, 1996, p. 248.

Introdução

Os estudos sobre a habitação da cidade do Porto têm sido, em grande parte, focados na habitação unifamiliar burguesa, ilhas e habitações sociais, motivados pelo interesse na sua conservação e reabilitação, pertinência de projeto de intervenção, ou relevância do ponto de vista social.

Assim, as construções correntes, de iniciativa privada, e que foram reproduzidas principalmente na segunda metade do século XX, constituem ainda um campo rico de investigação, ainda que já estudados por alguns autores[2].

Os edifícios de habitação plurifamiliar, objeto de estudo desta dissertação, surgiram na cidade do Porto em meados da década de 1920[3]. Não são, na sua maioria, da autoria de arquitetos reconhecidos e, consequentemente, não aparentam constituir um objeto de estudo de particular relevância patrimonial. Contudo, representam a 'massa' que compõe as ruas da cidade[4]. Definiu-se o ano 2001 como a baliza temporal deste estudo, que fica assim contido no século XX, uma vez que este ano representa o início de uma fase subsequente para a cidade, com a iniciativa da Capital Europeia da Cultura. Existe também uma distinção entre edifícios construídos na primeira e segunda metade do século, sendo que o ano de 1956 é um marco temporal significativo, pontuado pela publicação do Regulamento do Plano Regulador da Cidade do Porto[5], um documento que determinou alterações significativas nos modelos de habitação (eliminação dos saguões e limitação da profundidade dos edifícios, por exemplo).

Contrariamente aos estudos de doutoramento de Gisela Lameira, Francisco Barata e Manuel Mendes, de vocação panorâmica, a presente dissertação adota uma metodologia próxima à das autoras Maria do Carmo Marques Pires[6] e Gisela Lameira[7], nas suas dissertações de mestrado, e procedeu-se à seleção de um eixo urbano como objeto de estudo.

Pretendia-se que este eixo urbano tivesse um caráter vulgar, de modo a melhor representar a situação geral na cidade e, portanto, não se deveria destacar por qualquer característica visivelmente excecional. Sendo que o tipo de edifício em estudo é relativamente recente na cidade do Porto (década de 20 do século XX), o centro 'histórico', tal como a zona de intervenção Almadina, foram áreas da cidade descartadas porque são constituídas principalmente porconstruções mais antigas.

---

2. LAMEIRA, MARIA GISELA ANTUNES - O prédio de rendimento portuense topologias, tipologias e modelos de habitação plurifamiliar na 1ª metade do século XX. Porto: Faup, 2017.
FERNANDES, FRANCISCO JOSÉ BARATA - Transformação e permanência na habitação portuense as formas da casa na forma da cidade. Porto: FAUP, 1996.
MENDES, MANUEL AUGUSTO SOARES - Do esquecimento para além da arte do nomadismo ao erotismo. Porto: FAUP, 2010.
3. LAMEIRA, MARIA GISELA ANTUNES - O prédio de rendimento portuense topologias, tipologias e modelos de habitação plurifamiliar na 1ª metade do século XX. Porto: Faup, 2017, p. 3.
4. Segundo os Censos de 2021, dos 39.303 edifícios que constituem a cidade do Porto, a soma dos construídos entre 1919 e 2000 (30.265) resulta em 77%. Aplicando as mesmas proporções aos edifícios de habitação construídos, pode deduzir-se que estes são também maioritariamente deste período temporal. In: https://www.pordata.pt/db/municipios/ambiente+de+consulta/tabela
5. - Regulamento do Plano Regulador da Cidade do Porto. Porto: Separata do Boletim Municipal, CMP, nº 1036, 1956.
6. PIRES, MARIA DO CARMO MARQUES - A rua Álvares Cabral 1895-1940 formas de habitar. Porto: Faup Publicações, 2000.
7. LAMEIRA, GISELA - A Rua de Sá da Bandeira no Porto. Topologia(s) do habitar colectivo. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa- Faculdade de Arquitetura, 2010

Por outro lado, o arruamento deveria estar já traçado e em consolidação no início do século XX, que marca o início da investigação.

O eixo urbano selecionado deveria ser também maioritariamente ocupado por edifícios de caráter plurifamiliar ainda que com comércios no piso térreo (como é comum na cidade), e outros programas. Para além desses parâmetros, interessava que a rua não fosse demasiado longa, mas que ainda assim, tivesse uma variedade considerável de implantações e ocupações de diferentes larguras de lote, enriquecendo assim a pesquisa.

Após a análise e comparação de alguns arruamentos da cidade enquanto hipóteses de trabalho [Anexo I], foi selecionada a Rua de 5 de Outubro (Figura 1). Aberta no final do século XIX[8], a rua contém conjuntos de habitações plurifamiliares e habitações de outros tipos- ilhas, palacetes e moradias- o que permite abranger no estudo tipos de habitação precedentes e criar uma linha temporal evolutiva dentro do eixo urbano.

A dissertação divide-se em duas partes. A primeira parte trata do estudo urbano da rua, desde a sua abertura até à atualidade. Deste modo, dá-se uso ao conjunto de cartografias produzidas desde o século XVIII até à época de consolidação dos lotes e, para além disso, à bibliografia adequada para compreender o contexto histórico e urbano em que se desenvolvia a zona da cidade em que a rua está inserida, tal como a cidade do Porto em geral.

Para além da cartografia, os processos de licenças de obra constituem outra fonte primária essencial à produção deste estudo. Após a análise urbana da rua, segue-se o estudo do seu edificado, focado nos tipos de edifícios de habitação, começando pela caracterização da habitação unifamiliar e posteriormente da habitação plurifamiliar. A partir do redesenho das plantas, alçados e cortes presente nas licenças de obra, elaborou-se o material de trabalho a partir do qual se podem analisar estes edifícios e compará-los. Para a recolha deste material em formato digital, realizou-se a consulta presencial dos processos, nos Arquivo Histórico e Arquivo Geral do Município do Porto e a sua consequente seleção.

Este material revelou-se também essencial na segunda parte da dissertação onde se procede a uma aproximação de escala e ao estudo do edifício singular e da célula de habitação. Deste modo, foram selecionados 6 casos de estudo entre os 39 edifícios plurifamiliares construídos no século XX na rua. Com esta análise mais aproximada, pretende-se explicitar os processos de variação dos modelos de habitação, entre a continuidade e a inovação e, ao confrontar os fogos desenhados entre o início e final do século XX, compreender de que modo estes evoluíram, ou antes, se adaptaram a modos de vida, exigências regulamentares e lógicas imobiliárias em mutação.

8. OLIVEIRA, J M PEREIRA DE - O espaço urbano do Porto condições naturais e desenvolvimento. Coimbra, Centro de Estudos Geográficos, 1973,p. 329.

Figura 1- Planta da Cidade do Porto com apontamento da Rua de 5 de Outubro (a laranja), (OLIVEIRA, VÍTOR ARAÚJO DE, 2004)

1. A Rua de 5 de Outubro

1.1. Evolução do eixo urbano: traçado, consolidação e caracterização

[Anexo II]

Até ao século XVIII, a cidade do Porto traduzia-se num conjunto edificado de construção medieval, circunscrito por uma muralha, também medieval, que, por ter sido finalizada durante o reinado de D. Fernando[9], ficou conhecida como a *muralha fernandina*. Este conjunto urbano (Figura 2) caracterizava-se por ser irregular, em função da topografia do terreno, com a zona da Ribeira desenvolvida no séc. XIV devido à "intensificação da vida mercantil e da acentuação duma classe burguesa"[10].

Figura 2- Planta do Porto Medieval, reconstrução da autoria de Luís Aguiar Branco, publicada em 1999.

Apesar de não ter tido efeitos diretos na cidade do Porto, o terramoto de 1755 pode ser considerado o episódio catalisador que iniciou a promoção urbanística da cidade. Em 1758, o Marquês de Pombal foi responsável pela criação da Junta de Obras Públicas[11], monitorizada por João de Almada e Melo e seguidamente pelo seu filho Francisco de Almada e Mendonça, enviados para o Porto por iniciativa do Marquês de Pombal, que procurava prolongar a sua estratégia de intervenção urbana no norte do país[12].

O plano dos Almadas passava por renovar e regularizar a cidade dentro das muralhas medievais bem como ordenar o crescimento urbano para além delas, que ocorria erraticamente sobre a forma de núcleos agrícolas que se formavam ao longo das cinco vias de saída da cidade[13].

9. RAMOS, LUÍS A DE OLIVEIRA - História do Porto. Porto: Porto Editora, 1994, p.656: "1370- Conclusão da cerca gótica".
10. FERRÃO, BERNARDO - Projecto de transformação urbana do Porto na época dos Almadas 1758-1813 uma contribuição para o estudo da cidade pombalina. Porto: FAUP, 1997, p. 45.
11. Ibid., p.94.
12. OLIVEIRA, J M PEREIRA DE - O espaço urbano do Porto condições naturais e desenvolvimento. Coimbra, Centro de Estudos Geográficos, 1973, p. 263.
13. Ibid., p.282

A planta publicada em 1813 (Figura 3), da autoria de George Balck representa a cidade do Porto cartograficamente, em toda a sua extensão[14], sendo, portanto, possível iniciar com este elemento o estudo da evolução urbana da cidade.

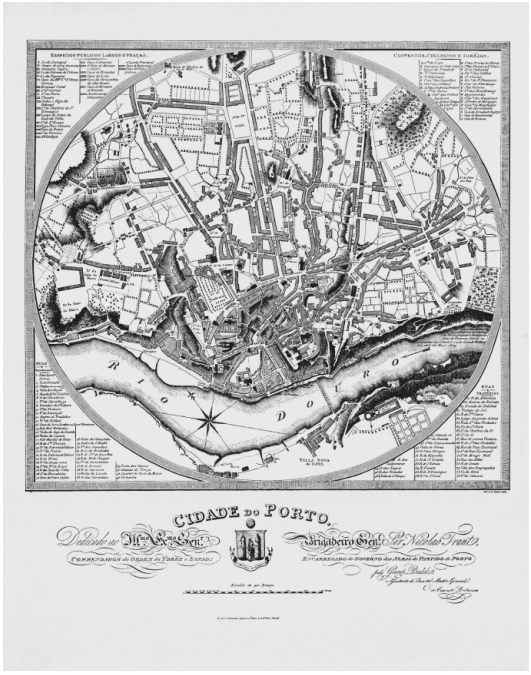


Figura 3- Planta 'Redonda' da cidade do Porto, autoria de George Balck, publicada em 1813.

Até à publicação da planta topográfica de 1892, da autoria de Telles Ferreira, a representação gráfica da cidade do Porto estava restringida aos limites usados na Planta "Redonda", os mesmos da cartografia de Perry Vidal (Figura 4), publicada em 1865. Este desenho circundava até ao limite da Rua da Boavista, que em 1813 atingia a Rua de Cedofeita, sendo que só mais tarde, com a publicação da cartografia de 1892, a Rua de 5 de Outubro é retratada. Contudo, no intervalo de anos que separa os dois desenhos ocorreram desenvolvimentos históricos e urbanos significativos que influenciaram a morfologia deste arruamento em estudo.

Figura 4- Planta da Cidade do Porto, autoria de Perry Vidal, publicada em 1865.

14. Ibid., p. 279.

Na planta de 1865, verificava-se a expansão da Rua da Boavista e a construção de um equipamento importante: o Hospital Militar, que segundo Vítor Oliveira[15] teve um papel 'estruturante' nesta formação urbana.

Como Luís Oliveira Ramos afirma em A História do Porto[16], a Praça da Boavista, hoje designada Praça de Mouzinho Albuquerque, foi aberta em 1868 e foi a partir desta que se determinou a abertura das seis vias que a circundam, para além das já existentes Rua e Avenida da Boavista. Destas seis faz parte a Rua de 5 de outubro, que se pode determinar ter sido aberta entre 1868[17] e 1892 e concluída até 1903[18].

A abertura destas seis vias radiais proporciona à Praça o estatuto de "centro de fluxo de tráfego"[19], potenciado também pela linha ferroviária que parte da Boavista para a Póvoa de Varzim e Famalicão, com a estação Porto-Boavista (1875)[20], atualmente devoluta; e pelos transportes sobre carris, inicialmente de tração animal e mais tarde de tração a vapor que partiam da Praça Carlos Alberto e seguiam até à Foz, passando pelo eixo da Boavista. Em 1874[21] é inaugurada esta linha, com a Estação da Companhia Carris de Ferro do Porto no local de implantação hoje ocupado pela Casa da Música. Esta última linha não só potenciou o desenvolvimento da zona da Foz[22] mas também atraiu a povoação e ocupação[23] deste novo 'centro' urbano.

É contudo em 1881, com o Plano de Melhoramento da Cidade do Porto do Engenheiro Correia Barros, que se prevê uma estratégia de intervenção urbana pela primeira vez desde a extinção da Junta de Obras Públicas em 1833[24]. Este plano previa intervencionar a cidade de forma a combater os problemas de salubridade e abastecimento de águas e o melhoramento e aumento da rede viária[25].

Estas propostas urbanas encontram-se já postas em prática na planta de Telles Ferreira (Figura 5), publicada em 1892 e que é a primeira peça cartográfica onde é representada a totalidade da cidade do Porto. Neste desenho observa-se ainda a estrutura das três zonas distintas referidas por Vítor Oliveira[26], numa fase avançada de evolução, destacando-se os eixos da Avenida da Boavista e da Constituição, a partir dos quais se desenvolve a evolução da zona oeste da cidade.

Encontra-se também representada, pela primeira vez, a Rua 5 de Outubro (Figura 6) que, até 1911 tinha o nome de Rua do Príncipe da Beira, toponímia presente na cartografia do Engenheiro Telles Ferreira. Observa-se já a ocupação deste arruamento, especificamente

15. OLIVEIRA, VÍTOR ARAÚJO DE - A evolução das formas urbanas de Lisboa e do Porto. Porto: FAUP, 2004 , p.88.
16. RAMOS, LUÍS A DE OLIVEIRA - História do Porto. Porto: Porto Editora, 1994 , p.390.
17. A Licença de Obra, disponível no Arquivo Histórico Municipal do Porto, mais antiga e referente à Rua do Príncipe da Beira data de 1868, pressupondo-se assim a existência deste lugar nesta data.
18. OLIVEIRA, J M PEREIRA DE - O espaço urbano do Porto condições naturais e desenvolvimento. Coimbra, Centro de Estudos Geográficos, 1973 , p.331.
19. RAMOS, LUÍS A DE OLIVEIRA - História do Porto. Porto: Porto Editora, 1994, p.390.
20. FONSECA, ADÉLIA LUISA T SILVA - Porto norte Dinâmicas urbanas e sua evolução. Porto, 1998, p. 60
21. OLIVEIRA, J M PEREIRA DE - O espaço urbano do Porto condições naturais e desenvolvimento. Coimbra, Centro de Estudos Geográficos, 1973, p.324.
22. Ibid., p.341.
23. Ibid., p.325.
24. OLIVEIRA, VÍTOR ARAÚJO DE - A evolução das formas urbanas de Lisboa e do Porto. Porto: FAUP, 2004, p.98.
25. Ibid., p.99.
26. Ibid., p.90.

Figura 5- Carta topográfica da cidade do Porto, autoria de Telles Ferreira, 1892.

Figura 6-Aproximação da Carta Topográfica da cidade do Porto de 1892.

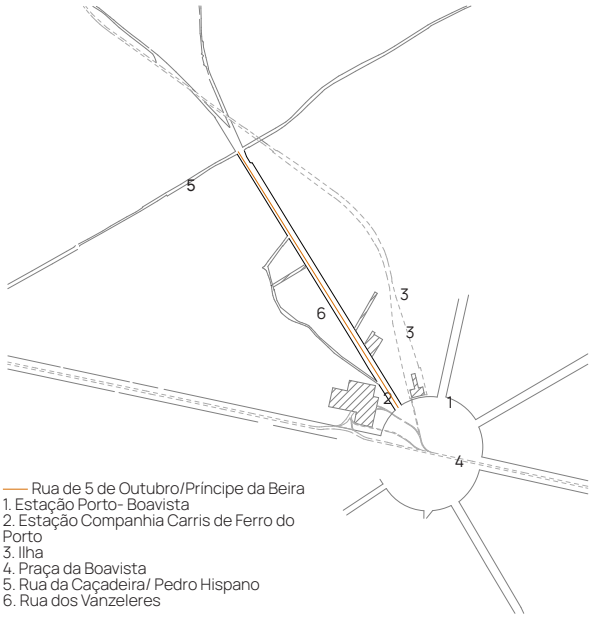


Figura 7-Esquema da envolvente urbana da Rua de 5 de Outubro, sobre a planta de 1892.

na parte sul, apoiada na Praça da Boavista. Este conjunto edificado é composto principalmente por habitações unifamiliares, mas para além disso, pode distinguir-se a formação de três ilhas, uma delas tendo sido demolida, entretanto. A presença deste tipo de habitação num arruamento em fase tão embrionária demonstra a sua 'popularidade' no final do século XIX, apoiada pelas estatísticas que demonstram que, nesta altura, cerca de um terço dos portuenses habitavam em ilhas[27].

No início do século XX, contudo, este trajeto de evolução é travado pela epidemia de peste bubónica que atingiu a cidade em 1899 e consequente cordão sanitário, sendo que desde a publicação da planta de Teles Ferreira até à próxima cartografia em 1903, é de notar apenas a conclusão da Avenida da Boavista, "principal eixo de expansão"[28] na cidade nesta fase. Para além disso, observa-se ainda nesta Planta (Figura 8), que a Rua do Príncipe da Beira

27. RAMOS, LUÍS A DE OLIVEIRA - História do Porto. Porto: Porto Editora, 1994 , p. 396.
28. OLIVEIRA, VÍTOR ARAÚJO DE - A evolução das formas urbanas de Lisboa e do Porto. Porto: FAUP, 2004, p. 90.

tinha de igual modo sofrido uma pequena evolução, evidente no alargamento de arruamentos secundários, a esta perpendiculares: a Rua dos Vanzeleres e Rua da Caçadeira (hoje Rua de Pedro Hispano).

Figura 8-Aproximação da Planta da Cidade do Porto, de 1903, na Rua de 5 de Outubro e arredores.

Na figura 9, retrata-se a planta atual da rua em estudo, destacando-se os edifícios mais antigos que a compõe, de construção no século XIX, observando-se, para além das ilhas, a presença de habitações unifamiliares, que se encontram maioritariamente devolutas.

Figura 9-Planta da rua de 5 de Outubro. Construções anteriores ao século XX, escala 1:4000

Existe um arco temporal considerável entre a publicação do Plano de Melhoramento do Eng. Correa Barros até à seguinte, em 1932, da autoria do Eng. Ezequiel de Campos. Este documento, intitulado "Prólogo ao Plano da Cidade do Porto" e acompanhado por um desenho cartográfico (figura 10) previa a intervenção numa área alargada da cidade, com os municípios adjacentes. A planta do mesmo ano demonstra principalmente a estruturação da zona central de expansão[29] e a consolidação urbana em torno da Avenida da Boavista.

29. Ibid., p.91.

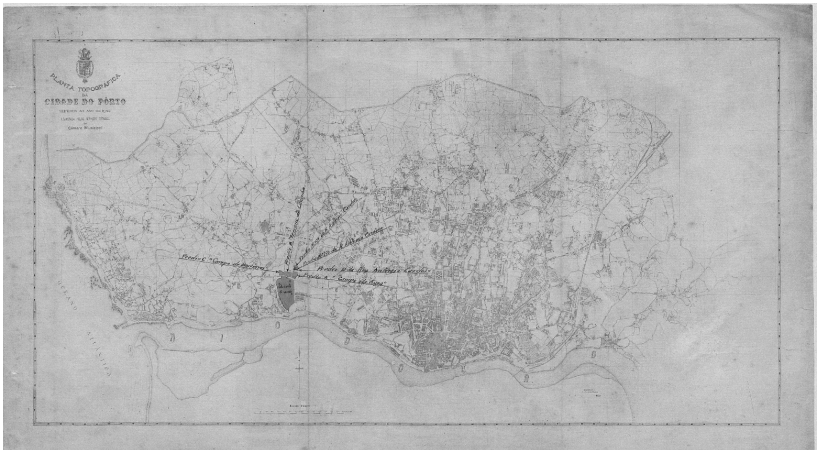


Figura 10-Planta Topográfica da Cidade do Porto, Gabinete Técnico, 1932

Na década de 1940, o Arq. Marcello Piacentini e o Arq. Giovanni Muzio desenvolveram estudos, nomeadamente o "Plano Geral de Urbanização", que não chegaram a ser efetivados. Já o "Plano Regulador do Porto" (1947-1954) da autoria do Eng. Almeida Garrett acabou por ser promulgado, tendo como proposta atuar sobre quatro escalas, a da vizinhança, bairro, freguesia e unidade urbana[30]. Este plano prevê, para esse efeito, a estruturação de uma rede viária de conceções que facilite as comunicações entre estes escalões. Estão incluídas neste conjunto de intervenções a VCI, estrada de Circulação, Via Norte, Via Panorâmica, Avenida AIP, entre outras estruturas urbanas como por exemplo a Ponte da Arrábida.

Nas fotografias aéreas de 1939/1940 (Figura 11)verifica-se uma evolução significativa dos arruamentos apoiados na Rotunda da Boavista e, comparativamente às cartografias assinaladas anteriormente, a Rua de 5 de Outubro está já completamente consolidada.

Figura 11- Montagem das fotografias aéreas da cidade do Porto, 1939-1940, com foco na Rua de 5 de Outubro e arredores

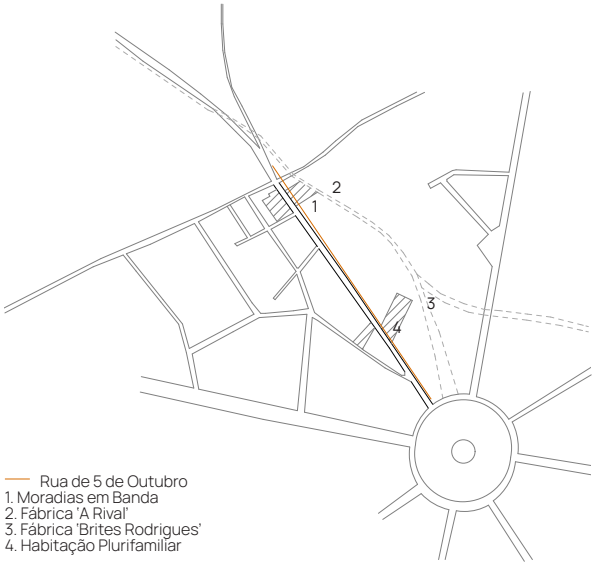


Figura 12-Esquema da envolvente viária principal da Rua de 5 de Outubro, sobre as fotografias aéras de 1940

30. Ibid., p. 103.

Estas imagens evidenciam que as habitações unifamiliares 'burguesas' e de um piso ocupam lotes mais estreitos e de frente de rua; enquanto os 'palacetes', de quatro frentes e acesso pelo logradouro, se encontram nos quarteirões a norte, em lotes notoriamente de maior dimensão. Para além disso, na fração a norte da rua, em cruzamento com a Rua Redro Hispano apresenta-se um conjunto habitacional de casas geminadas- "casas tipicamente burguesas associadas em banda"[31], um conjunto de promoção privada com a finalidade de arrendamento[32]- atualmente demolido. Observa-se também a diferença entre a parte a poente da rua e a nascente, onde não existe repartição de quarteirões mas antes os lotes são todos delimitados pela linha ferroviária em de direção Póvoa de Varzim.

Por outro lado, surgem programas não residenciais: a empresa de serração de madeiras "A Rival" e uma outra construção de natureza industrial - a fábrica de moagem "Brites Rodrigues"[33], aparentemente integradas na malha urbana restante, de programa residencial.

Estes edifícios, de diferentes tipos, foram sistematicamente sendo demolidos e substituídos por prédios de habitação plurifamiliar, um processo que acelerou a partir dos anos 60 do século XX neste arruamento em particular. Tal processo observa-se entre o contraste das imagens áreas (Figura 11), onde se verifica a intensa consolidação da rua e a planta atual (Figura 13), e a mancha que representa as construções desta época que chegaram aos dias de hoje.

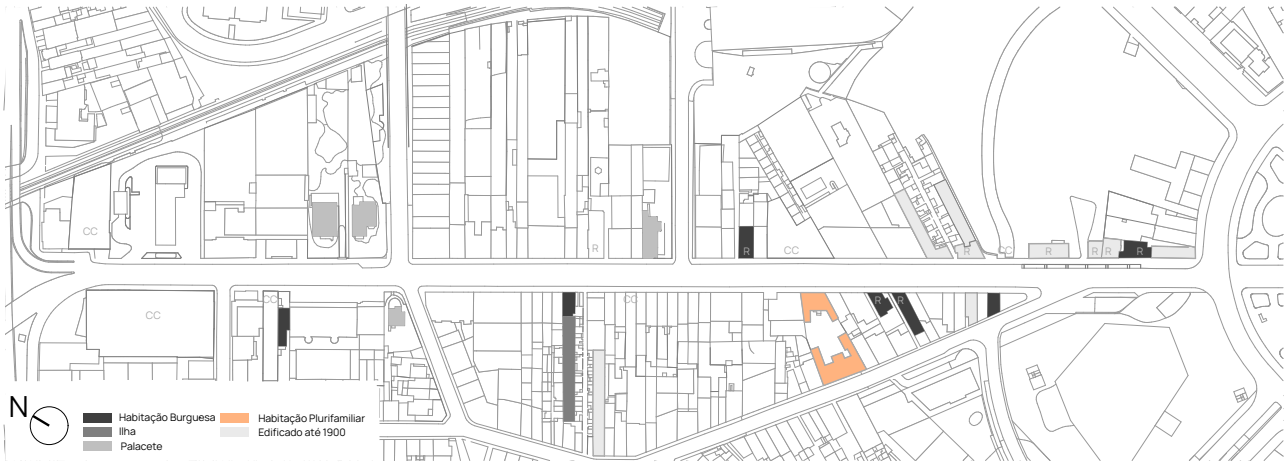


Figura 13-Planta da rua de 5 de Outubro. Construções até 1940, escala 1/4000.

Ainda nestas fotografias aéreas destaca-se o primeiro conjunto habitacional de natureza plurifamiliar da Rua 5 de Outubro, dos anos 30, fazendo parte do conjunto de prédios de rendimento que surgiram na cidade em meados do século e que se caracterizam por processos de experimentação.

31. CEITLIN, TOMÁS FRIAS - A persistência da memória na cidade contemporânea reabilitação de conjunto habitacional na Rua de 5 de Outubro. Porto: FAUP, 2020, p. 40.
32. "(...) opresente projeto refere-se à construção de um grupo de 4 casas para rendimento, destinadas a habitação, que José de Passos Mesquita, deseja mandar construir no seu terreno da rua 5 de Outubro e em harmonia com o projeto junto.", LO 1922 /967, p.2, in https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/91226/
33. "(...)a empresa de serração de madeiras A Rival (n.º 574), e a Fábrica de Moagem Brites Rodrigues & C.ª, Ltd. (n.º 154), na Rua 5 de Outubro" in https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/587661/

A planta de 1960 revela o início da prática do Plano de Almeida Garrett com a génese das vias de circulação projetadas nos anos 40. Para além disso, tal como Vítor Oliveira[34] sublinha, esta peça cartográfica demonstra o "desenvolvimento da área central de expansão, assente numa grande continuidade com o núcleo central" e a construção de núcleos de habitação social principalmente na zona periférica de expansão.

Figura 14-Planta da Cidade do Porto, 1960.

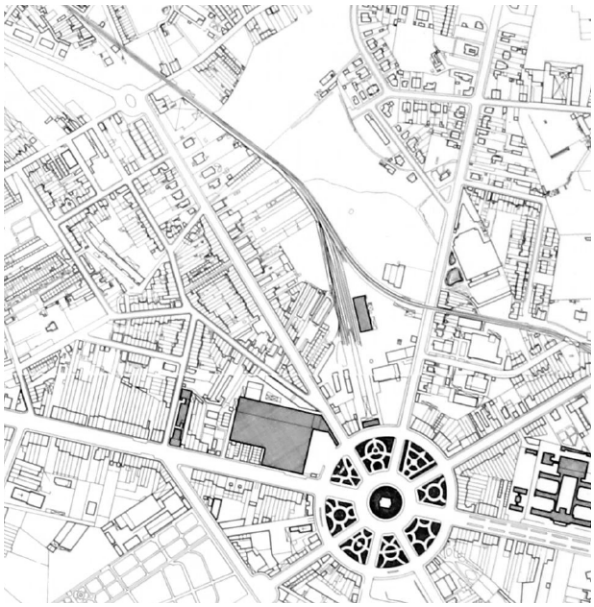


Figura 15- Aproximação da planta de 1960 na Rua de 5 de Outubro e arredores

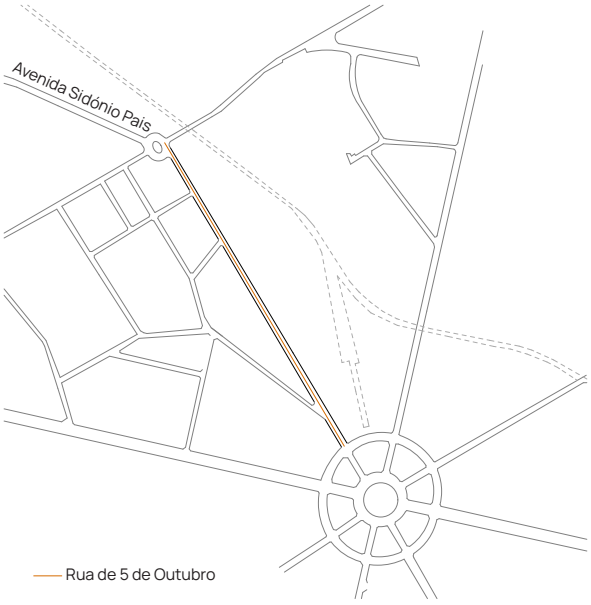


Figura 16- Esquema da envolvente viária principal da Rua de 5 de Outubro, sobre a planta de 1960

Para a dinâmica urbana da Rua de 5 de Outubro, foram nesta época consideráveis não só estes fatores mas também a abertura da Avenida AEP, passando pela Avenida Sidónio Pais. Este eixo, em 1960 ainda pouco consolidado, potencia a ligação do 'centro histórico' da cidade ao Porto de Leixões e ao Aeroporto, inaugurado em 1945. Assim, determina-se o papel que a Rua de 5 de Outubro terá até aos dias de hoje como eixo urbano potenciador desta ligação, evidente já na planta de 1960.

34. OLIVEIRA, VÍTOR ARAÚJO DE - A evolução das formas urbanas de Lisboa e do Porto. Porto: FAUP, 2004, p.92.

Figura 17-Planta da rua de 5 de Outubro. Construções até 1960, escala 1/4000.

O Plano Diretor da Cidade do Porto da autoria de Robert Auzelle publica-se 1962, em continuidade com o Plano de Garrett, ainda que contendo um conjunto de reformulações. O último plano urbano do Porto publicado durante o século XX, da autoria de Arq. Duarte Castelo Branco em 1978, consta numa pormenorização e definição das intervenções previstas em planos anteriores e a inclusão de autoestradas,nomeadamente a A1, A3 e A4.

Figura 18-Planta topográfica da cidade, 1978

Figura 19- Aproximação da planta de 1978 na Rua de 5 de Outubro e arredores

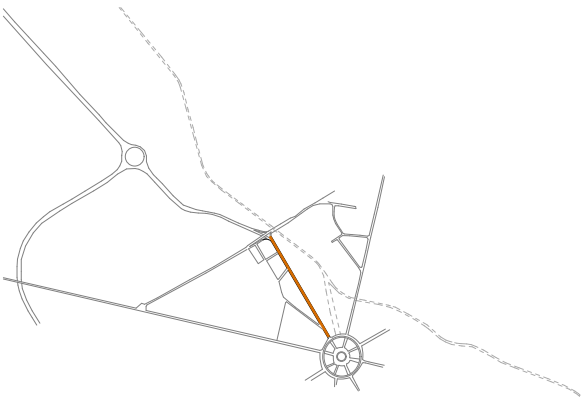


Figura 20- Esquema da envolvente viária principal da Rua de 5 de Outubro, sobre a planta de 1978

Na planta de 1978 (Figura 18) destaca-se a área ocupada pelos bairros de habitação construídos até 1966, que teve um crescimento notável e, maioritariamente, em zonas periféricas e isoladas. As propostas dos Planos de Almeida Garrett e Robert Auzelle encontravam-se já representadas neste mapa, na sua maioria, incluindo a Ponte da Arrábida e o troço da VCI a poente, para além da Via Norte. A Avenida AIP tinha sido consolidada através da construção de grandes complexos industriais, que atraíram o desenvolvimento urbano nesta zona da cidade.

Por outro lado, em 1978 a VCI estava concluída até ao nó de Francos, o que também potenciou a urbanização da Rua de 5 de Outubro. Na planta da cidade do Porto publicada nesse ano pode-se observar que a rua estava completamente consolidada. A norte, destaca-se a construção do viaduto Pedro Hispano, concluído durante os anos 60 (Figura 21) que facilita a passagem do trânsito entre a Rua de 5 de Outubro e a Avenida de Sidónio Pais.

Figura 21, 22- Fotografias do viaduto da Rua de Pedro Hispano, datadas de 1963 (esquerda) e 1966 (direita)
Na primeira fotografia aponta-se a, entretanto demolida, fábrica 'A Rival', projetada pelo Arquiteto Júlio de Brito, entre outros (edfíficio com LO 1934/611).

Ao analisar a mancha de construção desta década na planta atual (Figura 23), observa-se que as novas construções são maioritariamente de cariz plurifamiliar, resultado do processo de substituição de lotes ocupados por casas burguesas mas, para além disso, começam a surgir edifícios de grande frente, presentes nos dois quarteirões mais a norte do arruamento.

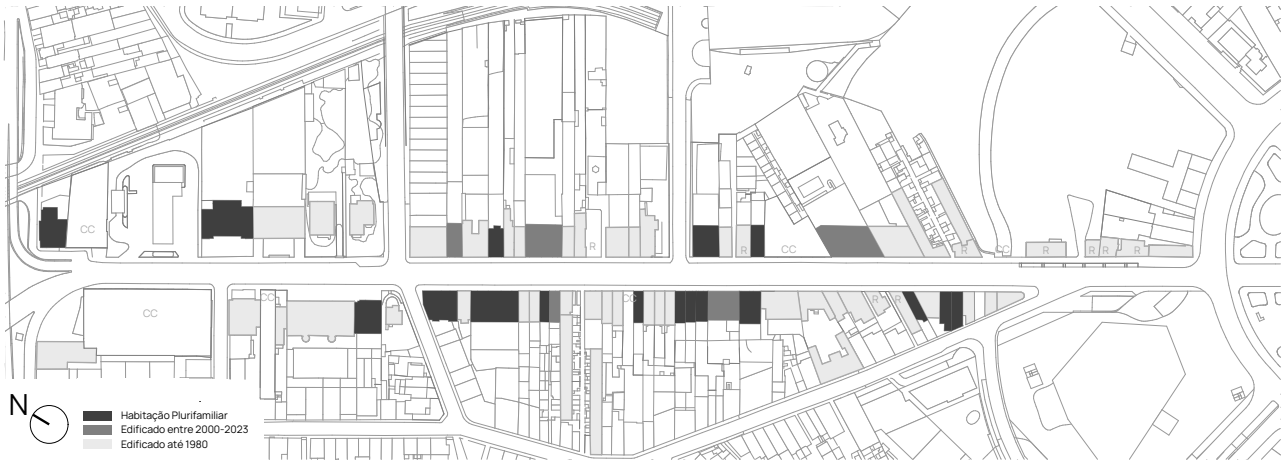


Figura 23- Planta da rua de 5 de Outubro. Construções até 1980

A planta publicada em 1992 demonstrava a ligação às autoestradas planeadas em 1978 e a conclusão da VCI até às Antas, se estendia até à ponte do Freixo na planta de 1997 (Figura 24). A conclusão da VCI confere à cidade a categoria de centro urbano no norte do país, com os seus oito nós de ligação a diferentes cidades, para além da Ponte do Freixo, inaugurada em 1995, facilitando a passagem para o Sul do rio Douro. Para além disso, depois da conclusão do eixo da Boavista destaca-se a abertura do Parque da Cidade que iria alterar para sempre o conceito de espaço público de lazer na cidade[35].

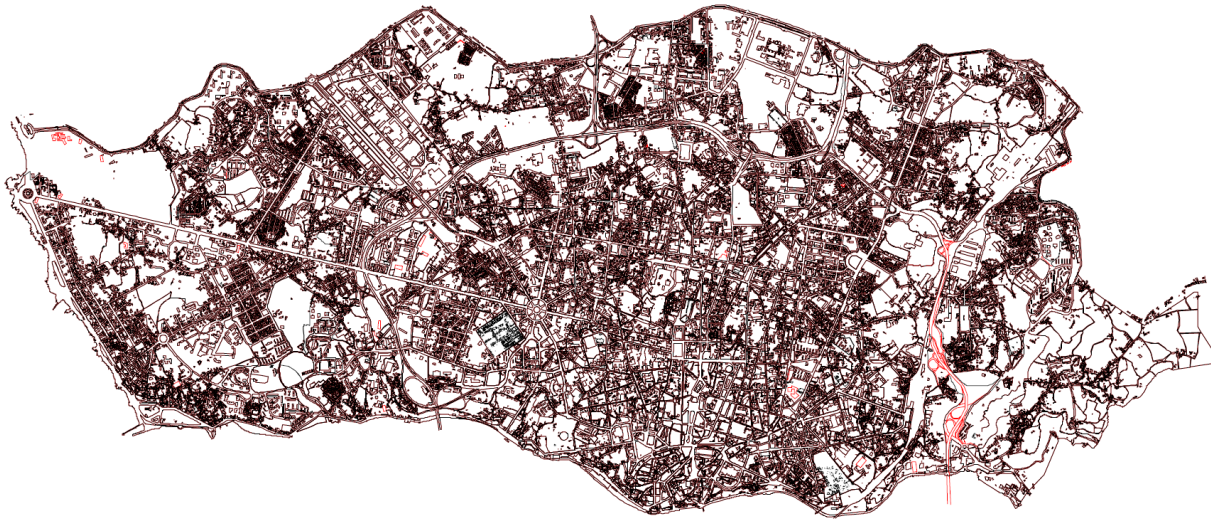


Figura 24- Sobreposição das Plantas do Porto de 1992 (preto) e 1997 (vermelho), fonte: (OLIVEIRA, VÍTOR ARAÚJO DE, 2004)

Na última década do século XX, na Rua 5 de Outubro continuava a manifestar-se a substituição sistemática de edifícios de habitação unifamiliar por prédios multifamiliares, com frentes cada vez maiores, correspondentes à associação de múltiplos lotes tradicionais.

A planta da cidade datada de 2003 (Figura 25) demonstra a demolição da 'Remise da Boavista' para ser construída, no seu lugar, a Casa da Música, inaugurada em 2005. Para além disso, destaca-se a reconversão da linha ferroviária Porto- Póvoa de Varzim para a linha de metro, com estação nos terrenos adjacentes aos do arruamento em estudo.

Figura 25- "Planta da Situação Existente", 2003, fonte: (OLIVEIRA, VÍTOR ARAÚJO DE, 2004)

35. Ibid., p.96.

Atualmente, e tal como Vítor Oliveira demonstra na Figura 26, a Rua de 5 de Outubro é um dos principais eixos de acesso à circulação dentro da cidade: é uma das oito ruas que se distribuem através da Praça Mouzinho Albuquerque, centro de convergência na cidade e de distribuição desde o centro para a periferia e cidades a norte. A Rua de 5 de Outubro serve de acesso desta zona à VCI e também à Circunvalação, atravessando a Avenida AIP.

Figura 26-Toponímia dos Principais Espaços Exteriores de Circulação", fonte: (OLIVEIRA, VÍTOR ARAÚJO DE, 2004)

Para além da relação com a rede viária, este arruamento existe em proximidade com a linha de metro, sendo que a estação Casa da Música se encontra nas traseiras da Rua e que atualmente está sobre processo de alargamento, como se pode observar na Figura 27, com a abertura da linha H que terá paragem nesta estação.

Figura 27-Fotografia aérea da Rua de 5 de Outubro e arredores, Google Earth 2023

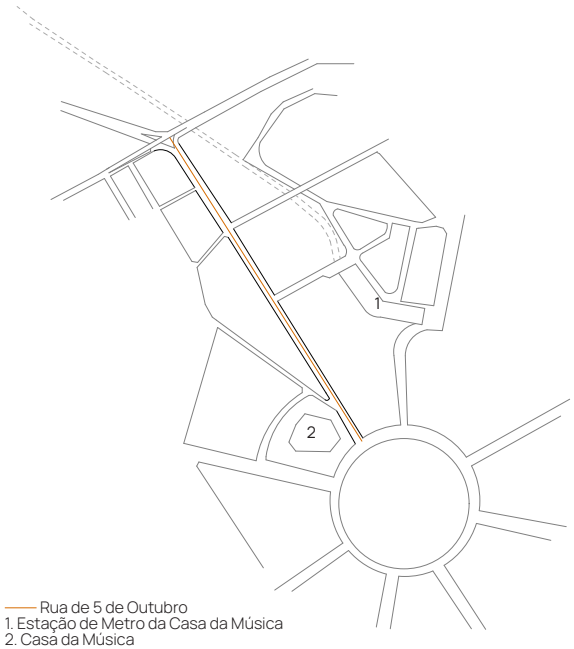


Figura 28- Esquema da envolvente viária principal da Rua de 5 de Outubro, sobre a fotografia aérea de Outubro de 2023

Em relação ao programa, a Rua é predominantemente residencial, destacando-se a Casa da Música, como edifício de exceção, que faz frente com a Praça de Mouzinho Albuquerque. As construções de cariz industrial foram substituídas, sendo que no lugar da Fábrica de Moagem Brites e Rodrigues encontra-se hoje um edifício de habitação plurifamiliar (edifício com Licença de Obra LO 1974/332). Em relação à Fábrica de Serração 'A Rival', foi construído no seu lote um posto de abastecimento (BP) também nos finais do século XX, sendo este o segundo edifício da rua que não é de programa habitacional.

De um modo geral, a Rua de 5 de Outubro caracteriza-se atualmente como um eixo urbano de significativa importância para a circulação viária da cidade do Porto e como um arruamento em constante mutação, sendo que se observa, a partir das cartografias analisadas, a uma significativa renovação urbana num espaço curto de 50 anos.

Aquando da realização desta dissertação, aponta-se a construção em curso de cinco lotes, um deles em substituição do conjunto de habitações burguesas construídas nos anos 20; e, para além disso, vários edifícios devolutos.

Figura 29-Conjunto de fotografias dos lotes em construção em 2023

Figura 30- Conjunto de habitações burguesas, em estado devoluto, antes da demolição,
fonte: (CEITLIN, TOMÁS FRIAS, 2020)

1.2. A habitação unifamiliar: tipos e a sua evolução

Após o enquadramento da génese e natureza urbana da Rua de 5 de Outubro, o passo seguinte detém-se na caracterização do seu edificado, sendo que para a finalidade desta dissertação, esta focar-se-á apenas nos edifícios de habitação. Estas variam de tipo, sendo o mais comum a habitação plurifamiliar, que constitui mais de 60% do edificado [Anexo IV]. Em relação à habitação unifamiliar, os dois tipos com maior presença neste arruamento são as ilhas e a habitação 'burguesa', da primeira metade do século XX.

Relativamente à evolução da habitação portuense, a obra Transformação e Permanência na Habitação Portuense[36] de Francisco Barata foca-se na análise dos tipos de habitação 'burguesa'. Na intervenção urbana Almadina estava subjacente, para além do crescimento da cidade, "a criação de uma nova arquitetura para a Cidade Nova"[37], sendo que as novas construções eram realizadas com uma linguagem neoclássica, de influência britânica, distanciando-se assim do barroco que até aí dominava no Porto[38]. Contudo, no que toca à habitação, o desenvolvimento teve como base os modelos de habitação até aí produzidos. Em Lisboa, na mesma época (século XVIII), experimentavam-se o prédio de rendimento e a casa operária[39], tipologias que surgiram no Norte apenas no século XX.

Francisco Barata infere que o tipo mais antigo construído no Porto é a habitação *Mercantilista* (Figura 31), presente no núcleo urbano interno às muralhas medievais. Estas habitações caracterizavam-se por terem uma ou duas frentes de rua, sem logradouros, ou seja, em ocupação total dos lotes, e pela sua implantação orgânica, em função das pendentes. O piso térreo destes edifícios era geralmente ocupado por um estabelecimento comercial e, nas zonas de Miragaia e Ribeira é evidente a presença de pórticos sendo este modelo facilmente identificado[40].

Figura 31- Exemplos de habitações burguesas do tipo Mercantilista, Praça da Ribeira, fonte: (FERNANDES, FRANCISCO JOSÉ BARATA, 1996)

36. FERNANDES, FRANCISCO JOSÉ BARATA - Transformação e permanência na habitação portuense as formas da casa na forma da cidade. Porto: FAUP, 1996.
37. FERRÃO, BERNARDO - Projecto de transformação urbana do Porto na época dos Almadas 1758-1813 uma contribuição para o estudo da cidade pombalina, Porto: FAUP, 1997, p. 219.
38. Ibid., p.192.
39. Ibid., p.219
40. FERNANDES, FRANCISCO JOSÉ BARATA - Transformação e permanência na habitação portuense as formas da casa na forma da cidade. Porto: FAUP, 1996, p.121.

Por outro lado, o tipo *Iluminista* (Figura 32) encontrava-se fora de muralhas, nas ruas abertas durante a expansão Almadina como é o caso da Rua do Almada, de Cedofeita e Santa Catarina[41], entre outras. Apesar de ser uma variação do seu precedente, neste tipo de habitação o lote era mais largo e existiam duas frentes, sendo o logradouro um elemento regular. O piso térreo era dedicado a uma atividade de comércio ou oficina e existia uma entrada independente para os pisos superiores, destinados à residência unifamiliar[42]. A linguagem das fachadas constituía, porém, a transformação mais evidente, sendo que se adotou o estilo *neopalladiano* britânico[43] (nos edifícios de maior escala) e, para além disso, desenvolveu-se, nestes arruamentos, uma maior preocupação com o desenho de conjunto. Os edifícios passaram a ter cérceas regulares, composições simétricas e é evidente a "sistematização dos princípios ementares arquitetónicos"[44].

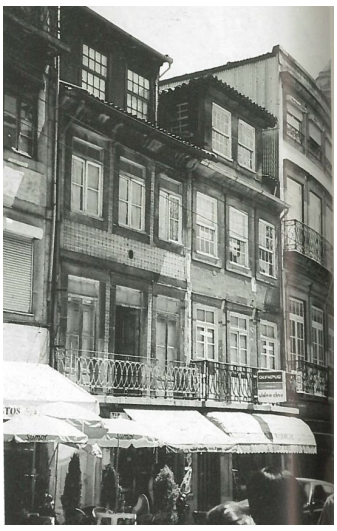


Figura 32- Exemplos de habitações burguesas do tipo Iluminista, Rua de Santa Catarina, fonte: (FERNANDES, FRANCISCO JOSÉ BARATA, 1996)

No início do século XIX, as intervenções urbanas sofreram um abrandamento devido às Invasões Francesas e, mais tarde, à Guerra Civil que se manifestou no Cerco do Porto com a duração de um ano, resultando na vitória da causa Liberal e dando início a uma nova época. Francisco Barata[45] associa a esta o surgimento de um novo tipo de habitação, batizado de habitação burguesa *Liberal* (Figura 33). Este tipo encontrava-se já na *zona periférica de expansão*, em arruamentos como a Rua Álvares Cabral e Avenida da Boavista[46], tendo sido propagado até meados do século XX[47] e sendo, portanto, o único tipo de habitação burguesa que se encontra na Rua de 5 de Outubro. Pode ser segmentado em dois grupos: "o da continuidade com a tipologia polifuncional Almadina e o da casa burguesa mono-funcional"[48], caracterizada pelo típico rés-do-chão sobrelevado.

41. Ibid., p.79.
42. Ibid., p.144.
43. FERRÃO, BERNARDO - Projecto de transformação urbana do Porto na época dos Almadas 1758-1813 uma contribuição para o estudo da cidade pombalina. Porto: FAUP, 1997, p. 221.
44. FERNANDES, FRANCISCO JOSÉ BARATA - Transformação e permanência na habitação portuense as formas da casa na forma da cidade. Porto: FAUP, 1996, p. 144.
45 . Ibid., p.170.
46. Ibid., p. 79.
47. Ibid., p.81.
48. Ibid. p. 170.

Figura 33-Exemplos de habitações burguesas do tipo Liberal, fonte: (FERNANDES, FRANCISCO JOSÉ BARATA, 1996)

Na Rua de 5 de Outubro, é exemplo deste primeiro modelo (polifuncional), o edifício com LO 1554/1909 (Figura 34), onde o piso térreo é ocupado por um estabelecimento comercial. Este modelo é resultado da continuidade da "tradição de edificar", com a fachada tripartida e, ainda que este caso em específico tenha duas frentes de rua, existe uma clara distinção no tratamento das fachadas, sendo que a frente da Rua de 5 de Outubro é tratada como a frente principal. Na distribuição do fogo no piso 1, os quartos encontram-se voltados para esta fachada com a distinção da zona de dia para a fachada oposta, da qual se integram as instalações sanitárias, na ausência de um logradouro.

Figura 34- Edifício com LO 1554/1909, fachada da Rua de 5 de Outubro

Figura 35- Edifício com LO 1554/1909, fachada da Rua dos Vanzeleres

Figura 36- Planta do piso 1 do edifício com LO 1909/1554, escala 1/350

Por outro lado, surge, em meados do século XIX, uma tipologia de habitação burguesa de programa unicamente residencial. Estes edifícios, inserem-se em lotes de dimensões tradicionais, cerca de 6 metros e com profundidades entre 15 e 20 metros[49]. Destaca-se, contudo, a cave semienterrada, de programa igualmente residencial e que proporciona uma elevação do piso de rés-do-chão em relação ao nível da rua, possibilitando maior privacidade para estas divisões e com modelos representativos na rua em estudo (Figura 37). Alguns destes destacam-se pela presença da porta no centro da fachada, informando assim do seu programa mono funcional.

49. Ibid., p.171.

Figura 37- Exemplos de edifícios de habitação unifamiliar mono funcional, com cave semienterrada, na Rua de 5 de Outubro.

Para além da distinção relativamente aos vários tipos de habitação burguesa realizada por Francisco Barata, as categorias de habitação definidas por Nelson Mota[50] consideram-se apropriadas para a classificação do conjunto de edifícios do arruamento em estudo, uma vez que se baseiam na relação destes com a implantação urbana.

O autor considerou a "moradia isolada sem acesso direto ao exterior"[51], o mesmo conjunto de edifícios que Maria do Carmo Marques Pires definiu como palacete: "residência unifamiliar isolada, com uma área média de 1000m2 (...) fachada de leitura horizontal, simétrica e sóbria que transparece uma certa ostentação"[52]. É o caso dos edifícios com LO 1912/780 e LO 1914/578 (Figura 38; 39) que não têm contacto direto com a rua, uma vez que o seu acesso é realizado pelo logradouro sendo o portão o elemento que marca a entrada[53].

Figura 38– 'Moradias isoladas sem acesso direto ao exterior', na Rua de 5 de Outubro; esquerda- edifício com LO 1912/780; direita- edifício com LO 1914/578.

50. MOTA, NELSON - A arquitectura do quotidiano público e privado no espaço doméstico da Burguesia portuense. Coimbra:
51. Ibid., p.103
52. PIRES, MARIA DO CARMO MARQUES - A rua Álvares Cabral 1895-1940 formas de habitar. Porto: Faup, 2000, p.70
53. MOTA, NELSON - A arquitectura do quotidiano público e privado no espaço doméstico da Burguesia portuense. Coimbra, p.131

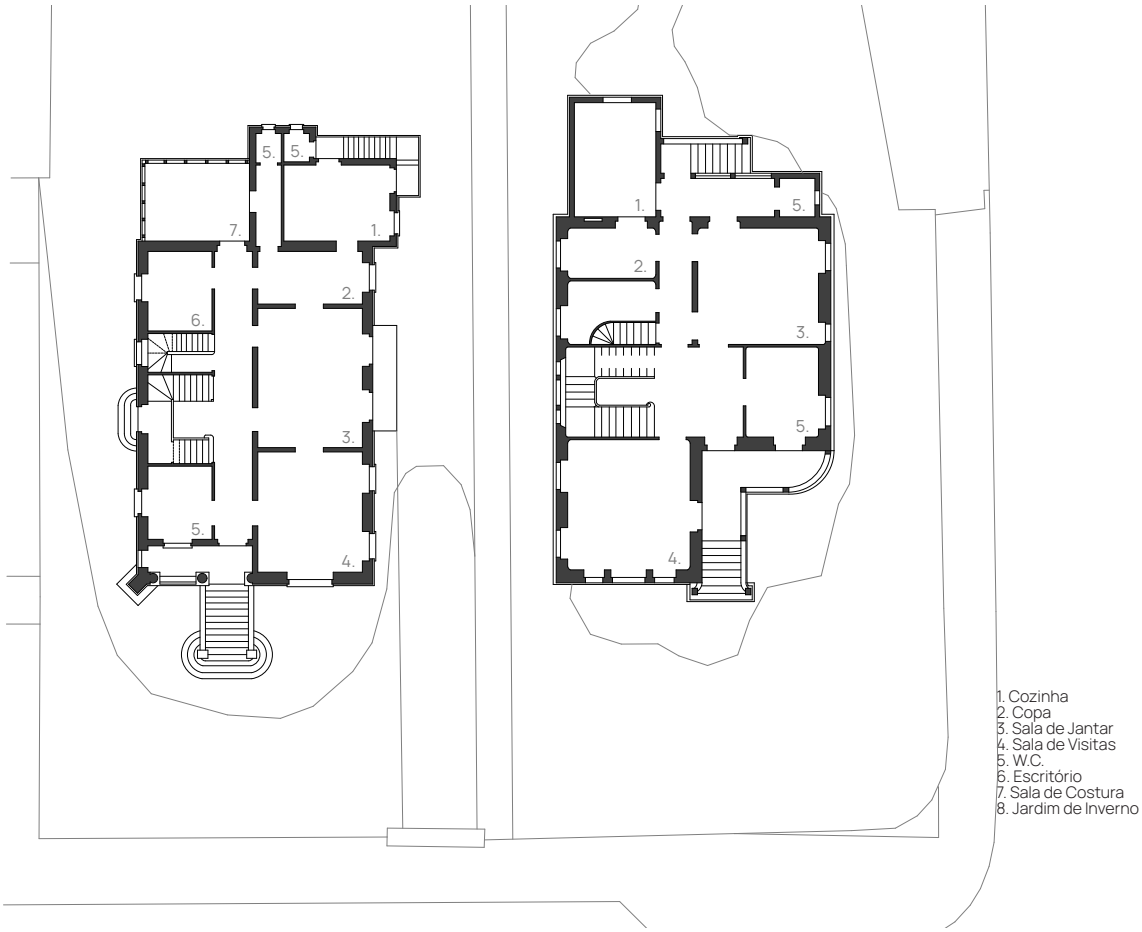


Figura 39- Planta do piso térreo dos edifícios com LO 1912/780 e LO 1914/578, escala 1/350.

Nelson Mota distingue assim os palacetes das moradias em banda- aquelas que ocupam lotes consecutivos, têm duas ou três frentes e diversas relações de acesso pela rua[54]. As habitações unifamiliares da Rua de 5 de Outubro fazem parte, na sua maioria, desta segunda categoria, com bastante variantes. A primeira, a "moradia em banda sem acesso direto ao exterior"[55], inclui os edifícios com LO 1921/126, LO 1935/2072, LO 1937/30 e LO 1938/1186 (Figuras 40) que de distinguem da variante "moradia em banda com três frentes" uma vez que o seu acesso é realizado pelo logradouro enquanto na segunda os edifícios têm acesso direto pela rua, sendo desta exemplos os edifícios com LO 1912/466 e LO 1929/625 (Figura 41).

Figura 40- Conjunto de 'moradias em banda sem acesso direto ao exterior'; da esquerda para a direita: edifício com LO 1921/126, edifício com LO 1935/2072, edifício com LO 1937/30 e edifício com LO 1938/1186.

54. Ibid, p. 106.
55. Ibidem..

Figura 41- Conjunto de 'moradias em banda com três frentes' na Rua de 5 de Outubro;
esquerda- edifício com LO 1912/466,direita- edifício com LO 1929/625

As restantes categorias, "moradia em banda com rés do chão elevado"[56] e "moradia em banda com rés do chão térreo"[57] são praticamente sinónimas, nesta rua, de habitação mono funcional ou habitação com comércio no rés-do-chão (Figura 42).

Figura 42- Conjunto de 'moradias em banda com rés do chão térreo';
esquerda- edifício com LO 1950/853; centro e direita- edifícios com LO N/A

Por outro lado, consideram-se ainda dois modelos intermédios, de habitação *bifamiliar*, nos quais cada piso corresponde à ocupação de uma residência. São deste caso os edifícios com LO 1908/1073 e LO 1940/38 (Figura43). Estes casos em particular distinguem-se por terem sido, desde origem, pensados para albergar duas famílias. Paralelamente, Contrariamente, vão surgindo os primeiros exemplos de habitação plurifamiliar no Porto que resultam da sobreocupação da casa unifamiliar burguesa.

Figura 43- Conjunto de edifícios de habitação *bifamiliar* na Rua de 5 de Outubro;
esquerda- edifício com LO 1908/1073, direita- edifício com LO 1940/38

56. Ibid., p.109.
57. Ibid., p.111.

Francisco Barata relata como os diferentes tipos de habitação burguesa, *Mercantilista* e *Iluminista,* sofreram estas transformações[58] distinguindo entre a sua implantação dentro ou fora de muralhas. Nestas habitações, tirava-se partido da localização central da escada e também do saguão de forma a criar soluções de reorganização das divisões e distribuições de diferentes fogos.

Na Rua de 5 de Outubro, existe um exemplo deste tipo de habitação, o edifício com LO 1948/162 (Figura 44), que demonstra ter sido uma adaptação de uma moradia unifamiliar de tipo Liberal para albergar duas famílias, sendo que foi aberto um saguão e a caixa de escadas adaptada de modo a criar essa possibilidade.

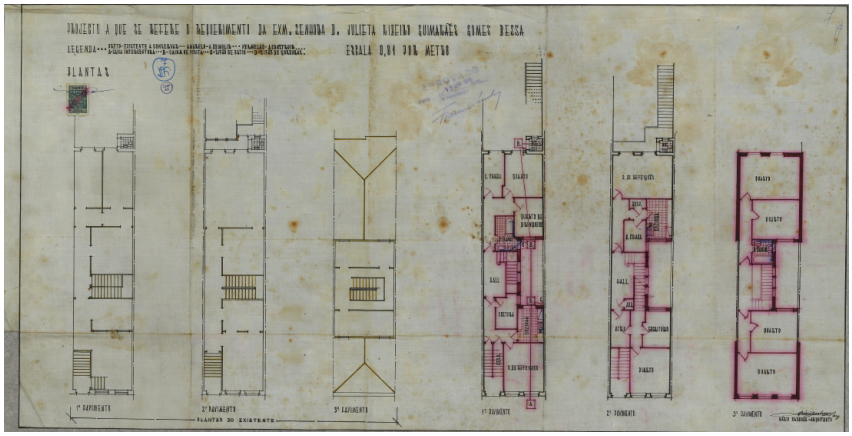


Figura 44 Painel de plantas da LO 1948/162 onde se representa o projeto de adaptação do edifício (a vermelho) para a distinção de dois fogos onde havia anteriormente apenas um.

Figura 45- Pormenor da entrada do edifício com LO 48/162 onde se distinguem duas caixas de correio.

Francisco Barata refere ainda que a proibição do uso de saguões, ocorrida em 1956 por imposição do Regulamento[59] restringiu tremendamente as possibilidades de adaptação que as habitações burguesas possuíam[60] e, para além da experimentação de diferentes tipos de habitações de raiz.

No Porto, a partir da década de 40, vulgariza-se a construção de edifícios de habitação plurifamiliar, sendo que a partir dos anos 60 se observa um fenómeno de substituição lote a lote de parcelas devolutas. A Rua de 5 de Outubro foi alvo deste mesmo processo, de tal modo que hoje grande parte do seu edificado são edifícios plurifamiliares cujas semelhanças, variações e evolução morfológica é bastante complexa e, portanto, tratada em capítulo próprio neste trabalho

Em relação à habitação unifamiliar, cabe ainda considerar as ilhas, um tipo de edificação existente nesta rua. Este tipo de habitação surgiu na cidade do Porto, fruto da revolução industrial e crise agrícola na segunda metade do século XIX[61].

58. FERNANDES, FRANCISCO JOSÉ BARATA - Transformação e permanência na habitação portuense as formas da casa na forma da cidade. Porto: FAUP, 1996, p.229.
59. - Regulamento do Plano Regulador da Cidade do Porto. Porto: Separata do Boletim Municipal, CMP, nº 1036, 1956.
60. FERNANDES, FRANCISCO JOSÉ BARATA - Transformação e permanência na habitação portuense as formas da casa na forma da cidade. Porto: FAUP, 1996, p.230.
61. TEIXEIRA, MANUEL C - Habitação popular na cidade oitocentista as ilhas do Porto. Lisboa, 1996, p. 2.

A emigração da população das zonas rurais para a cidade, juntamente com o seu desenvolvimento económico resultou num aumento populacional para o qual a malha urbana não estava preparada. As ilhas[62] tiveram a sua origem no centro mais antigo da cidade que havia sido abandonado pelas classes burguesas que procuravam os novos arruamentos[63] e, consequentemente, foi ocupado pelas classes operárias a um ritmo acelerado, levando à sua rápida sobreocupação.

Desta nova necessidade surgiu então a solução de instalar as ilhas nos logradouros das habitações burguesas (Figura 46), em parcelas adjacentes e com uma área de cerca de 16m^2 [64], albergando famílias da classe operária e tendo sido reproduzidas até aos anos 1940[65] sem condições de saneamento.

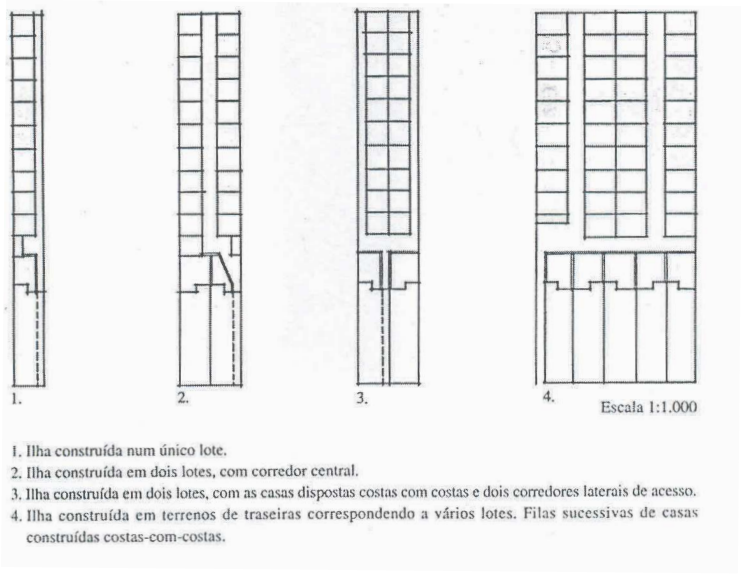


Figura 46-Diferentes morfologias de ilhas, fonte: (TEIXEIRA, MANUEL C, 1996).

As duas ilhas inseridas na Rua de 5 de Outubro fazem parte do conjunto de edificado mais antigo da rua, sendo que se encontravam inclusive representadas na cartografia de 1892. Sendo a natureza deste tipo de habitação não regulamentada, são escassos os requerimentos de obra a elas alusivos. Ainda assim, destaca-se a Licença de Obra nº 1911/606 relativa á instalação de sistema de saneamento para as habitações das Ilha Duarte Reis (Figura 47).

Em ambas as ilhas em causa, as habitações distribuem-se paralelamente, segundo um corredor central que é transversal ao quarteirão, sendo que no caso da ilha Duarte Reis o acesso é realizado não só pela Rua 5 de Outubro como pela Rua dos Vanzeleres. Estas habitações têm dois a três pisos e uma outra característica singular: pátios engradeados nas suas frentes, sendo que a ilha tem também a toponímia de Ilha das Grades.

62. "Na sua forma mais simples, as ilhas consistiam em filas de pequenas cassa de um só piso, construídas nos quintais das habitações da classe média, com acesso à rua somente através de estreitos corredores sob estas habitações burguesas, construídas à face da rua."- ibid., p.1.
63. Ibid., p.20.
64. Ibid., p.78.
65. Ibid., p.79.

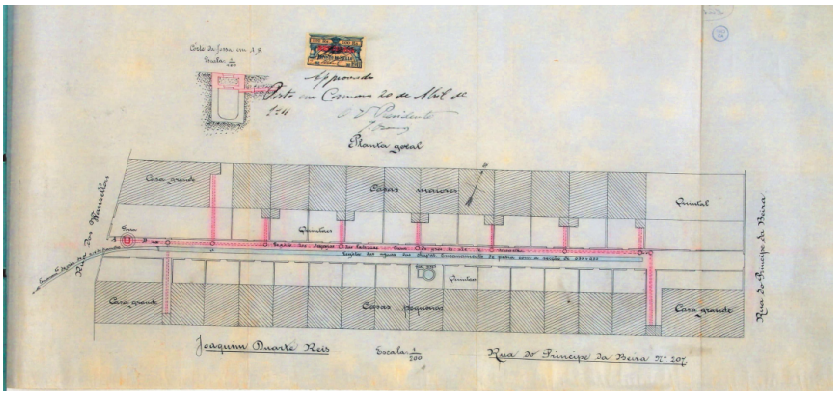


Figura 47- Planta de canalização da ilha Duarte Reis na LO 1911/606.

Figura 48- Ilha 'Duarte Reis'

A LO 1938/1068 (Figura 49) corresponde à construção de duas habitações na ilha Bairro da Vista Alegre, obtendo-se deste modo uma perspetiva sobre a distribuição funcional destas habitações, ainda que este caso em particular corresponda a um modelo de áreas superiores às que Manuel C. Teixeira[66] infere, entre 16 a 20m^2, usufruindo para além disso de um pátio particular nas suas traseiras.

Figura 49- Planta de uma habitação do Bairro da Vista Alegre, com LO 1938/1068, escala 1/350

Figura 50- 'Bairro da Vista Alegre'

Estes dois conjuntos habitacionais, remanescentes de outros dois com frente nesta rua que foram recentemente demolidos, representam cerca de 50 moradias neste arruamento[67].

As ilhas foram, devido à falta de condições de saneamento, espaços de propagação de várias doenças, inclusive a epidemia de Peste Bubónica em 1899. Deste modo, surgiram diversas iniciativas que previam a sua canalização e/ou demolição, e, por outro lado surgiram, iniciativas de construção de habitação social nos anos de 1910. Em meados do século XX, estes conjuntos de habitações sociais desenvolviam-se em altura e em múltiplos volumes, ocupando parcelas consideráveis da cidade, especificamente nas zonas periféricas[68].

Em relação à habitação de promoção privada, o tipo unifamiliar continuou a predominar até aos anos 1940[69], durante os quais, a habitação plurifamiliar, até aí construída esporadicamente e experimentalmente, começa a ser reproduzida em massa.

66. Ibid., p.78..
67. A ilha 'Vista Alegre' consta de 28 habitações e a ilha 'Duarte Reis', 21 segundo contagem da Domus Social in: https://www.domussocial.pt/ilhas.
68. Ibid. 94.
69. FERNANDES, FRANCISCO JOSÉ BARATA - Transformação e permanência na habitação portuense as formas da casa na forma da cidade. Porto: FAUP, 1996, p. 231

1.3. A habitação plurifamiliar

"Desde os anos 20, a casa de andares e edifício de andares cresceram, reproduziram e permutaram soluções intermediárias do plurifamiliar, sempre em estreita dependência da rua, pressionando a musculação da medida tradicional, mas raramente associada a ruturas de escala ou porte da edificação corrente (...)"[70]

Para além da sobreocupação dos edifícios de habitação unifamiliar burguesa, a habitação plurifamiliar construída de raiz começou a surgir na cidade do Porto na primeira metade do século XX, tendo-se tornado um tipo de edificação vulgar a partir da década de 40[71].

Os primeiros exemplares deste tipo começaram a surgir já no final da década de 20, especificamente na zona central de expansão Almadina e destacando-se, nos finais dos anos 30 o quarteirão de prolongamento da rua de Sá da Bandeira e nos finais da década de 40 o prolongamento da Rua de Ceuta[72]. Estes edifícios implantam-se em lotes com frente variável, sendo conhecidos como 'prédios de rendimento'[73], um tipo de habitação que apresenta uma variedade notável de soluções arquitetónicas e tipológicas, não obstante o Regulamento do Plano Regulador da Cidade do Porto, publicado em 1956, ter limitado o processo de experimentação em curso. Especificamente, este Regulamento proibiu o uso de saguões[74] e a implementação de construções com profundidades superiores a 15 metros[75], sendo estes elementos (o uso de saguões e o aumento da profundidade) caracterizadores nas construções deste tipo até à data, tanto no Porto como em Lisboa ou noutras capitais europeias.

Figura 51- Planta do piso tipo do quarteirão da Rua Sá da Bandeira, em cruzamento com as Rua da Firmeza e Rua Guedes de Azevedo, fonte: (FERNANDES, FRANCISCO JOSÉ BARATA, 1996)

Figura 52- Fotografia do quarteirão da Rua Sá da Bandeira, em cruzamento com a Rua da Firmeza, Domingos Alvão, 1920-1950, CPF

70. MENDES, MANUEL AUGUSTO SOARES - Do esquecimento para além da arte do nomadismo ao erotismo. Porto: FAUP, 2010, p. 401.
71. FERNANDES, FRANCISCO JOSÉ BARATA - Transformação e permanência na habitação portuense as formas da casa na forma da cidade. Porto: FAUP, 1996, p. 231.
72. Ibid., p. 242.
73. LAMEIRA, MARIA GISELA ANTUNES ; ROCHA, LUCIANA SILVA - Mapa da habitação guia para uma terminologia específica em arquitectura habitacional apoiada pelo Estado em Portugal [1910-1974] a guide to specific terminology in state-subsidized residential architecture in Portugal [1910-1974]. Porto: FAUP, 2019, p.144.
74. LAMEIRA, MARIA GISELA ANTUNES - O prédio de rendimento portuense topologias, tipologias e modelos de habitação plurifamiliar na 1ª metade do século XX. Porto: Faup, 2017, p. 286.
75. Ibid., p. 290.

Figura 53- Rua de Ceuta, fotografada em 1966, PT-CMP

O saguão era usado de modo a acomodar as divisões de serviço no centro do edifício e não nas fachadas[76], resultando em configurações mais orgânicas de planta.

O prédio de rendimento dos anos 40 e inícios da década de 50, na cidade do Porto, distingue-se do tipo de edifícios construídos a partir da segunda metade do século XX pela sua complexidade e por uma experimentação de modelos que mais tarde vai ser substituída pela fixação de um modelo mais simplificado, com características particulares[77]. Este modelo, valorizado a partir da década de 1960 e especialmente no processo de substituição de edifícios lote a lote, caracteriza-se por um programa "condensado"[78] que inclui apenas uma sala, quartos e zona de serviços, com o 'quarto da criada', eliminando a sala de visitas e escritório, compartimentos comuns na habitação burguesa até então[79].

Tal como referido, o regulamento de 1956 é tido como um ponto de referência na transição dos modelos de habitação plurifamiliar construídos de raiz, já que a proibição do uso do saguão[80] e a proibição da profundidade do edifício exceder os 15 metros[81] são catalisadores na fixação de modelos de planta mais regular e tipificada. Em a Transformação e Permanência na Habitação Portuense, Francisco Barata refere que depois da adaptação da habitação unifamiliar burguesa e da era do prédio do rendimento, entre a década de 1960 e 1980, o modelo de habitação plurifamiliar mais comum passou a ser aquele em que "o que domina é a banalidade e a insignificância da arquitetura corrente"[82].

Para caracterizar estes modelos generalizados nos anos 60, Francisco Barata refere determinadas características prevalentes: a caixa de escadas localizada no centro do edifício, comércio no piso térreo e fogos em que a sala e cozinha se encontram numa

76. Ibid., p. 162.
77. Ibid., p. 150.
78. Ibid., p. 362.
79. Ibidem.
80. Ibid., p. 163.
81. Ibid., p.290.
82. FERNANDES, FRANCISCO JOSÉ BARATA - Transformação e permanência na habitação portuense as formas da casa na forma da cidade. Porto: FAUP, 1996, p. 525.

fachada e os quartos na fachada oposta[83], segundo a lógica esquerdo-direito em edifícios com frente de 12-14m ou com um fogo por piso, em lotes com frente de 6-7m. O autor refere ainda que é comum encontrar exemplos em que a cozinha e sala se encontram na fachada virada para o logradouro enquanto os quartos se encontram na fachada de frente de rua. Ao longo do tempo observa-se que se torna mais frequente localizar a sala na frente de rua e os quartos no logradouro, sendo que o primeiro exemplo seria uma continuação natural do tipo de distribuição que se encontrava nas matrizes unifamiliares e que valoriza a frente urbana e espaço público, e o segundo exemplo uma evolução deste modelo como resposta a novos modos de habitar ou a questões como a orientação solar.

Na Rua de 5 de Outubro, a habitação plurifamiliar construída durante o século XX constituí o tipo de habitação dominante [Anexo III]. Estes edifícios possuem no seu conjunto o mesmo número de pisos, observando-se uma continuidade de cércea na construção plurifamiliar que é quebrada pelos exemplares mais antigos, os edifícios com as Licenças de Obra 1935/2021, 1956/299, 1958/340, 1958/370, 1961/385 (Figura 54) que têm entre quatro a cinco pisos. Todos os edifícios posteriores a 1961 possuem entre 7 a 9 pisos, variando a presença de caves e pisos recuados mas mantendo-se contante a cércea do perfil de rua.

Figura 54- Conjunto de edifícios de habitação plurifamiliar da Rua de 5 de Outubro com menos de cinco pisos; da esquerda para a direita: edifícios com LO 1961/385; LO 1935/2021; LO 1956/299; LO 1958/340 e LO 1958/370.

A largura da frente de lote é um dos elementos fundamentais de distinção dos diferentes modelos de habitação. Em O prédio de rendimento portuense[84], **o lote**, **o tipo de agregação**, **a configuração**, **a distribuição**, **a localização dos dispositivos de acesso principal** e **os dispositivos de ventilação** são os parâmetros usados para caracterizar a edificação em habitação plurifamiliar da 1ª metade do século XX. Na primeira categorização[85], em função do lote, são apresentados cinco tipos de edifícios, que se conseguem transpor para a Rua de 5 de Outubro [Anexo VI].

83. Ibid., p. 274.
84. LAMEIRA, MARIA GISELA ANTUNES - O prédio de rendimento portuense topologias, tipologias e modelos de habitação plurifamiliar na 1ª metade do século XX. Porto: Faup, 2017.
85. Ibid., p.126.

1.3.1. O lote estreito (5-7m)

O primeiro tipo de edifício plurifamiliar a ser analisado é o "edifício em lote de frente estreita"[86] [Anexo VII], ou seja, no lote 'tradicional' do "antigo cadastro portuense", que varia entre 5,5 e 7 metros de frente, aproximadamente, e que constitui uma continuidade a partir dos modelos de habitação burguesa portuense. Este tipo de edifício estabelece uma espécie de "módulo"[87] a partir do qual se desenham os tipos de frentes mais largas.

Ao contrário do prédio de rendimento que foi construído entre o final da década de 1920 e meados de 1950[88], os exemplares do tipo de lote estreito presentes na Rua de 5 de Outubro são posteriores a 1960 e, neste sentido, face às imposições do Regulamento de 1956, não possuem saguões, inserindo-se em "lotes regulares compactos" onde se denota uma evidente redução da profundidade edificada em relação aos modelos prévios. Estes edifícios inseriam-se nos processos de substituição lote a lote, descritos por Francisco Barata, que ocorreram por toda a cidade nos anos 60.

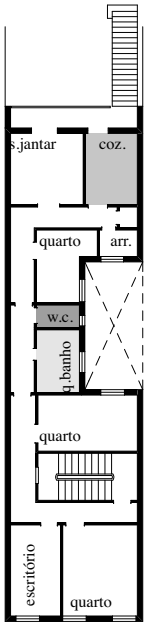


Figura 55- Planta do piso tipo de exemplar de prédio de rendimento inserido em lote inferior a 7 metros, com LO 1939/509, escala 1/350, fonte: (LAMEIRA, MARIA GISELA ANTUNES, vol. 2, 2017)

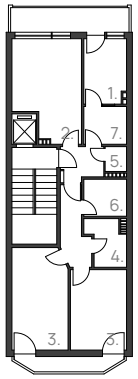


Figura 56- Planta do piso tipo de edifício de habitação plurifamiliar da Rua de 5 de Outubro inserido em lote inferior a 7 metros, com LO 1968/235, escala 1/350

A presença das escadas centrais apoiadas na parede meeira mantém-se um elemento constante, trazido desde os modelos de habitação unifamiliar[89]. Contudo, evidencia-se o aumento do número de pisos nestes prédios, entre 7 a 9, comparativamente ao modelo tradicional unifamiliar em lote, normalmente de menor escala. Deste modo, o elevador passa a ser um elemento que é acrescentado ao conjunto de acessos verticais.

Na Rua de 5 de Outubro, os edifícios de frente estreita prevalecem sobre os demais tipos,

86. Ibid., p. 477.
87. Ibid., p. 480.
88. Ibid., p. 476.
89. Ibid., p. 480.

verificando-se em cerca de 36% do conjunto, o que comprova o processo corrente de substituição das habitações unifamiliares por prédios de andares, lote a lote[90].

Contudo, a novidade dos modelos localizados nesta rua relativamente aos modelos vulgarizados até à década de 50, é o facto de apresentarem soluções com dois fogos por piso, especialmente a partir de 1970, enquanto os precedentes tinham apenas um fogo por piso.

- 1 fogo por piso

Na Rua de 5 de Outubro, os modelos com 1 fogo por piso, traduz-se numa solução frequente que permitia a colocação dos compartimentos de serviço no centro do edifício, aproveitando as frentes de ventilação para além das fachadas que, deste modo, poderiam ser usadas para os espaços habitáveis[91].

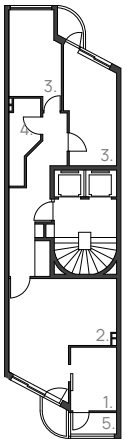
Observa-se, de igual modo, a ausência de volumes anexos no logradouro nos casos de estudo na Rua, a partir dos quais se aproveitavam as frentes habitáveis adicionais. Assim, estes modelos inserem-se na categoria de" lote regular compacto" que "tem repercussão essencialmente a partir dos anos 60"[92].

Nos modelos presentes na Rua de 5 de Outubro observa-se a continuidade da separação da zona dia-noite e, na maioria dos edifícios, a zona de noite (quartos) encontra-se na fachada de frente de rua e a cozinha e sala na fachada traseira, seguindo a tradição de distribuição das habitações burguesas[93]. A exceção a esta regra é o edifício com LO 1986/143 (Figura 57) no qual a cozinha se encontra na fachada de rua, uma solução tardia na cidade do Porto, que começou a surgir na década de 1950 e com a perspetiva de uma melhor exposição solar deste compartimento e consequentemente, maior salubridade[94]. Esta solução é também possível devido ao emprego da ventilação mecânica, sendo que a presença destes programas na fachada de rua não interrompe nem é anunciada nos alçados. Além disso, os ductos verticais solucionam a ventilação de um outro compartimento, o quarto de banho que, a partir de meados do século XX se "desloca para o centro do apartamento"[95], dinâmica esta que se encontra em todos os modelos analisados.

Os fogos nesta categoria são compostos por: vestíbulo; dois quartos, na mesma fachada; um ou dois quartos de banho completos e, ocasionalmente um wc de serviço, no centro do fogo; sala e cozinha adjacentes e na fachada oposta, sendo que a cozinha é encabeçada por uma varanda/marquise onde se instala o programa de lavandaria; e geralmente uma sala de arrumos, também central. É também comum uma separação, da zona de dia/noite no apartamento, através de um vestíbulo.Os edifícios possuem 7 a 8 pisos no total, variando a presença de cave no subsolo, mas sendo constante a mesma cércea. O piso térreo é ocupado por um estabelecimento comercial ou armazém, uma solução que ocorria também no prédio de rendimento[96] dos anos 50.

90. Ibid., p. 484.
91. Ibidem.
92. Ibidem.
93. Ibid., p. 480.
94. LAMEIRA, GISELA - A habitação plurifamiliar portuense na 1ª metade do séc. XX. Produção arquitetónica: génese, transformação, adaptabilidade. In Congresso Internacional da Habitação no Espaço Lusófono. Lisboa: 2013, p. 13.
95. LAMEIRA, MARIA GISELA ANTUNES - O prédio de rendimento portuense topologias, tipologias e modelos de habitação plurifamiliar na 1ª metade do século XX. Porto: Faup, 2017, p. 494.
96. Ibid., p.495.

Figura 57- Edifício com LO 1986/143



1. Cozinha
2. Sala
3. Quarto
4. Quarto de banho
5. Varanda de tratamento da roupa

Figura 58- Planta do piso tipo do edifício com LO 1986/143, escala 1/350

A exceção é o edifício com a LO 1970/101 (Figura 59) para o qual foi projetada uma garagem que ocupa toda a extensão do lote, sendo que o logradouro é suprimido. Nos restantes, o estabelecimento comercial ocupa também um comprimento considerável e quando resta espaço para logradouro, este é de acesso reservado a esta fração. Nos edifícios em que existe um piso de cave, este consta de um armazém de continuidade do comércio.

Em relação aos pisos superiores recuados, estes seguem o programa de habitação, em áreas menores e com terraços na frente de rua. A maior variante de programa nestes edifícios encontra-se nos edifícios com LO 1968/104 (Figura 60), LO 1968/235 (Figura 61) e LO 1970/101 (Figura 59) nos quais os pisos 1 e 2 foram desenhados com a intenção de ocupação por escritórios. No caso do edifício com LO 1970/101, a ausência da varanda na fachada da frente sobressai, sendo que o edifício tem um programa 'misto'. Os pisos 1, 2 e 3 são ocupados por escritórios e do piso 4 ao 6 ocupado por apartamentos, enquanto os restantes edifícios desta categoria com um ou dois pisos de escritórios têm uma imagem característica de edifício de apartamentos devido à presença das varandas.

As varandas, tanto na fachada principal como na fachada logradouro são um elemento arquitetónico prevalente no conjunto edificado em estudo e, apesar de não serem exclusivas à habitação plurifamiliar, a sua ausência normalmente informa um programa de edifício de escritórios.

Figura 59- Edifício com LO 1970/101

Figura 60- Edifício com LO 1968/104

Figura 61- Edifício com LO 1970/235

- 2 fogos por piso

Em edifícios em lote até 7 metros, o modelo alternativo apresenta dois apartamentos por piso, solução que começou a surgir a partir de 1970. Trata-se de uma solução sem expressão nas décadas anteriores.

Nestes edifícios, os dois fogos estão dispostos pelas duas fachadas; as escadas e elevadores ocupam o centro do edifício, adjacentes a uma parede meeira, enquanto os quartos de banho estão paralelos ou contíguos, mas sempre interiores, fazendo uso, portanto, de ductos de ventilação.

Estes edifícios têm 7 a 9 pisos e, tal como os anteriores, possuem a mesma cércea. No caso daqueles que têm 7 andares- LO 1986/321 e LO 1987/202 (Figura 62) - abdicou-se do piso superior recuado. Nos exemplos com 9 andares- LO 1987/276 e LO 1975/282 (Figura 63)- existe um piso complementar de subcave. Todos estes edifícios são ocupados por estabelecimentos comerciais no piso térreo que por vezes abrange também o piso da cave.

Figura 62- Edifício com LO 1968/321 (esquerda) e edifício com LO 1987/202 (direita), com 7 andares e sem piso recuado.

Figura 63- Edifício com LO 1975/252, com 9 andares, um deles recuado

Os edifícios com LO 1970/617 e 1972/1978 (Figura 64 e 67) possuem escritórios nos pisos 1 e 2. Estes dois edifícios, desenhados pelo mesmo arquiteto revelam-se extremamente semelhantes tanto na sua configuração como no desenho das fachadas voltadas para a rua. Em ambos, o piso recuado tem um programa 'misto' sendo que existe um apartamento na fachada traseira e um escritório na fachada da frente, com terraço. Nestes dois exemplos, as cozinhas dos fogos encontram-se paralelas aos acessos verticais, ou seja, numa das paredes de meação, no centro do edifício e não usufruem, portanto, de ventilação e luz natural. Este é também o caso do edifício com LO 1975/282 (Figura 68) que difere dos dois anteriores por ter, dentro do apartamento, uma divisão da zona privada (quarto e quarto de banho) da sala, enquanto nos outros, o quarto e sala formam uma divisão única.

Figura 64- Edifício com LO 1970/101.

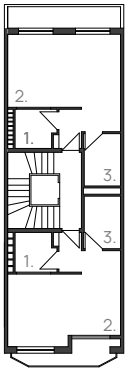


Figura 65- Planta do piso tipo do edifício com LO 1970/617, escala 1/350.

1. Cozinha
2. Sala
3. Quarto de banho

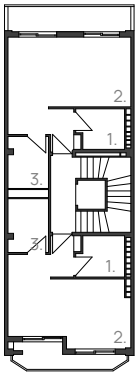


Figura 66- Planta do piso tipo do edifício com LO 1972/78, escala 1/350.

Figura 67- Edifício com LO 1972/78.

Figura 68- Edifício com LO 1975/282.

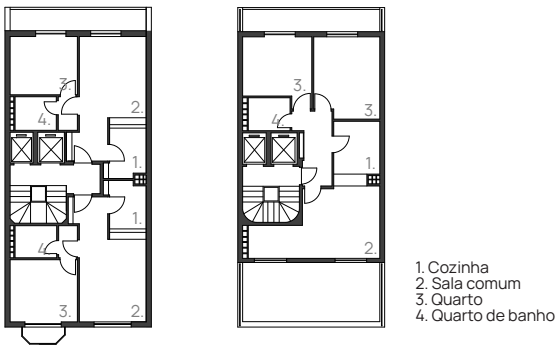


Figura 69- Planta do piso tipo e piso 6 do edifício com LO 1975/282- exemplo de ocupação do piso recuado por um apartamento, escala 1/350

Neste modelo, começa-se a encontrar uma maior variedade de soluções relativamente aos pisos superiores, o que pode estar diretamente relacionado com a evolução temporal, uma vez que estes edifícios foram construídos, na sua maioria, durante a década de 1980 enquanto os referidos anteriormente, com um fogo por piso, são na sua maior parte da década de 1960.

No caso dos edifícios com LO 1989/382 e LO 1990/418 (Figura 70), os últimos dois pisos (incluindo recuado) formam apartamentos em duplex, sendo que estes fogos têm uma escada particular, em caracol e o conjunto de acessos verticais comuns não dão acesso a este último piso. A solução em duplex nos pisos superiores encontra-se também no edifício com LO 1987/202 no piso 5 e 6, sendo que neste exemplo não existe piso recuado.

Por fim, os restantes edifícios- LO 1975/282, LO 1984/392 e LO 1987/276-têm soluções semelhantes àquelas observadas no modelo anterior, de um piso superior recuado ocupado unicamente por um apartamento com terraço, variando o número de divisões nestes fogos.

Figura 70- Edifício com LO 1989/382

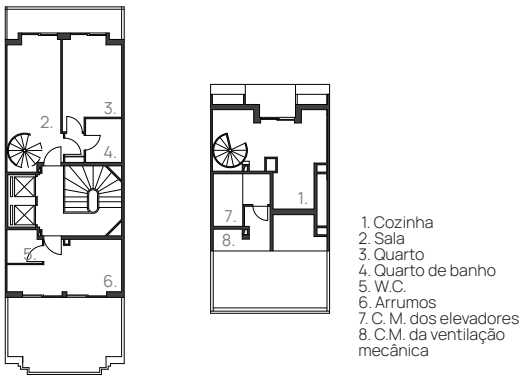


Figura 71- Exemplo de ocupação do piso recuado e vão do telhado para apartamento duplex- plantas do piso 6 e 7 do edifício com LO 1989/382, escala 1/350

Como exceção, o edifício de LO 1987/202 (Figura 72) destaca-se pelo maior comprimento em relação aos restantes e também pela sua configuração não compacta. Ao contrário dos restantes edifícios com dois fogos por piso, neste caso, o fogo da frente e o de trás não são simétricos. Sendo assim, o fogo da fachada de trás usufrui de sala, quarto e cozinha, todos presentes em divisões distintas, enquanto o fogo da frente segue uma configuração semelhante à dos casos em que a cozinha e sala estão unificadas e o quarto separado.

Figura 72- Edifício com LO 1987/202

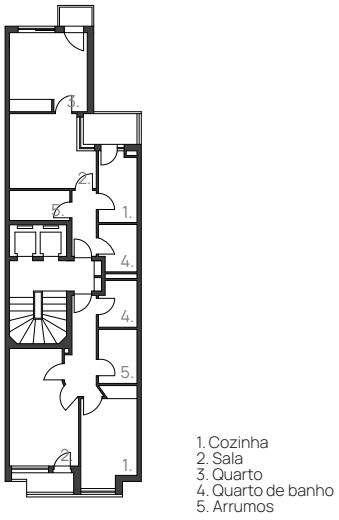


Figura 73- Planta do piso tipo do edifício com LO 1987/202, escala 1/350

- Lote estreito: considerações gerais

Na Rua de 5 de Outubro, ao contrário do que se verifica noutras artérias da cidade, a substituição lote a lote é um processo posterior a 1970, sendo que as variantes encontradas (1 ou 2 apartamentos por piso) refletem uma aposta na redução das áreas em prol do aumento do número de fogos do edifício.

Nos prédios de rendimento das décadas de 40 e 50, observava-se não só o modelo "direcionado para a pequena e média burguesia que reproduz as necessidades básicas de habitação"[97] e que tem continuidade nos modelos com um apartamento por piso, frequente na década de 60, ainda que com diminuição de áreas e supressão de saguões e pátios interiores; como também "um segundo programa funcional, mais elaborado (…) incorporando 'quarto da criada', ' escritório', espaços para costura e espaços de receção"[98]. Este tipo de programa não encontra reflexo nos edifícios com lote estreito no arruamento em estudo.

Nos anos 70, denota-se uma tendência contrária, de redução do programa. No espaço em que se desenvolvia um apartamento são distribuídos dois, com uma simplificação notória dos programas de habitar que, se pode inferir, são agora direcionados para apenas um ou dois indivíduos.

Figura 74- Edifício com LO 1968/104

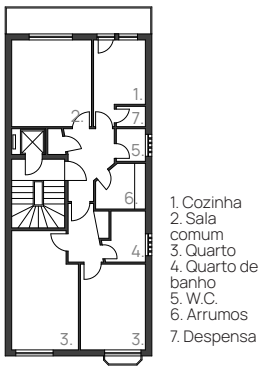


Figura 75-Exemplo de edifício de habitação plurifamiliar inserido em lote estreito, com 1 fogo por piso- planta do piso tipo do edifício com LO 1968/104, escala 1/350.

Figura 76- Edifício com LO 1990/341.

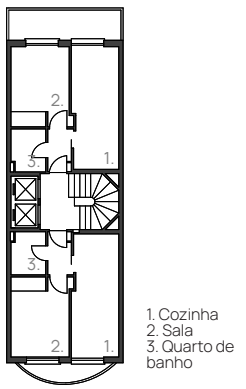


Figura 77-Exemplo de edifício de habitação plurifamiliar inserido em lote estreito, com 2 fogos por piso- planta do piso tipo do edifício com LO 1990/341, escala 1/350.

Deste modo, de um desenho diferenciado de programa apoiado na 'classe' dos arrendatários, evolui-se para um programa definido segundo o número de constituintes do núcleo familiar, que pressupõe a extinção dos compartimentos associados ao modo de vida burguês.

97. Ibid., p 493.
98. Ibid., p. 494.

1.3.2. O lote alargado (7-12m)

Os edifícios implantados em lotes de 7 a 12 metros (aproximadamente) representam uma categoria intermédia, de "desvinculação da métrica tradicional da frente de lote"[99] ou "adaptação de lotes sobrantes ou de frente atípica". [Anexo VIII]

Tal como na categoria anterior, de frente estreita, os edifícios no arruamento em estudo construídos entre as décadas de 1960 e 1990, apresentam um ou dois apartamentos por piso, seguindo a mesma lógica de distribuição (instalações sanitárias centrais, máximo aproveitamento de frentes, desmultiplicação de apartamentos por piso).

Os edifícios localizados na Rua de 5 de Outubro têm 5, 7 ou 8 andares, sendo que o piso térreo é ocupado inteiramente por estabelecimentos comerciais que se prolongam, em certos casos, também para a cave e noutros esta é reservada a armazenamento. Os edifícios são essencialmente ocupados por habitação, existindo pontualmente escritórios no 1º piso (LO 1967/81), (Figura 78).

Figura 78- Edifício com LO 1967/81

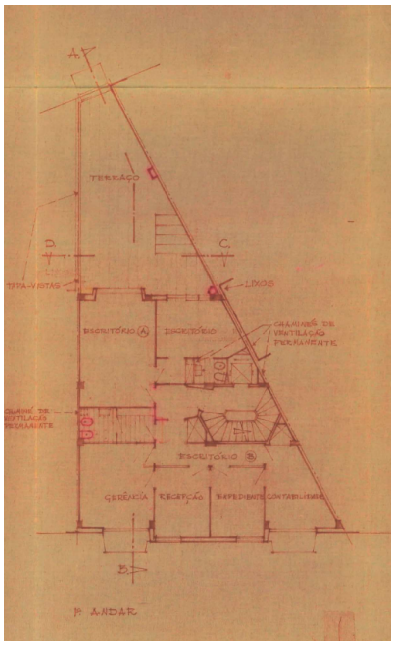


Figura 79- Planta do piso 1 do edificio na LO 1967/81, escala 1/400

- 1 fogo por piso

Nos prédios de rendimento com frente alargada e lote regular compacto, edificados nas décadas de 1940 e 1950, verifica-se que os quartos de banho se localizam na fachada posterior, face à inexistência de ductos de ventilação. Esta distribuição origina normalmente vestíbulos "sobredimensionados"[100](Figura 80). Nos casos da Rua de 5 de outubro construídos já nas décadas de 60 e 70, o quarto de banho está no centro do edifício e verifica-se que a distribuição dos fogos é semelhante aos já observados na frente até 7 metros: separação da zona de dia e noite; cozinhas na fachada de trás e quartos na frente de rua. Porém, os fogos nestes edifícios de frente alargada são, naturalmente maiores resultando num maior número de divisões ou divisões de áreas superiores.

99. LAMEIRA, MARIA GISELA ANTUNES - O prédio de rendimento portuense topologias, tipologias e modelos de habitação plurifamiliar na 1ª metade do século XX. Porto: Faup, 2017, p. 497.
100. Ibid., p. 498.

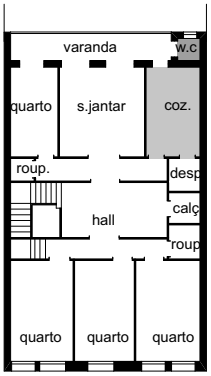


Figura 80- Planta do piso tipo de exemplar de prédio de rendimento inserido em lote inferior a 12 metros, com LO 1930/804, escala 1/350, fonte: (LAMEIRA, MARIA GISELA ANTUNES, vol. 2, 2017)

O edifício com a LO 1973/548 (Figuras 81, 82), desenhado pelo Arquiteto Alcino Soutinho, destaca-se dos restantes por vários motivos: enquanto noutros casos as escadas e/ou ascensores estão associados à parede de meação, neste edifício estas localizam-se no centro, o que permite criar um espaço de entrada para o fogo de tamanho considerável; existe, de igual modo, uma preocupação com a multifuncionalidade do espaço[101] e a cobertura é plana e acessível. Este edifício sobressai pela complexidade do programa dos apartamentos, sugerindo uma classe mais alta das famílias que o ocupam e que, ainda assim, demonstra continuidade com os modelos de habitação do século XIX e 1ª metade do século XX, onde havia uma clara distinção entre a zona de serviço da habitação e a zona comum e privada da família. Neste edifício, os dois pisos superiores formam um duplex, na fachada da frente, com o terraço.

Figura 81- Edifício com LO 1973/548, desenhado pelo Arq. Alcino Soutinho

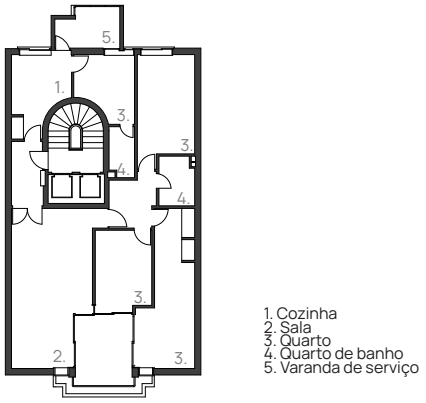


Figura 82- Planta do piso tipo do edifício com LO 1973/548, escala 1/350

101. "A separação da sala comum do quarto contíguo, processe-se por intermédio de um elemento móvel de correr, solução que permitirá uma maior elasticidade na utilização da casa, ficando o que nem sempre é praticável nas habituais compartimentações dos chamados 'prédios de rendimento'.", Memória Descritiva, LO 1973/548, Arquivo Geral Municipal do Porto

- 2 fogos por piso

Por outro lado, e contrariamente aos modelos mais frequentes do prédio de rendimento das décadas de 1940 e 1950, existem edifícios em lote alargado com dois apartamentos por piso. Estes edifícios são uma continuidade das matrizes descritas na categoria de frente inferior a 7 metros, com os dois apartamentos dispostos segundo as fachadas, de tipologia T0 ou T1.

No caso do edifício com LO 1987/240 (Figura 83) existe uma simetria entre os dois fogos e, tal como nos exemplares da categoria anterior, a cozinha e sala ocupam a mesma divisão e o quarto está separado. No caso do edifício com LO 1994/293 (Figura 85), os dois fogos da fachada da frente da fachada de trás são desiguais. O fogo da fachada da frente conta com a separação da sala e quarto em duas divisões e o fogo de logradouro tem apenas uma sala/quarto e cozinha. Nestes dois edifícios, o piso recuado é ocupado por apenas um apartamento de maiores dimensões em relação aos pisos inferiores.

Figura 83– Edifício com LO 1987/240

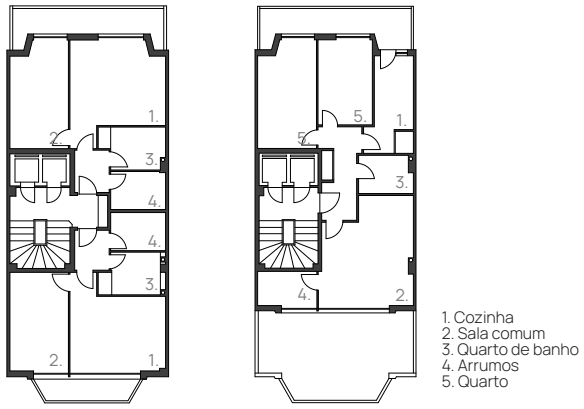


Figura 84– Planta do piso tipo e piso recuado do edifício com LO 1987/240, escala 1/350

Figura 85– Edifício com LO 1994/293

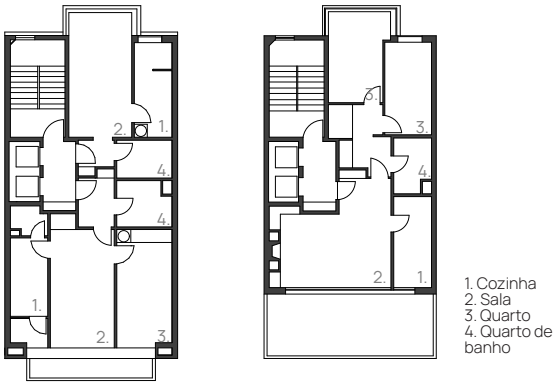


Figura 86 - Planta do piso tipo e piso recuado do edifício com LO 1994/293, escala 1/350

Por último, existe um edifício nesta categoria, o edifício com LO 1982/218 (Figura 87) que pode ser considerado uma exceção, uma vez que nos pisos 1 e 2 tem dois fogos por piso e nos pisos 3, 4 e 5 consta com apenas um fogo. Nos pisos inferiores, os fogos são assimétricos, com diferentes distribuições e diferente número de divisões. Do terceiro ao quinto piso existe um apartamento de grande dimensão, com três quartos, arrumos, três quartos de banho e uma sala de área considerável. Neste edifício, os pisos de topo, piso recuado e vão do telhado formam um apartamento duplex.

Figura 87– Edifício com LO 1994/293

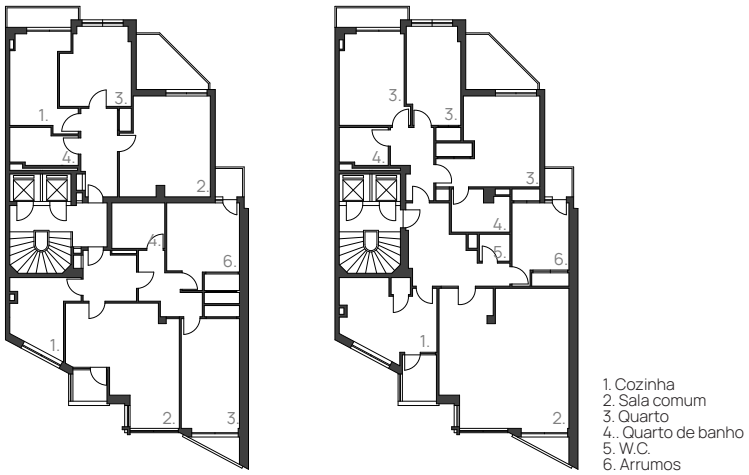


Figura 88 - Planta dos piso 1 e 2 (esquerda) e pisos 3 a 5 (direita) do edifício com LO 1982/218, escala 1/350

1.3.3. O esquerdo-direito (12-20m)

[Anexo IX]

Com o aumento da largura do lote verifica-se também um aumento na diversidade de modelos de habitação construídos. Os edifícios com frente entre 12 a 20 metros, resultam da associação de dois lotes de dimensão tradicional, possibilitando modelos em esquerdo-direito.

No prédio de rendimento das décadas de 1940 e 1950 vulgarizou-se a distribuição de dois apartamentos por piso, com o mesmo acesso vertical[102]. Distinguiam-se principalmente duas configurações nestes edifícios, ambas presentes na Rua de 5 de Outubro: configuração complexa, com saguões ou pátios centrais ou laterais, entre as décadas de 1930 e 1940; e configuração regular compacta, a partir dos anos 50[103].

Nestes edifícios, a localização da escada é, vulgarmente, em posição central e, nos casos em que ocupam o lote de forma regular e compacta, observa-se que o fogo tem uma configuração semelhante ao dos prédios de lote estreito.

102. LAMEIRA, MARIA GISELA ANTUNES - O prédio de rendimento portuense topologias, tipologias e modelos de habitação plurifamiliar na 1ª metade do século XX. Porto: Faup, 2017, p. 504.
103. Ibid., p. 509.

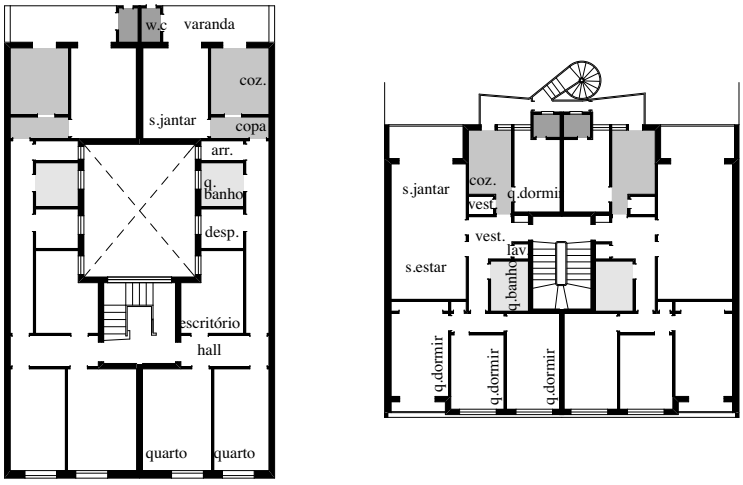


Figura 89- Plantas do piso tipo de exemplares de prédio de rendimento de com configuração esquerdo-direito co configuração complexa (esquerda- edifício com LO 1951/295) e inserido em lote regular compacto (direita- edifício com LO 1950/620), escala 1/350, fonte: (LAMEIRA, MARIA GISELA ANTUNES, vol. 2, 2017)

- Lote de configuração complexa

Existem 3 exemplares deste tipo na Rua de 5 de Outubro, datados entre as décadas de 1930 a 1950, com 4 ou 5 pisos. Nestes, o piso térreo é ocupado por estabelecimentos comerciais exceto no edifício com LO 1935/2021 que foi projetado para receber, no piso térreo, dois apartamentos, um destes tendo sido adaptado para uma clínica. Este edifício destaca-se também pela posição das escadas na fachada de logradouro enquanto nos restantes esta é central.

Os fogos destes edifícios desenvolvem-se de uma maneira tradicional, com separação dos quartos para a fachada principal e os serviços virados para o pátio ou logradouro.

Os edifícios com LO 1935/2021 (Figura 90) e LO 1958/340 (Figura 93) têm um pátio central no logradouro, ou seja, configuração em U, e o edifício com LO 1956/299 (Figura 91) tem um pátio lateral, ou seja, configuração em L, aproveitando a desmultiplicação de frentes para o aumento de compartimentos habitáveis.

Estes edifícios são semelhantes a vários exemplares construídos nas décadas de 1940 e 1950 em diversas artérias da cidade, sendo que o programa varia de acordo com a área do fogo. Assim, em apartamentos com maior área, este arruamento não se reflete no incremento do número de quartos, mas antes na inclusão de outros compartimentos como o 'quarto da criada' (LO 1958/340), sala de costura, copa e a sala de estar (LO 1956/299).

Figura 90- Edifício com LO 1935/2021

Figura 91- Edifício com LO 1956/299

Figura 92- Planta do piso tipo dos edifícios com LO 1935/2021 (esquerda) e edifício com LO 1956/299 (direita), escala 1/600

Figura 93- Edifício com LO 1958/340

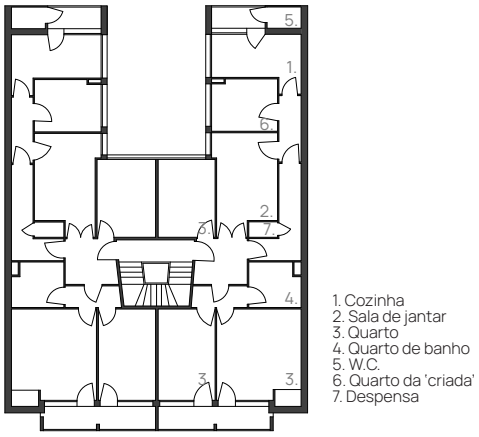


Figura 94-Planta do piso tipo do edifício com LO 1958/340, escala 1/350

- Lote regular compacto

Neste modelo "eliminam-se saguões, reduzem-se as circulações no interior do apartamento e suprimem-se todos os compartimentos complementares"[104], sendo esta a evolução que se denota desde o modelo de configuração complexa, mas também entre os modelos mais antigos, da década de 1960 e os mais recentes, de 1990, dentro deste tipo. Com a extinção dos pátios abertos na fachada posterior, esta fachada é regularizada, tal como a localização dos acessos verticais e serviços invariavelmente em posição central.

Na Rua de 5 de Outubro, os exemplares localizados possuem 8 a 9 pisos, o rés do chão é ocupado por comércio e o último piso é recuado, com ocupação do vão do telhado em certos casos também.

104. Ibid., p. 510.

Os fogos localizam os quartos sempre na fachada principal, e cozinha e sala na fachada traseira. Denota-se a simplificação do programa funcional em todos os edifícios, reduzindo-se aos compartimentos base, com exceção do edifício com LO 1964/579 (Figura 95), com um programa mais complexo. Neste edifício, de frente mais larga, existe uma separação da zona de serviço com acesso vertical autónomo, nomeadamente um elevador anexo no logradouro, restrito para este uso, evocando práticas de desenho e uso vulgares nas décadas de 40 e 50.

Dentro do fogo, a zona de serviço, composta por cozinha, quarto de banho e 'quarto da criada', é independente da zona de utilização mais familiar. Denota-se, para além disso, devido às áreas consideráveis dos quartos e sala, a prevalência de continuidade da matriz de habitat burguesa, ainda que adaptada às normas estabelecidas pelo Regulamento de 1956[105] que restringiram profundidades superiores a 15 metros.

Figura 95- Edifício com LO 1964/579

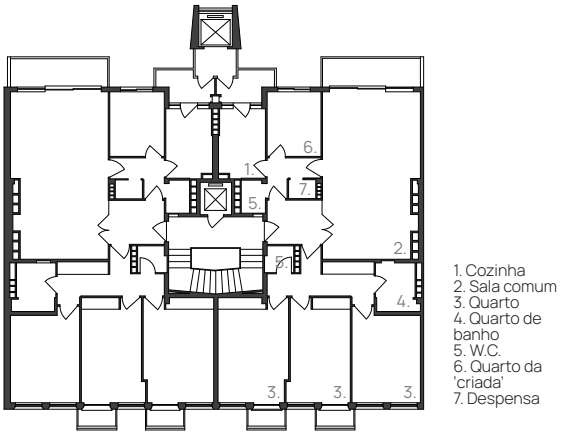


Figura 96-Planta do piso tipo do edifício com LO 1964/579, escala 1/350

1.3.4. Grande frente (+ 20m)

[Anexo X]

Os edifícios de grande frente da Rua de 5 de Outubro, não têm a extensão e complexidade de alguns dos modelos construídos na cidade nos anos 40 e 50, especialmente nos quarteirões superiores das Ruas de Sá da Bandeira e Rua de Ceuta, e estes podem ser distinguidos em duas categorias. A primeira, onde se verifica a "associação de edifícios em esquerdo direito"[106], que surge nos anos 50. A segunda categoria representa uma evolução com expressão apenas na segunda metade do século XX, e na qual a distribuição dos apartamentos está afastada já do lote tradicional e das suas associações em esquerdo-direito, resultando em configurações complexas nas quais os fogos apresentam áreas, disposições e tipologias variadas, no mesmo piso (Figura 97). Estes modelos desenham-se num processo que se desvincula da ideia de 'parcela' ou 'lote' enquanto módulo generativo.

105. - Regulamento do Plano Regulador da Cidade do Porto. Porto: Separata do Boletim Municipal, CMP, nº 1036, 1956.
106. LAMEIRA, MARIA GISELA ANTUNES - O prédio de rendimento portuense topologias, tipologias e modelos de habitação plurifamiliar na 1ª metade do século XX. Porto: Faup, 2017, p. 519.

Figura 97-Planta do piso tipo da Rua de Ceuta, escala 1/1000 (LAMEIRA, MARIA GISELA ANTUNES, vol. 2, 2017)

Figura 98-Planta do piso tipo do edificio com LO 1974/332, escala 1/1000

No seu conjunto, estes edifícios têm 8 pisos e datam das décadas de 1960 a 1990, com o piso de cave ocupado por garagem ou armazém. É exceção o edifício com LO 1984/276 (Figura 99), um dos poucos edifícios de habitação plurifamiliar da rua que não têm um piso de cave enterrado. Para além disso, este prédio e o edifício com LO 1935/2021 anteriormente mencionado, formam o conjunto de dois exemplares de tipologia plurifamiliar, nos quais o piso térreo tem programa de habitação, neste arruamento.

Figura 99-Edifício com LO 1984/276, onde o piso térreo é oupado por habitações

- Bloco regular: associação de unidades esquerdo-direito

Existem nesta categoria dois casos, ambos dos finais da década de 60 que se consideram blocos de habitação[107], ou seja, são compostos por dois módulos com acessos independentes, mas com fachada unificada.

107. "Bloco: Edifício conformado por diversas unidades habitacionais, com um ou mais núcleos de acesso vertical, concebido como um todo, com fachada única. Edifício em barra."- LAMEIRA, MARIA GISELA ANTUNES ; ROCHA, LUCIANA SILVA - Mapa da habitação guia para uma terminologia específica em arquitectura habitacional apoiada pelo Estado em Portugal [1910-1974] a guide to specific terminology in state-subsidized residential architecture in Portugal [1910-1974]. Porto: FAUP, 2019, p. 101.

Nestes dois edifícios, com LO 1968/259 (Figura 100) e LO 1969/109 (Figura 102), um dos módulos tem distribuição esquerdo-direito e o segundo tem um fogo por piso. A distribuição destes é semelhante à das categorias já tratadas, sendo que a presença da zona de serviço é constante na fachada traseira, com acessos verticais e quartos de banho no centro.

Contudo, estes dois edifícios distinguem-se de maior parte das matrizes de menor largura de lote pois as suas áreas e número de compartimentos é superior.

Figura 100-Edifício com LO 1968/259

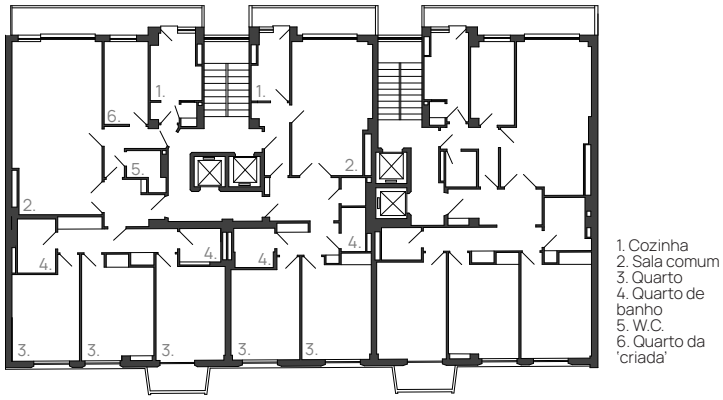


Figura 101- Planta do piso tipo do edifício com LO 1968/259, escala 1/350

Figura 102-Edifício com LO 1969/109

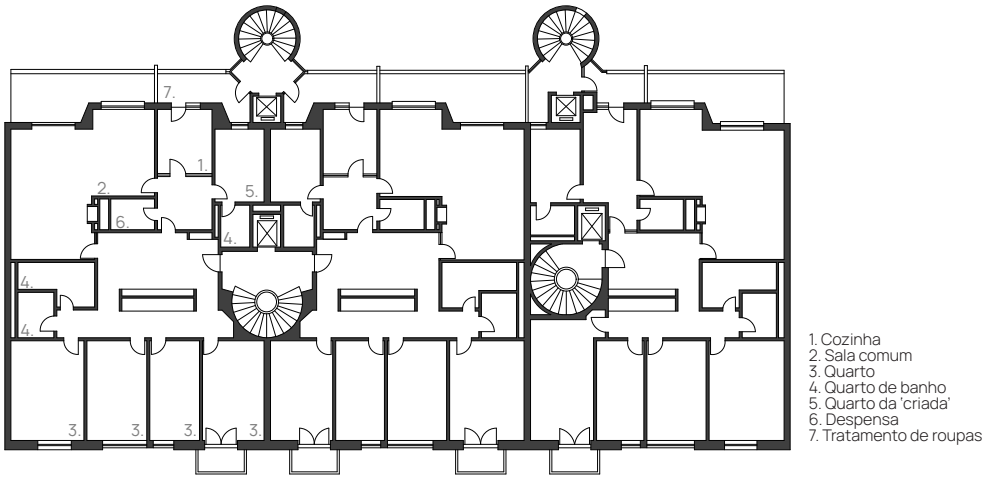


Figura 103- Planta do piso tipo do edifício com LO 1969/109, escala 1/350

Denota-se que estes fogos são comparativamente mais semelhantes às lógicas de distribuição das habitações burguesas do que aos fogos de edifícios plurifamiliares de programa simplificado.

O edifício de LO 1968/259, o menor dos dois, tem uma clara separação da zona de noite, sendo que, a partir do vestíbulo se tem acesso a um corredor que distribui para os quartos e quartos de banho e, separadamente, às restantes zonas da casa. Para além disso, o apartamento possui duas entradas distintas a partir dos acessos comuns, sendo que uma é dirigida separadamente para a zona de serviço, composta pela cozinha, quarto de banho e 'quarto da criada', que é independente do restante apartamento.

O edifício de LO 1969/109 é o edifício plurifamiliar de frente mais larga da rua, construído até ao final do século XX e destaca-se também pelas suas proporções.

Os seus apartamentos são compostos por quatro quartos, um vestíbulo de área visivelmente considerável e também uma zona de serviço, semelhante à do caso anterior, e como tal independente, sendo que neste caso, existe um conjunto de acessos verticais, na traseira do prédio, somente de acesso para esta zona do fogo.

- Edifício de configuração complexa

Por outro lado, os restantes edifícios desta categoria que têm apenas um conjunto de acessos verticais, revelam disposição dos fogos mais complexas. Nestes casos, os fogos são de menores dimensões e, ao contrário daqueles provenientes dos anos 60 que preservam uma matriz de distribuição burguesa, seriam mais adequados ao modo de vida moderno.

Estes edifícios apresentam uma matriz que organiza entre quatro a seis fogos por piso e, a partir dos acessos verticais centrais forma-se um corredor interior de acesso comum a todos. Verifica-se que, contrariamente aos exemplos das categorias anteriores nos quais os fogos eram simétricos ou duplicados, dentro do mesmo piso existem diferentes modelos de fogos, com áreas e configurações distintas.

No caso dos edifícios com LO 1984/276 (Figura 102) e LO 1994/271 (Figura 106) observa-se uma operação de simetria, sendo que os apartamentos são iguais segundo um eixo transversal ou longitudinal, e os fogos são iguais entre si dentro da mesma classificação de T0, T1 e T2.

Por outro lado, no edifício com LO 1974/332 (Figura 108) não se verifica qualquer regra na distribuição dos apartamentos, observando-se variações nas áreas dos compartimentos, na posição da cozinha em relação às fachadas e no número de divisões.

De um modo geral, e contrariamente aos edifícios em bloco e esquerdo-direito, verifica-se que nestes exemplos a distribuição das zonas dia-noite e a associação das cozinha e sala na fachada traseira, que é praticamente invariável nesta rua, não são implementados nestes edifícios. Estes apartamentos são simplificados, as suas divisões são agregadas de modo a diminuir espaços de circulação e, portanto, existe uma proximidade crescente entre quartos e cozinha/sala. Nestes casos, trata-se de solucionar o maior número de fogos e para isso, as áreas destas habitações são visivelmente inferiores às dos dois edifícios dos anos 60 de grande frente.

Figura 104-Edifício com LO 1984/276

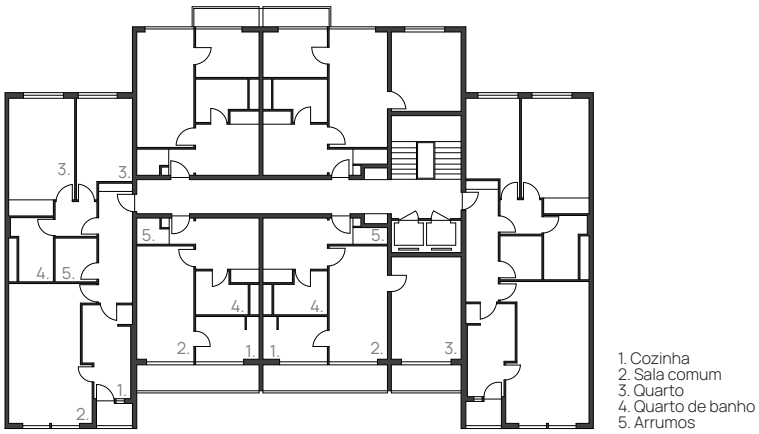


Figura 105- Planta do piso tipo do edifício com LO 1984/276, escala 1/350

Figura 106-Edifício com LO 1994/271

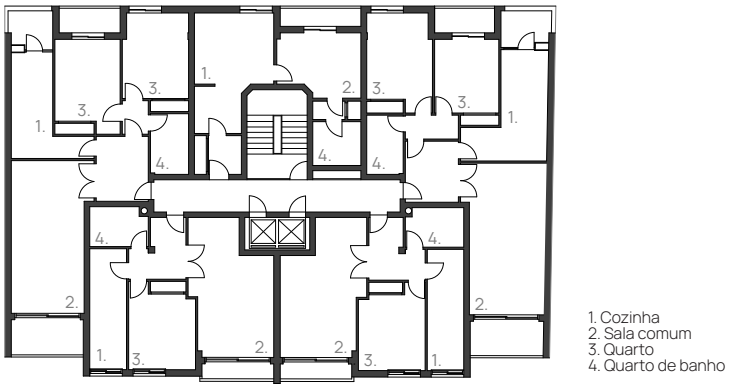


Figura 107- Planta do piso tipo do edifício com LO 1994/271, escala 1/350

Figura 108-Edifício com LO 1974/332

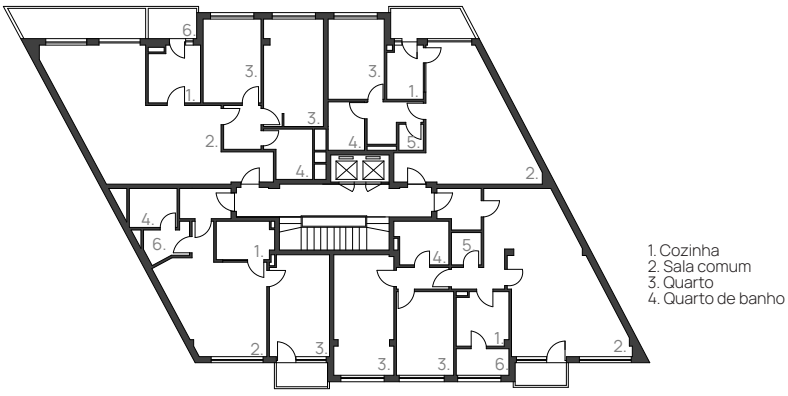


Figura 109- Planta do piso tipo do edifício com LO 1974/332, escala 1/350

1.3.5. Situação urbana particular

Nesta caracterização, destacam-se os edifícios que fazem gavetos ou remates de quarteirões na Rua de 5 de Outubro, nomeadamente os edifícios com LO 1958/370, 1971/417, 1973/173, 1989/394 e 1992/340. Existe variedade significativa de soluções originada pela diversidade de dimensões dos edifícios, que nesta categoria não estão restringidos à mesma largura de lote. Estes edifícios possuem três frentes, duas de rua e uma de logradouro, exceto no caso do edifício com LO 1958/370 [Anexo X] que é o remate da Rua de 5 de Outubro com Rua dos Vanzeleres, tendo, portanto três frentes de rua.

O edifício referido, com LO 1958/70 (Figura 110), tal como o edifício projetado pelo Arquiteto Alcino Soutinho (LO 1973/548), destaca-se pela sua qualidade de desenho. Este prédio de três andares, com "cobertura terraço"[108], desenha-se nos pisos de habitação num fogo muito amplo onde, mais uma vez, se distingue a zona de serviço da zona mais privada da casa. A partir das escadas em meia lua, adjacentes à parede meeira, pode-se aceder por diferentes entradas às distintas zonas. A zona de serviço é constituída pelo 'quarto da criada', 'banho da criada' e cozinha e, separadamente, o fogo possui mais dois quartos e quarto de banho e uma grande sala, dividida em sala de jantar e sala de estar que podem ou não ser separadas fisicamente. Este edifício, um dos primeiros de carácter plurifamiliar na rua, destaca-se pelo desenho da sua fachada, que transparece também no projeto de arquitetura e que ainda hoje se salienta no seu contexto urbano.

Figura 110- Remate da Rua de 5 de Outubro, edifício com LO 1958/70

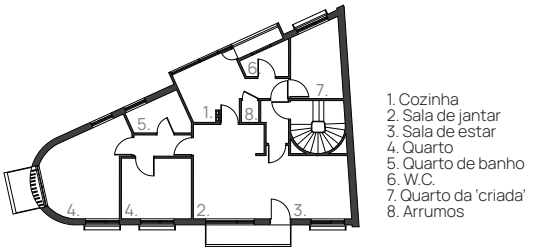


Figura 111- Planta do piso tipo do edifício com LO 1958/70, escala 1/350

Os restantes edifícios desta categoria fazem as empenas da rua com os arruamentos perpendiculares, sendo que têm três fachadas: duas de rua e uma de logradouro; e configurações mais complexas dos edifícios inseridos em lotes contíguos.

Estes quatro exemplares são, deste modo, bastante distintos dos restantes até aqui analisados, mas também bastante distintos entre si, sendo que têm diferentes larguras de frente de lote e inclusive, o edifício com LO 1971/417 (Figura 112) é um bloco de habitação, com dois conjuntos de acessos. Ainda assim mantêm, continuidade com a cércea estabelecida na rua em meados do século XX e são também semelhantes na apropriação do piso térreo por atividades de comércio.

Destaca-se, no entanto, a existência de algumas disparidades e evoluções, principalmente

108. Memória Descritiva, LO 1958/370, Arquivo Geral Municipal do Porto.

entre os dois edifícios dos anos 70 (LO 1971/417 e LO 1973/173), e os edifícios construídos no final do século XX. Nos primeiros, procura-se solucionar a posição das cozinhas na fachada de logradouro enquanto nos edifícios com LO 1989/394 e LO 1992/340 estas encontram-se nas fachadas de rua. Para além disso, observa-se uma progressiva diminuição dos espaços de circulação dentro dos fogos e um aumento da área de espaços de circulação comuns. Em geral, observa-se também que os apartamentos das décadas de 1980 e 1990 são consideravelmente mais compactos do que os seus precedentes, contêm menos divisões e estas têm menores áreas, o que condiz com a tendência geral que se observa em todos os tipos de habitação plurifamiliar na segunda metade do século XX apresentados.

Figura 112-Gaveto, edifício com LO 1971/417

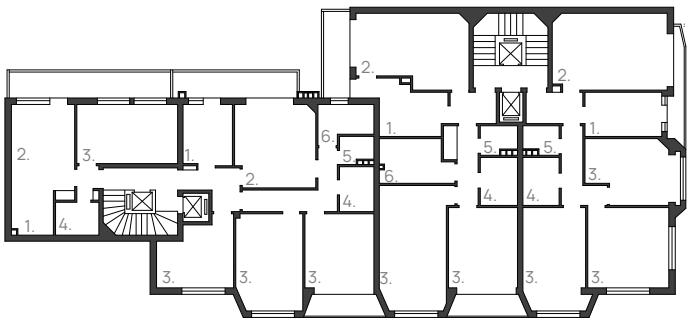


Figura 113- Planta do piso tipo do edifício com LO 1971/417, escala 1/350

Figura 114- Gaveto, edifício com LO 1973/173

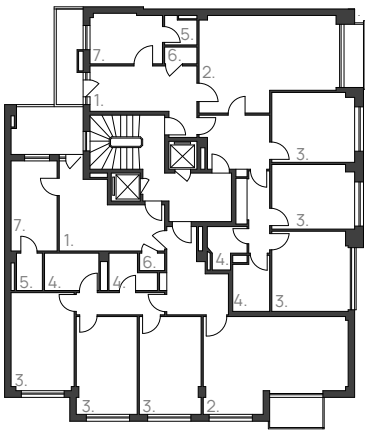


Figura 115- Planta do piso tipo do edifício com LO 1973/173, escala 1/350

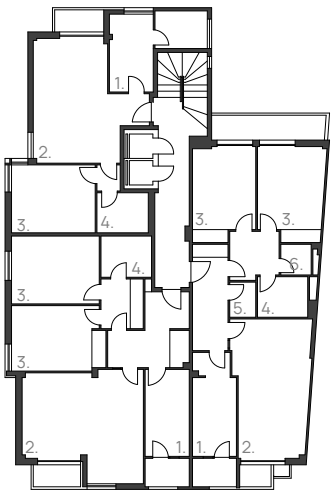


Figura 117- Planta do piso tipo do edifício com LO 1989/394, escala 1/350

Figura 116-Gaveto, edifício com LO 1989/394

Figura 118-Gaveto, edifício com LO 1992/340

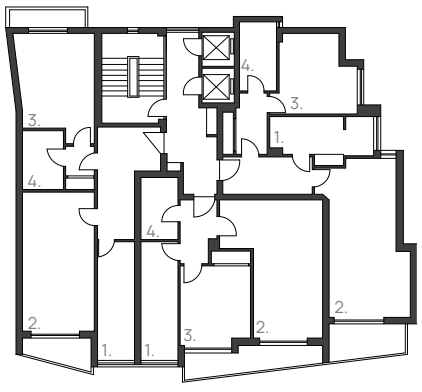


Figura 119- Planta do piso tipo do edifício com LO 1992/340, escala 1/350

1.4. Considerações gerais sobre a evolução do tipo plurifamiliar

[Anexo XI]

[Anexo XII]

A categorização dos edifícios nestes 5 tipos (lote estreito, lote alargado, esquerdo-direto, grande frente e situação urbana particular) e diferentes modelos dentro de cada tipo permitiu constatar que a largura do lote está intrinsecamente relacionada com a configuração dos edifícios e com as opções tipológicas dos apartamentos. Para além disso, observa-se que os edifícios com frente igual ou inferior a 7 metros de largura são os que têm maior presença no conjunto de habitação plurifamiliar na Rua de 5 de Outubro, tendo sido maioritariamente construídos entre as décadas de 70 e 80 do século XX. Estes edifícios, muitos com frente inferior a 6 metros de largura, estão, por natureza muito restringidos na capacidade de criar diferentes configurações de fogos, sendo que, nos exemplares estudados encontraram-se apenas duas soluções tipológicas: um fogo por piso, que segue a matriz de habitação burguesa precedente; e dois fogos por piso, uma matriz mais simplificada e com redução das áreas e mínimo de compartimentos.

Constata-se, de igual modo, que em edifícios com frentes de lote de maior dimensão, os apartamentos apresentam áreas superiores e um maior número de compartimentos. Além disso, a separação de zonas de serviço e zonas privadas, com entradas distintas e compartimentos para as 'empregadas', é excecional, existindo apenas em edifícios com frente superior a 18 metros.

Sublinha-se que a opção mais frequente em edifícios com um apartamento por piso ou em esquerdo-direito é a associação da sala e cozinha, e a sua localização na fachada posterior, seguindo lógicas de distribuição tradicionais, de valorização da fachada urbana. Não obstante, vulgariza-se a separação dia/ noite, numa lógica funcionalista de distribuição da casa.

Para além da largura do lote existe um outro fator de distinção dos diferentes tipos e modelos de habitação presentes na rua: a década de construção. Não só este fator é relevante na definição do número de pisos dos edifícios, mas também na complexidade e variedade de desenho. Observa-se que os edifícios da rua construídos entre as décadas de 1930 a 1960 possuem uma maior variedade de soluções na sua configuração, fruto da experimentação permitida antes da implementação do Regulamento de 1956. Assim, ainda que não se encontrem edifícios na rua com saguões, existem exemplares com pátios centrais e laterais, ou seja, com configurações complexas, modelos que desapareceram, em detrimento das configurações regulares e compactas que se vulgarizaram a partir de meados da década de 1960.

Em grande parte dos exemplares desta rua, com exceção dos edifícios com LO 1935/2021 e LO 1958/370, os quartos de banho são interiores, o que também informa do uso de uma solução infraestrutural relativamente recente, o ducto de ventilação.

Nos edifícios de habitação plurifamiliar mais antigos da rua observa-se uma tentativa de continuidade com a habitação unifamiliar burguesa, por sua vez disposta horizontalmente. Os fogos são de maiores dimensões, contando com dois a quatro quartos e observa-se

uma preocupação com a gestão de espaço para arrumos e, em alguns casos, a separação da zona de receção e zona privada da casa. Particularmente evidente é a separação da zona de serviços, resultando em apartamentos que evocam práticas de uso e habitação tradicionalmente burguesas.

Por outro lado, começam a surgir no último quartel de século XX fogos compactos, com áreas e compartimentos mínimos que apelavam a modos de vida distintos, mais 'modernos'.

Os tipos e modelos de habitação construídos na Rua de 5 de Outubro comprovam lógicas comuns observadas noutras ruas e áreas da cidade, inserindo-se em processos de jogo entre regras e exceções, processos de inovação, hibridização e continuidade, simplificação e anonimato, construindo cidade lote a lote, edifício a edifício.

"Está também comprovado que no Porto, no que à habitação plurifamiliar edificada de raiz diz respeito, as tipologias correntes que dominaram como regra na cidade desde inícios dos anos 60 até aos anos 80 não são o prédio de rendimento, apesar da sua maior complexidade e sofisticação, mas tipologias bastante mais anónimas, de menor escala e maior simplificação programática, adaptada à substituição lote a lote."[109]

109. LAMEIRA, GISELA - A habitação plurifamiliar portuense na 1ª metade do séc. XX. Produção arquitetónica: génese, transformação, adaptabilidade. In Congresso Internacional da Habitação no Espaço Lusófono. Lisboa: 2013, p 4

2. Consolidação de modelos ao longo do século XX: perspetivas a partir de 6 casos de estudo

2.1. Critérios de seleção

Neste capítulo do trabalho foram selecionados 6 edifícios de habitação plurifamiliar da Rua de 5 de Outubro [Anexo XIII], que serão analisados a partir de três escalas de abordagem: inserção urbana, edifício e célula, seguindo a lógica de análise próxima à dos estudos de Christian Moley[110] relativamente aos modelos de habitação burguesa.

Estes edifícios representam as três categorias com maior número de exemplares na rua: os edifícios inseridos em lote estreito, edifícios de distribuição esquerdo-direito e edifícios com grande frente. Para além disso, de modo a representar a evolução destes tipos de edifícios ao longo do tempo, foram escolhidos dois casos de cada categoria: o primeiro de meados do século XX, representativo dos modelos precursores; o segundo das décadas finais do século XX, representativo dos modelos consolidados a partir da década de 70.

Na primeira categoria, de lote inferior a 7 metros, foram selecionados os edifícios com LO 1968/235 e LO 1990/418, sendo que o primeiro tem 1 fogo por piso e distribuição segundo a matriz portuense tradicional, enquanto o segundo apresenta lógicas distintas, com dois fogos por piso. Na segunda categoria, de esquerdo-direito elege-se o edifício com LO 1935/2021, enquanto o primeiro edifício de habitação plurifamiliar a ser construído na rua, sendo representativo da experimentação tipológica e liberdade de desenho antes da implantação do regulamento de 1956[111], e o edifício com LO 1984/264 que constitui, por outro lado, a regularização deste modelo ao nível da configuração. Por último, relativamente aos edifícios de grande frente, foram selecionados os edifícios com LO 1969/109 e LO 1994/271, pelas mesmas razões apontadas anteriormente.

Na primeira escala de abordagem, a **inserção urbana**, pretende-se compreender de que maneira o edifício se insere no eixo urbano e a relação da sua volumetria com a rua, quarteirão e logradouros.

O segundo parâmetro, **edifício**, compreende a análise dos alçados de frente de rua e de logradouro, desde a sua composição, materiais, varandas, e como este desenho pode informar relativamente ao programa do interior do edifício. Analisa-se de igual modo o programa, sendo que se pretende tornar explicita a distribuição funcional do edifício e a sua relação com o espaço exterior ao nível do piso térreo.

Por último, a análise da **célula**, foca-se no fogo do piso tipo, sendo que se pretende comparar as tipologias dentro das diferentes categorias de edifícios e a sua relação com a largura do lote. Neste parâmetro de análise, pretende-se compreender as configurações dos fogos, as suas dimensões e distribuição funcional. Procura-se, também observar o potencial de adaptação do fogo a transformações no habitar e modos de vida .

110. MOLEY, CHRISTIAN - L' Architecture du logement culture et logiques d'une norme héritée. Paris: Anthropos, 1998.,
-- - L' immeuble en formation genèse de l'habitat collectif et evators intermédiaires. Liège: Pierre Mardaga, 1991.
111. - Regulamento do Plano Regulador da Cidade do Porto. Porto: Separata do Boletim Municipal, CMP, nº 1036, 1956.

2.2. Inserção urbana

Os edifícios selecionados localizam-se entre paredes de meação, um dos quatro possíveis tipos de inserção urbana em que um edifício se pode apresentar[112].

Este tipo de inserção urbana é a mais comum no arruamento em estudo, ainda que com variantes na sua relação com a rua. Na Rua de 5 de Outubro, os edifícios mantêm-se de forma constante à face da rua, sendo que este alinhamento é interrompido nos quarteirões de cruzamento com as ruas dos Vanzeleres e de Domingos Sequeira (Figura 120). A partir deste ponto, existe um recuo da frente dos edifícios relativamente ao restante conjunto. Nestes quarteirões, as construções mais antigas são edifícios que se encontram implantados no centro dos lotes ou 'edifícios isolados na parcela', categorizados como palacetes. Deste modo, poder-se-á considerar que os edifícios de habitação plurifamiliar que lhes sucederam seguiram o alinhamento das fachadas palacianas ao invés de manterem o alinhamento estipulado no resto da rua.

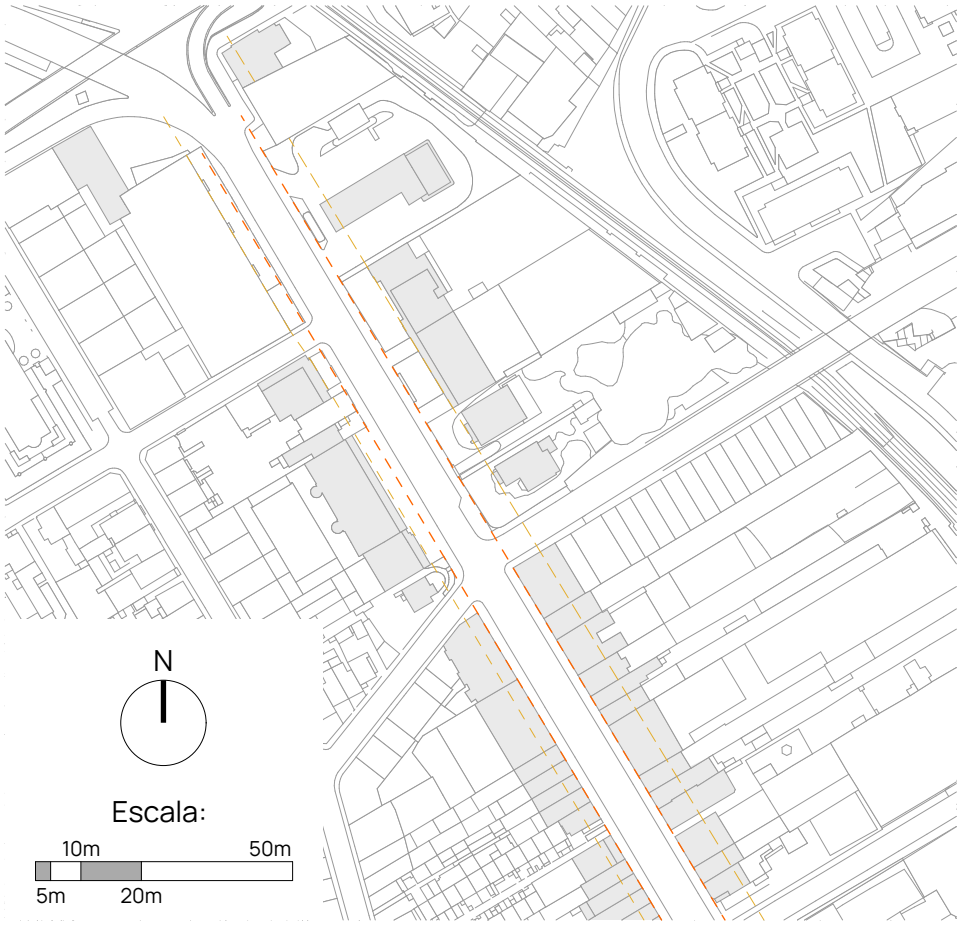


Figura 120- Planta da rua com anotação dos dois alinhamentos de fachadas

112. "(...) edifício localizado entre paredes de meação; edifício em gaveto; edifício de remate do quarteirão; edifício isolado na parcela (...)", in LAMEIRA, MARIA GISELA ANTUNES - O prédio de rendimento portuense topologias, tipologias e modelos de habitação plurifamiliar na 1ª metade do século XX. Porto: Faup, 2017, p. 473.

- Edifícios recuados relativamente à frente de rua

O recuo dos edifícios de carácter plurifamiliar relativamente à frente do arruamento começou a surgir somente a partir dos anos 50[113], com a crescente sistematização dos blocos de habitação mono funcionais e a necessidade de criar privacidade no programa habitacional do piso térreo. É o caso do edifício com LO 1984/276, cuja implantação com afastamento da rua é justificada pelo programa residencial do seu piso térreo, pelo alinhamento com o edificado precedente adjacente e, para além disso, com uma circunstância singular apontada na memória descritiva do processo de obra, nomeadamente- a "salvaguarda do pinheiro manso que se encontrava no terreno"[114](Figura 121). Contudo, esta implantação é singular no contexto da rua uma vez o acesso ao edifício é não só recuado como também murado, constituindo o único exemplo na rua no qual um edifício de habitação plurifamiliar tem acesso por um terreno adjacente à rua.

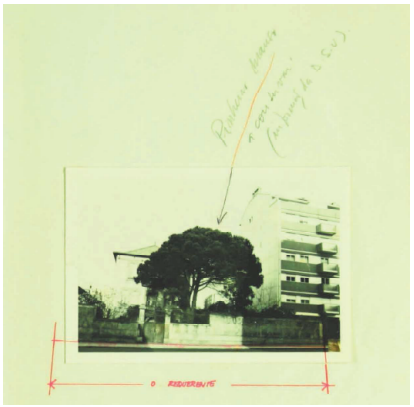


Figura 121- 'Fotografia do local' de implantação do edifício com LO 1984/276, apontado "Pinheiro manso a conservar (informação da D.S.U.)".

Figura 122- Frente do edifício com LO 1984/276

Também na mesma situação de implantação encontra-se o caso de estudo com LO 1969/109 (Figura 123), sendo que possui um espaço de transição entre a frente urbana e o espaço público. É de notar que, tal como está descrito na memória descritiva do processo de licença de obra, esta implantação foi imposta pelo 'Gabinete de Urbanização'[115].

Figura 123- Implantação do edifício com LO 1969/109

113. Ibid., p. 345.
114. "Partiu-se de uma fachada que recua na zona central 3 metros para melhor integrar a árvore que existe." in folha 132, Memória Descritiva do Processo LO 1984/276, AGMP.
115. "Posteriormente, o Gabinete de Urbanização impoz um recuo de fachada de 6,00m. relativamente à Rua 5 de Outubro." In folha 19, Memória Descritiva do Processo LO 1969/109, AGMP.

- Ocupação de duas frentes urbanas

Por outro lado, observa-se também a ocupação de lotes com duas frentes urbanas, na secção poente da rua, uma frente para a Rua de 5 de Outubro e outra na dos Vanzeleres, sendo que nos casos que a extensão o permite, são formados dois 'corpos' que partilham logradouro ou pátio. Tal é ocaso dos edifícios com LO 1935/2021, LO 1969/109 e LO 1994/271 (Figura 124, 125). No primeiro, o pátio comum é reservado a estacionamentos, cuja entrada é feita pela Rua dos Vanzeleres. No caso do edifício com LO 1969/109, o lote é também ocupado por dois volumes, mas neste caso, não existe logradouro, sendo que o piso térreo ocupa toda a extensão entre os dois volumes.

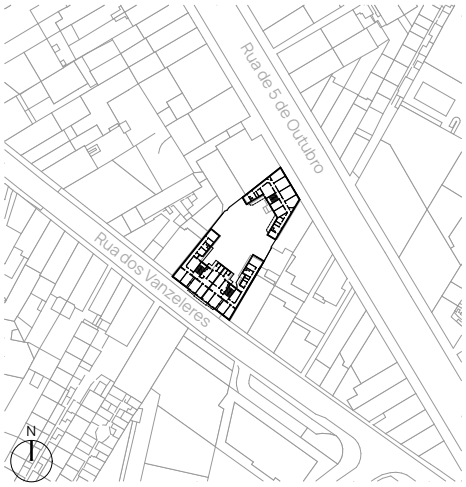


Figura 124- Planta de implantação do lote com LO 1935/2021 (piso tipo), escala 1/2500

Figura 125- Planta de implantação dos lotes com LO 1969/109 (cima) e LO 1994/271 (baixo), piso tipo, escala 1/2500

Na frente a nascente da rua, devido à delimitação dos lotes pela linha férrea do Metro do Porto, não é possível este tipo de inserção urbana. Os logradouros destes edifícios são, comparativamente com os anteriores, mais extensos e permitem o aproveitamento para outros programas.

2.3. O edifício

No que toca à escala do edifício, podem ser distinguidos dois planos de abordagem: as fachadas e o programa.

- As fachadas

Observa-se que, nos edifícios de frente estreita, a experimentação no que toca à estética e dinâmica da fachada se relaciona com a dimensão do lote. Os dois edifícios deste tipo, com licenças de obra datadas de 1968 e 1990, são adjacentes partilham e têm a mesma cércea, mantendo a uniformidade deste conjunto urbano (Figura 127). Para além disso partilham de elementos formais semelhantes: o piso térreo é revestido em pedra polida, os restantes pisos a pastilha cerâmica; o alçado é composto por dois vãos por piso, fronteados por uma varanda na fachada de rua; os edifícios têm um piso superior recuado, que não afeta visualmente a fachada da rua, e coberturas inclinadas revestidas a telha.

Figura 126- Fachada da frente de rua dos edifícios com LO 1990/418 (esquerda), LO 1968/235 (centro)e LO 1970/617 (direita), escala 1/350

Figura 127- Edifícios com LO 1990/418 (esquerda), LO 1968/235 (centro)e LO 1970/617 (direita)

É possível sublinhar alterações no desenho da fachada do edifício com LO 1990/418, onde existe uma dinâmica distinta obtida através da forma circular das varandas, para além da diferenciação do revestimento destas (em betão) em relação à parede, criando dois planos. Na fachada do edifício com LO 1968/418 a cerâmica é aplicada diferenciadamente na varanda e nas paredes. Os gradeamentos de ferro da varanda estão em concordância com o tom dos caixilhos de alumínio, e distinguem-se da maioria dos elementos de alumínio encontradas na rua pela cor verde.

A frente de rua do edifício com LO 1990/235 é ocupada pelos quartos das habitações, a solução corrente na habitação portuense precedente, enquanto o edifício com LO 1990/418 distribui na fachada principal as cozinhas e salas dos fogos. Contudo, este programa não se transfere visualmente no desenho da fachada do edifício, estando este em concordância com a maioria das lógicas de composição encontradas na rua, e mantendo a indiferenciação funcional relativamente ao desenho dos vãos. Tal não é o caso do edifício adjacente a estes

dois, com LO 1970/617, que apresenta uma disposição dos apartamentos semelhante ao anterior. Neste caso, a presença na fachada da frente da cozinha torna-se evidente, sendo que foram instaladas marquises em todos os andares deste edifício, um elemento arquitetónico comum na cidade do Porto e que se encontra maioritariamente associando fachadas de logradouro (Figura 130).

Figura 128- Perspetiva sobre fachadas de logradouro da Rua

Figura 129- Rua de 5 de Outubro

Em relação aos edifícios com distribuição esquerdo-direito, o edifício com LO 1935/2021 (Figura 130), o primeiro edifício da rua deste tipo a ser construído, apresenta um número de pisos inferior àquele que acabou por ser adotado nas futuras construções de programa plurifamiliar. Este edifício destaca-se por visualmente diferenciar o programa de habitação no piso térreo, o que não é comum nesta rua. As montras envidraçadas e o revestimento a granito polido são substituídos pela uniformidade dos pisos, em vez do destaque claro dado ao piso térreo comercial. Apesar do programa habitacional, o piso térreo não está elevado (como é vulgar nas habitações burguesas do início do século XX), ou recuado como foi sistematizado nos edifícios de habitação plurifamiliar posteriores. A presença ao nível da rua dos quartos destas habitações leva a questionar sobre a privacidade e segurança destas e informa também o carácter experimental deste edifício. Destaca-se a ausência de varandas na fachada e o uso de reboco pintado como revestimento.

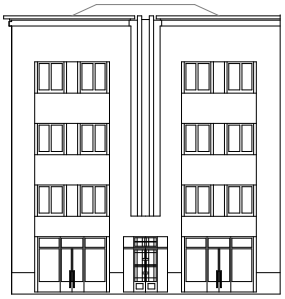


Figura 130- Alçado da frente de rua do edifício com LO 1935/2021, escala 1/350

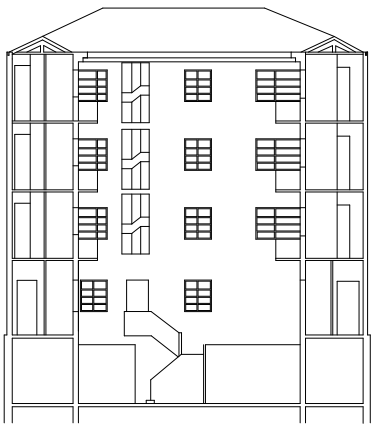


Figura 131- Alçado da frente de logradouro do edifício com LO 1935/2021, escala 1/350

Por outro lado, o edifício com LO 1984/264 (Figura 132), sugere um processo evolutivo de alteração de modelos ocorrido num espaço de 50 anos. Todas os aspetos que seriam de experimentação ao nível da composição da fachada no edifício dos anos 30, como a marcação de eixos verticais, entablamentos, e emolduramento dos caixilhos, são simplificados. O revestimento rebocado é substituído não só neste edifício, mas de forma geral nos edifícios plurifamiliares a partir da década de 1960, pela pastilha cerâmica em distintas cores. Observa-se ainda a evidenciação do acesso à garagem na fachada deste edifício, enquanto que no edifício dos anos 30, o acesso aos estacionamentos é feito através da Rua dos Vanzeleres.

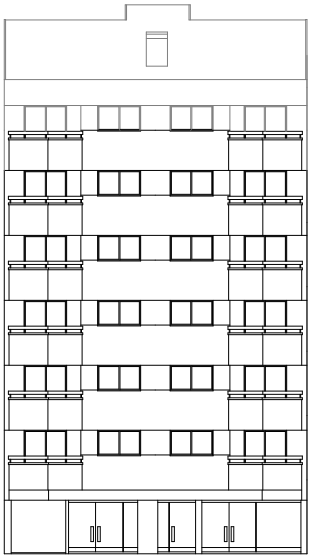


Figura 132- Alçado da frente de rua do edifício com LO 1984/264, escala 1/350

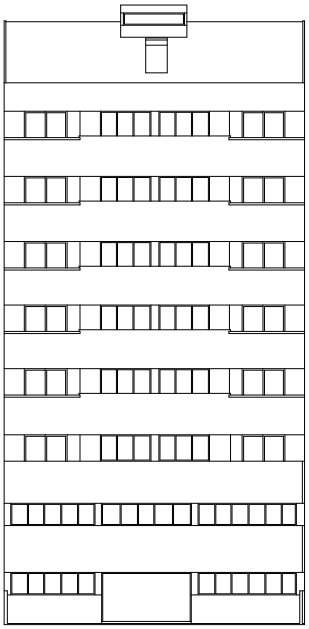


Figura 133- Alçado da frente de logradouro do edifício com LO 1984/264, escala 1/350

Figura 134- Fachada da frente do edifício com LO 1935/2021

Figura 135- Pormenor da fachada da frente do edifício com LO 1935/2021

Nos edifícios com grande frente, as fachadas são ritmadas e repetitivas. O edifício com LO 1969/109 (Figura 136) tem duas entradas para habitação e três espaços para estabelecimentos no piso térreo, com montras encaixilhadas em alumínio e com paredes revestidas em granito polido. O piso 1 distingue-se dos restantes pela ausência de varandas. Nos restantes pisos, o ritmo é marcado horizontalmente e verticalmente pelo uso de pastilha cerâmica de tons diferentes. O volume mantém-se no mesmo plano que é apenas interrompido pelas varandas de pequenas proporções em comparação com a escala do edifício.

Figura 136- Alçado da frente de rua do edifício com LO 1969/109, escala 1/350

Figura 137- Alçado da frente de logradouro do edifício com LO 1969/109, escala 1/350

Figura 138- Detalhe da fachadada da frente do ediifício com LO 1969/109

Figura 139- Fachada traseira

Neste edifício é possível observar a distinção entre o tratamento da frente de rua e da fachada de logradouro. A fachada posterior é rebocada uniformemente, sendo que não existe o nível de detalhe e ritmo da fachada da frente (Figuras 138 e 139).

No edifício com LO 1994/271, tal como no edifício anteriormente descrito deste período (anos 90- LO 1990/418) destaca-se o uso de caixilharias de uma cor diferente (Figura 142). A nível da composição, a fachada apresenta dois planos. De igual modo, as janelas dos pisos têm diferentes dimensões, informando os diferentes programas que se desenvolvem nesta frente. As cozinhas são marcadas, nas fachadas deste edifício, não por varandas, mas antes pelas janelas de menores dimensões.

Figura 140- Alçado da frente de rua do edifício com LO 1994/271, escala 1/350

Figura 141- Alçado da frente de logradouro do edifício com LO 1994/271, escala 1/350

Figura 142- Fachada da frente do edifício com LO 1994/271, escala 1/400

De um modo geral, denota-se que certos elementos das fachadas são semelhantes entre si, ao longo do tempo. Um dos traços mais evidente é a diferença de materialidade entre os acabamentos aplicadas nos pisos térreos em relação aos restantes (exceto quando estes são de habitação, nesse caso é utilizado o mesmo material). Para além disso, devido à localização das cozinhas e lavandarias ('tratamento de roupa') nas fachadas de logradouro, observa-se que estas são, para além de mais simples do que as de rua, comumente enquadradas com marquises.

Contudo, constata-se a evolução e diferenças evidentes no desenho dos alçados e composição ao longo do tempo, sendo que não só elementos de detalhe vão sendo suprimidos e substituídos pela criação de múltiplos planos na fachada, como estas se tornam cada vez menos simétricas. Nos edifícios de meados de século é possível determinar um ou mais eixos de simetria no desenho da fachada. Já nos casos dos anos 90, este instrumento de composição deixa de ser uma ferramenta operativa no desenho das fachadas [Anexo XIV].

- O programa

"No Porto, genericamente, a opção corrente para um pequeno prédio de apartamentos para arrendar, traduz-se num edifício com habitações em todos os pisos e cujo rés-do-chão varia entre estabelecimentos, armazéns, arrecadações ou garagens, segundo a localização urbana."[116]

Os casos de estudo selecionados apresentam diferentes programas no rés-do-chão: armazém, estabelecimento ou garagens. Estes seguem a tendência da primeira metade do século XX onde os prédios de rendimento apresentavam frequentemente escritórios no piso 1 e 2, especialmente nos arruamentos mais centrais. Na Rua de 5 de Outubro esta particularidade programática ocorre apenas até início dos anos 70, e nos edifícios construídos a partir dessa data, o programa a partir do piso 1 é unicamente residencial. Contudo, destaca-se um caso de estudo, o edifício com LO 1968/235, no qual este programa de escritórios se verifica (Figura 141)ainda que tenha sido adaptado para habitações atualmente (uma adaptação simples já que as infraestruturas de saneamento e ventilação percorrem todo o edifício verticalmente e, portanto, estão acessíveis neste piso).

Para além deste caso, a outra exceção ao nível do programa é o edifício com LO 1935/2021 que, como foi anteriormente referido, apresenta habitação no piso térreo (Figura 145). Este edifício não tem um piso recuado, mas tem uma cave para estacionamentos, cujo acesso é feito pela frente da rua dos Vanzeleres. A partir da cave, o acesso dos habitantes para o edifício é feito pelo exterior, através de escadas no pátio que levam ao hall de entrada do edifício.

No edifício com LO 1984/264, a cave é usada para estacionamento e o acesso a esta é feito pela fachada principal. O rés do chão está ocupado por um estabelecimento comercial (Figura 146). O programa das habitações tem distribuições diferentes entre pisos. No piso 1 e 2 distribuem-se quatro fogos t0 por piso, viabilizados pela posição central dos acessos verticais. Do piso 3 ao piso 5 existem 2 fogos t2 com configuração esquerdo-direito. Mais uma vez, esta diferença programática não se traduz visualmente na fachada.

116. LAMEIRA, MARIA GISELA ANTUNES - O prédio de rendimento portuense topologias, tipologias e modelos de habitação plurifamiliar na 1ª metade do século XX. Porto: Faup, 2017, p. 332.

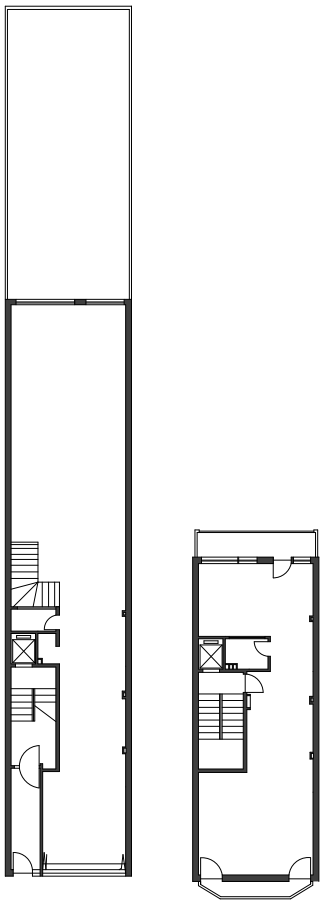


Figura 143- Planta do piso térreo (esquerda) e piso 1 (direita) do edifício com LO 1968/235, escala 1/350

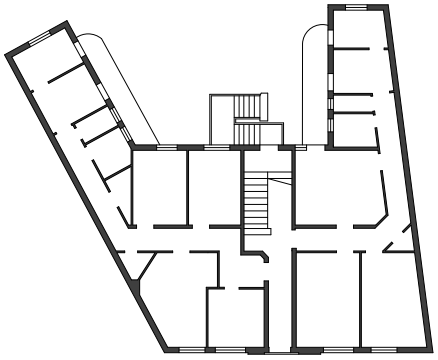


Figura 144- Planta do piso térreo do edifício com LO 1935/2021, escala 1/350

Figura 145- Planta de 'mudança de destino' do piso térreo na LO 1935/2021

No piso recuado existem também 2 fogos t2 em esquerdo-direito, sendo que se suprimem os arrumos e alguma área dos quartos.

Em relação aos edifícios de grande frente, começando com LO 1969/109, a cave e o rés-do-chão são ocupados por estabelecimentos comerciais (Figura 147). Existem dois conjuntos de acessos verticais, cada um constituído por escada e elevador de serviço e escada e elevador comum. Num dos núcleos, distribuem-se os fogos em esquerdo-direito enquanto no outro um fogo por piso, contando-se, portanto, três apartamentos por piso neste edifício, todos semelhantes entre si. Os fogos distribuem quatro quartos na fachada da frente e sala, cozinha e quarto na fachada traseira. No piso recuado, os apartamentos são menores, com apenas 2 quartos na fachada principal.

No edifício com LO 1994/271, a cave é destinada a estacionamentos e armazém de comércio e ocupa toda a extensão do lote. O piso térreo é dedicado a comércios e usufrui de terraços traseiros (Figura 148). Os pisos 1 a 5 são semelhantes, mas configurados em tipologias de habitação diferentes. Cada piso tem dois t2, dois t1 e um t0. Os t2 têm duas frentes de rua, sendo que estes fogos têm uma configuração semelhante aos que se desenvolvem em distribuição esquerdo-direito ou por piso em lotes inferiores a 7 metros. Os restantes fogos têm apenas uma frente de rua sendo o T0 implantado na fachada traseira. O piso recuado neste edifício tem quatro apartamentos, um t0 e dois t3, com terraços.

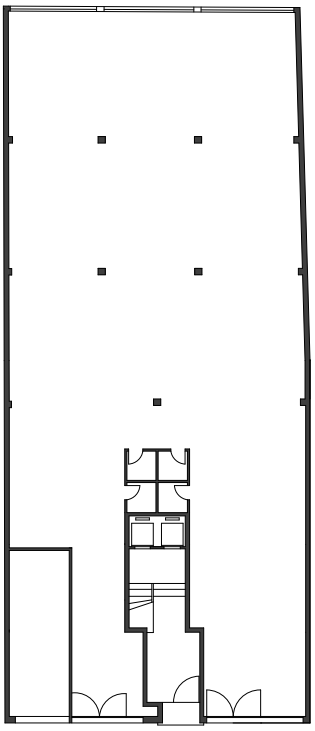


Figura 146- Planta do piso térreo do edifício com LO 1984/264, escala 1/350

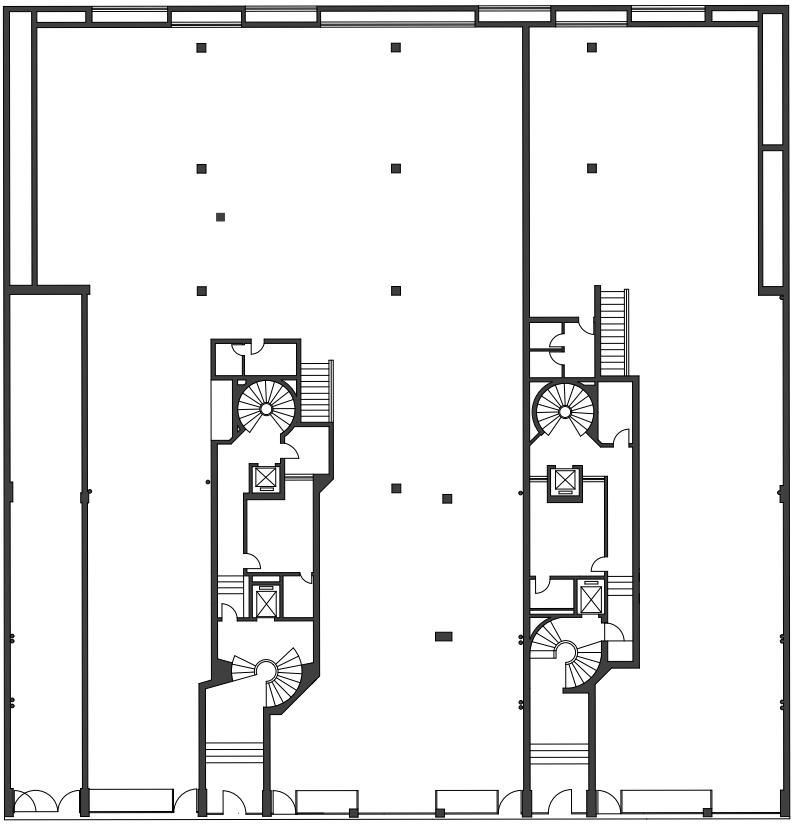


Figura 147- Planta do piso térreo do edifício com LO 1969/109, escla 1/350

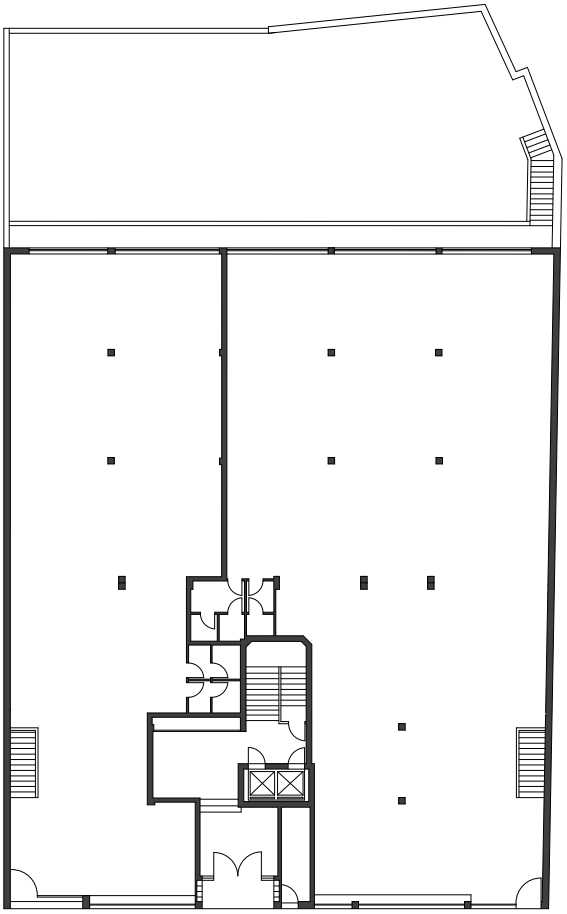


Figura 148- Planta do piso térreo do edifício com LO 1994/271, escala 1/350

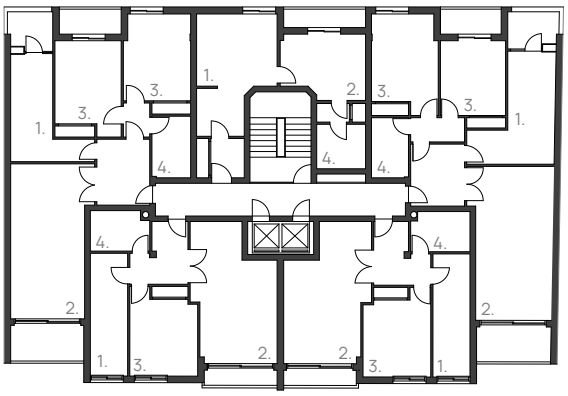


Figura 149- Planta do piso tipo do edifício com LO 1994/271, escala 1/350

A partir destes casos de estudo, observam-se alterações ao longo do tempo em relação a escolhas programáticas nos edificios de habitação plurifamiliar.

Por um lado, o programa de escritórios utilizado para os pisos 1 e 2 ocorre num período de tempo curto e acaba por desaparecer nos anos de 1970, sendo que a partir daí os prédios são apenas de habitação.

Por outro lado, verifica-se que o programa do piso térreo é praticamente uniforme, sendo que se opta por grandes espaços abertos que podem ter diferentes usos, frequentemente comércios. O programa de garagem é esporádico no rés-do-chão (Anexo V).

A existência de logradouro está relacionada com o tipo de implantação do edifício. No caso dos edificios com LO 1968/235 e LO 1990/418 (Figura 150) o logradouro encontra-se ao nível do piso térreo. No caso do edificio com LO 1969/109 (imagem 147) não existe logradouro uma vez que o piso térreo coberto ocupa toda a extensão do lote.

Existem casos em que o piso do logradouro se encontra ao nível da cave e não do piso térreo (Figura 152). Este espaço é usado, nos casos de estudo, como estacionamentos, nos edificios com LO 1935/2021, LO 1984/264 e LO 1994/271.

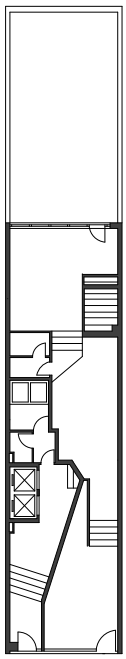


Figura 150- Planta do piso térreo do edifício com LO 1990/418, escala 1/350

Figura 151- Corte longitudinal do edifício com LO 1990/418, escala 1/350

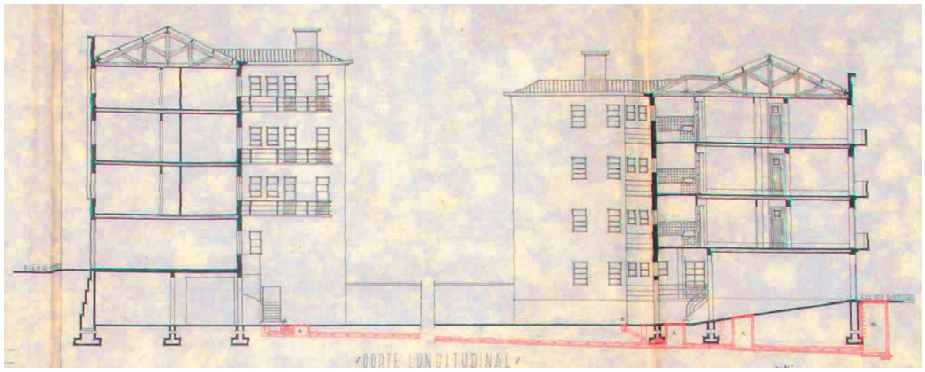


Figura 152- Corte longitudinal do edifício, na LO 1935/2021

2.4. A célula

[Anexo XV]

Ao observar os princípios de distribuição dos fogos em estudo é possível constatar, ao longo do tempo, a redução das áreas e número de compartimentos, evidente quando se confrontam os fogos dos edifícios selecionados (Figura 153).

No edifício com LO 1935/2021 observa-se a separação entre as zonas de quotidiano e serviços no apartamento, ainda que não seja visível uma separação entre o espaço de receção- a sala de jantar- e os quartos, uma prática corrente nas habitações burguesas. Esta distribuição pode estar diretamente relacionada com a morfologia do edifício, com o pátio central, ou pode também ser explicada pelo caráter de experimentação que, tal como já foi mencionado, caracteriza não só este caso de estudo em particular como outros da mesma época.

De facto, observa-se que, nos edificios de habitação plurifamiliar posteriores, todos construídos após 1956, e sujeitos a novos regulamentos, aparenta ocorrer um retorno às normas distribuitivas tradicionais. É o caso do edifício com LO 1969/109 , no qual os fogos do piso tipo se desenham com clara separação das três zonas: zona de serviço, com cozinha, despensa e aposentos da 'criada'- um núcleo de compartimentos completamente separado e independente do resto do apartamento; a zona de receção com a sala comum; e a zona de quotiano, composta pelos quartos e quartos de banho. É observável e retratado por este edificio que, no caso em que os edificios são inseridos em lotes de maiores dimensões, se desenham apartamentos maiores, com mais compartimentos, e organização do fogo mais complexa. Esta tendência inverte-se a partir das últimas décadas do século XX, sendo que em edifícios com grandes frentes, o número de fogos por piso aumenta, tal com a simplificação das sua divisões. Esta situação é evidenciada no edifício com LO 1994/271, entre outros, no qual contendo frentes de lote que permitem desenhar apartamentos com as dimensões do edificio com LO 1969/109, se multiplicam apartamentos de menores áreas. Neste caso, os compartimentos veem-se reduzidos à unidade básica: com sala comum, cozinha, quarto e quarto de banho.

Outro aspeto que se salienta, na comparação destas duas células de habitação é a diminuição os espaços de circulação. No primeiro caso, dos anos 60, o vestíbulo e espaços de circulação permitem a distinção das diferentes zonas dentro da habitação, incorporando de igual modo zonas de arrumação. No caso do edificio de grande frente dos anos 90, o vestíbulo e espaço de distribuição foi reduzido ao mínimo necessário, sendo que não existe uma transição dentro do apartamento entre diferentes zonas: as divisões são compactas e não é 'desperdiçada' área útil para este efeito. Observa-se a redução da importância dos espaços de arrumação, espaços que se tornam secundários.

Por outro lado, no que toca a edificios inseridos em lote estreito, observa-se que nos anos 60 surge um modelo de célula que foi reproduzido constantemente na rua até ao final do século XX. Este modelo é representado pelo caso de estudo com LO 1968/235. Este consiste num apartamento integrado num edifício em lote estreito, onde ocorre separação das zonas de dia e noite. Os quartos, dois por norma, localizam-se na fachada urbana e a cozinha e sala comum agrupam-se na fachada traseira.

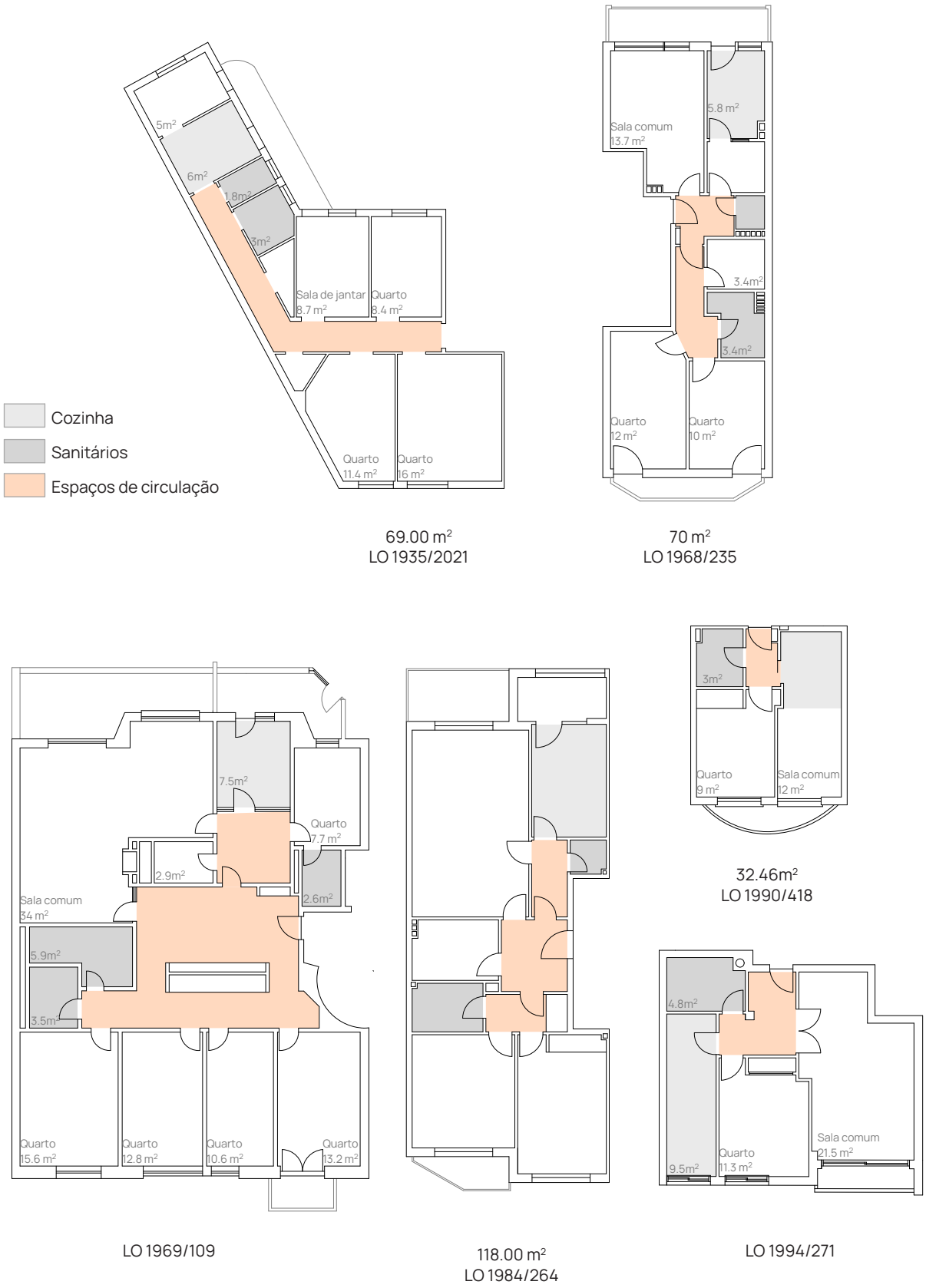


Figura 153- Plantas tipo das células de habitação dos casos de estudo, escala 1/200

Os quartos de banho ocupam o centro do apartamento, ventilados através de ductos. Existe um número variável de arrumos ou despensas que se relaciona com a área do fogo e também com a época de construção, sendo que se regista uma redução progressiva deste tipo de espaços. Neste caso de estudo observa-se que as áreas de circulação são compactas, evidência de um modelo instituído, e fruto de experimentação com o objetivo de otimizar o espaço.

Este tipo de células de habitação esão correntes na segunda metade do século XX, na rua, em edifícios de lote estreito, mas também em configurações esquerdo-direito, sendo que estas frentes correspondem, aproximadamente, ao dobro da largura de lote tradicional e, deste modo, estes fogos são duplicados por piso, com os mesmos acessos verticais. Exemplo desta distribuição é o edificio com LO 1984/264, cujos apartamentos apresentam de áreas superiores às do edifcio da década de 1960. Esta condição aparenta estar apenas relacionada com uma maior largura de frente. O fogo do edifício com LO 1984/264 dispõe-se com configuração semelhante à do edifício com LO 1968/235, com separação da zona de dia e noite. A maior área do fogo permite a ampliação das áreas dos compartimentos, sendo que as zonas de distribuição são de igual modo compactas.

Por oposição a este modelo, surge nos anos 1970[117], uma segunda solução para edificios de frente estreita que foi sendo reproduzida com maior popularidade. A solução proposta é um modelo de dois apartamentos por piso, um voltado para a frente de rua e outra para as traseiras. Estes fogos, representados pelo edifício com LO 1990/418, destacam-se pela compactação de áreas e redução de compartimentos ao mínimo, traduzindo-se num modelo sem qualquer relação com as matrizes burguesas. De facto, não se verifica uma distinção entre zonas de dia/noite ou serviço/quotidiano. A célula é composta por três compartimentos: quarto de banho, quarto e sala comum (que inclui a cozinha). Não existe distinção entre vestíbulo e espaços de circulação. Observa-se que este modelo de célula de habitar constitui um terço dos edifíciosconstruídos na rua (13 em 39 edifícios de habitação plurifamiliar construídos no século XX, na Rua de 5 de Outubro), ocorrendo em edificios de lote estreito, alargado e grande frente. Deste modo, infere-se que este modelo é aquele com maior presença, ainda que o primeiro exemplar seja de 1970.

Esta redução visivel, ocorrida em poucas décadas e demonstrada na figura 151 e Anexo XV, revela a mudança drástica que ocorreu nos modos de habitar e nos modelos de habitação propostos ao longo do século XX.

Em modo de síntese, é possível evidenciar os seguintes pontos, enquanto panorama da transformação observada no âmbito dos modelos de habitação plurifamiliar na Rua de 5 de Outubro:

- a redução das áreas e do número de compartimentos;
- a diminuição das áreas dos vestíbulos e espaços de distribuição;
- a fixação de um modelo de apartamento em lote estreito e esquerdo-direito, com separação da zona de dia e noite;
- a fixação do modelo de dois apartamentos por piso em lote estreito;

117. cf capítulo 1.3, página 38

- a compactação das zonas de serviço e de quotidiano;
- a compactação da área dos fogos.

Notas conclusivas

Após um longo período em que os modelos de habitação se mantiveram muito semelhantes, desde o período mercantilista até ao liberal, o século XX representou uma era de evolução acelerada, especialmente durante a segunda metade. Esta transformação acentuada verificou-se tanto em termos da habitação como na morfologia urbana, sendo que a 'zona periférica de expansão'[118], na qual a Rua de 5 de Outubro se insere,cresceu para além do 'centro histórico' e criando uma nova centralidade urbana, em torno da Rotunda da Boavista.

Durante o século XX observou-se, na área circundante da Rua de 5 de Outubro, o avanço dos sistemas de transportes inseridos na dinâmica urbana. No início do século, esta zona da cidade era provida de transportes sobre carris, ainda à tração (que atravessavam a Avenida da Boavista) e caracterizada pela linha ferroviária de ligação à Povoa de Varzim, com estação na Praça Mouzinho Albuquerque e, onde hoje, no seu lugar, se encontra a linha do metro, atualmente em expansão.

Ao nível das construções, observou-se que na Rua de 5 de Outubro, tal como em muitas outras na cidade, ocorreu uma substituição sistemática das habitações unifamiliares por prédios de andares, de tipologia plurifamiliar, a partir de meados do século. Esta evolução surgiu como resposta à procura de habitação originada pelo aumento populacional e o desenvolvimento da cidade que ocorreu desde a sua industrialização.

Deste modo, a Rua de 5 de Outubro representa um objeto de investigação representativo de uma realidade muito mais abrangente, nomeadamente a cidade do Porto.

Em relação aos edifícios de habitação unifamiliar que a compõem, conclui-se que estes se inserem em categorias previamente fixadas por Francisco Barata[119], Maria do Carmo Marques Pires[120] e Nelson Mota[121]. Podem distinguir-se em três grupos significativos: palacetes, ou seja, moradias sem acesso direto pela rua, maioritariamente isoladas e de maior dimensão; habitações do tipo liberal polifuncional[122], ou moradias em banda, de acesso direto pela rua, nas quais o piso térreo é, na maior parte, ocupado por um comércio; ilhas, habitações adjacentes de áreas mínimas instaladas, de forma geral, nos logradouros de habitações burguesas.

Observa-se que atualmente as habitações unifamiliares constituem uma minoria na rua, ainda que nas imagens aéreas de 1940 se identifique a densa presença deste tipo de edificações. Tal é o resultado do processo de substituição ocorrido desde meados do século, no qual estas habitações foram demolidas e, no seu lugar, construídos edifícios de habitação plurifamiliar.

118. OLIVEIRA, J M PEREIRA DE - O espaço urbano do Porto condições naturais e desenvolvimento. Coimbra, Centro de Estudos Geográficos, 1973, p.92.
119. FERNANDES, FRANCISCO JOSÉ BARATA - Transformação e permanência na habitação portuense as formas da casa na forma da cidade. Porto: FAUP, 1996.
120. PIRES, MARIA DO CARMO MARQUES - A rua Álvares Cabral 1895-1940 formas de habitar. Porto: Faup Publicações, 2000.
121. MOTA, NELSON - A arquitectura do quotidiano público e privado no espaço doméstico da Burguesia portuense. Coimbra.
122. Cf. FERNANDES, FRANCISCO JOSÉ BARATA, p. 170

Previamente a este processo, verificou-se ainda a adaptação dos modelos de habitação unifamiliares de forma a multiplicar o número de habitações, um processo que está representado também na Rua de 5 de Outubro, facilitado pela existência de saguões. Este processo é, de igual modo, descrito por Francisco Barata noutras zonas da cidade no início do século XX.

A literatura existente refere também que na década de 20 do século XX[123] surgem os primeiros exemplos de edificação plurifamiliar. Na Rua de 5 de Outubro, o primeiro edifício deste tipo constroi-se em 1935. Estes edifícios constituem o objeto de estudo desta dissertação, constituindo assim uma amostra do tipo de edificação que se foi espacializando pela cidade. Confrontando a análise e interpretação realizada com estudos mais vastos sobre a temática do plurifamiliar portuense, podemos afirmar que a Rua de 5 de Outubro efetivamente reproduz lógicas observadas nas mesmas décadas, mas noutros arruamentos da cidade.

Ainda que, contrariamente aos modelos estudados em O prédio de rendimento portuense[124], não se observem neste arruamento soluções de edifícios com saguões, a distinção entre os edifícios desenhados antes e após a década de 50 é evidente. A investigação realizada sobre a Rua de 5 de Outubro permitiu confirmar a existência de um período de experimentação desde os anos 1920 até à década de 50 e que este terminou com a aprovação do Regulamento de 1956, que restringiu formalmente a construção, mas foi de igual modo coincidente com a aprovação de soluções que respondiam aos problemas da altura: as ventilações mecânicas permitiam posicionar as 'áreas húmidas' no centro do edifício, sendo que a finalidade do saguão se torna supérflua; a instalação sistemática de elevadores responde à necessidade crescentes de alojamentos, possibilitando o crescimento dos edifícios em altura, para além de quatro ou cinco andares.

Para além do aumento em altura dos edifícios e compactação das matrizes tipológicas, a partir de meados do século surgem soluções de distribuição do fogo distintas das observadas nos prédios de rendimento vulgarizadas até então. Estas estão diretamente relacionadas com a largura de frente dos edifícios, um fator que permite distinguir os modelos adotados e que foi usado neste trabalho para categorizar os 39 casos de estudo.

De facto, a primeira distinção mais significativa observada surge nos edifícios de largura 'tradicional', ou estreita, aqueles que se encontram inseridos em lotes até 7 metros. Nos prédios de rendimento estudados previamente, noutras zonas da cidade, observou-se apenas um tipo de distribuição, de um apartamento por piso[125]. Na Rua de 5 de Outubro, por outro lado, verifica-se a partir da década de 1970 a distribuição de dois fogos por piso, sendo que estes são de dimensões inferiores àquelas antes estipuladas obrigando à simplificação do programa doméstico.

Este tipo de distribuição também se observa em edifícios inseridos em lote de frente alargada, ou até 12 metros, e grande frente, ou superior a 20 metros. Apenas em edifícios de

123. LAMEIRA, MARIA GISELA ANTUNES - O prédio de rendimento portuense topologias, tipologias e modelos de habitação plurifamiliar na 1ª metade do século XX. Porto: Faup, 2017.
124. Ibid.
125. Ibid.

largura de frente intermédia, de 12 a 20 metros, se mantém constante a distribuição em esquerdo- direito, com dois fogos por piso, estes com dois a três quartos, e com separação tradicional da zona de dia (cozinha e sala) e zona de noite (quartos).

Nos edifícios de grande frente, os modelos adotados são bastantes heterogéneos. Os dois modelos dos anos 60 sugerem uma tentativa de continuidade e adaptação dos modelos de habitar burgueses à morfologia do prédio de andares. Nestes dois casos, os apartamentos são de maiores dimensões em relação aos observados em décadas posteriores, e com um maior número de compartimentos. Para além disso, existe distinção da zona de serviços do resto do apartamento, sendo que estes edifícios possuem conjuntos de acessos verticais distintos para esse efeito, e separação, dentro do fogo, da cozinha e aposentos da 'criada', similarmente à distribuição das habitações unifamiliares burguesas.

Nos exemplos desta categoria, construídos nos anos 70, 80 e 90 observa-se o progressivo distanciamento deste modelo, sendo que a distribuição não está mais confinada ao cânone esquerdo-direito. Por outro lado, regista-se a tentativa de aproveitamento da área disponível de maneira a acomodar o maior número de fogos possível por piso, em detrimento do número de compartimentos e das suas áreas. Assim, em dois edifícios inseridos em frentes de lote semelhantes, separados por cerca de 30 anos, como é o caso dos edifícios com LO 1968/259 e LO 1994/271, observam-se lógicas de distribuição bastante distintas. No primeiro distribuem-se três fogos análogos por piso, segundo o princípio de esquerdo direito, ainda que com dois núcleos de acessos. No segundo, o princípio de distribuição é mais complexo, e são desenhados cinco apartamentos. Existe um eixo de simetria no centro do edifício, mas ainda assim um dos apartamentos não é duplicado. Além disso, os três tipos de fogos por piso são distintos, com número de divisões variado, e com um visível afastamento das normas de distribuição dia/noite, princípio que é claro noutros exemplos.

Como se pode observar, analisando o quadro de categorização dos casos de estudo [Anexo VI], é constante em todos os edifícios a posição central das escadas e elevadores, e também dos quartos de banho. Para além disso, regista-se que os edifícios se encontram, na sua maioria em lotes compactos. A única exceção a estas regras é o edifício mais antigo de tipo plurifamiliar construído na rua, o edifício com LO 1935/2021, que tem um pátio central e, portanto, uma configuração em U. Neste caso, a ventilação das escadas e quartos de banho tira partido da sua posição nas frentes viradas para o pátio.

A presença da cozinha mantém-se também, maioritariamente, na fachada traseira. Assim, ainda que a cozinha se possa inserir na fachada da frente urbana sem perturbar o desenho desta frente, é possível referir casos como os edifícios com LO 1970/617 e LO 1972/78, nos quais são instaladas marquises, uma solução usada comumente na cidade do Porto, nas fachadas de logradouro.

Apesar de terem surgido alguns exemplos nos anos 70 de programa misto, edifícios que incorporam tanto escritórios como apartamentos, este modelo deixa de se reproduzir neste arruamento e são construídos prédios unicamente de habitação, com exceção do piso térreo e cave nos quais, na grande maioria, se criam espaços comerciais. Esta solução é também tradicional na cidade, uma herança desde o período mercantilista, ou ainda anterior a este, tal como Francisco Barata refere.

Observam-se também soluções em que nos andares de cave e rés-do-chão são desenhadas garagens, que se estendem para o logradouro. Estes espaços livres de logradouro, antes aproveitados para espaços verdes, de jardins e quintais, são gradualmente transformados em espaços de estacionamentos.

De forma geral, durante o século XX observam-se processos de transformação da habitação que culminaram na transformação da ideia de 'casa'. Estes processos envolveram a simplificação dos modelos de habitação, princípios de distribuição e desenho da fachada. Num espaço temporal de meio século, a construção da casa burguesa foi sistematicamente substituída por edifícios de habitação plurifamiliar que, a partir dos anos 60 do século XX tendencialmente se começaram a uniformizar num modelo homogéneo.

A passagem da casa burguesa ou até mesmo dos primeiros modelos de plurifamiliar, para o apartamento T0 com 20 metros quadrados realiza-se num contexto de acelerada evolução tecnológica, crescimento demográfico e mudança social. De facto, os modos de vida e a ideia de núcleo familiar evoluiu significativamente durante esses anos, sendo que o conceito de burguesia deu lugar ao de classe média. Assim, foi urgente a adaptação das cidades e das habitações para as necessidades desta nova classe social e os seus modos de vida.

Pode-se considerar que os edifícios estudados neste trabalho são a resposta direta a essa procura de adaptação, e a variedade de modelos que se encontraram são também fruto da diversidade de soluções que os habitantes procuram, adaptadas a um modo de habitar 'moderno'.

Sob este panorama, poder-se-ia inferir que a construção que ocorreu a partir dos anos 60 do século XX foi, de certa forma, capaz de se adaptar a necessidades emergentes, ainda que a qualidade destas construções seja tema para um outro estudo aprofundado.

Ficam de igual modo por avaliar os processos contemporâneos de transformação deste edificado, ou seja, desde a sua construção até à atualidade, e em que medida se adaptaram às necessidades contemporâneas e à crise de habitação que se faz sentir atualmente. Seguindo a tendência observada por toda a cidade, o alojamento local e a inflação de preços de venda instalou-se progressivamente na rua, esvaziando a classe média do local.

Ainda que esta investigação tenha uma natureza analítica, interpretativa e de caráter diacrónico, o trabalho desenvolvido procura clarificar os processos de transformação dos modelos de habitação portuenses ao longo das últimas décadas, o papel dos regulamentos nesses processos e as alterações dos modos de vida e as pressões de rentabilização imobiliária, conhecimentos imprescindíveis para atuar de um modo informado no património atual.

Referências bibliográficas

- Regulamento do Plano Regulador da Cidade do Porto. Porto: Separata do Boletim Municipal, 1956.

AFONSO, JOÃO - Inquérito à arquitectura do século XX em Portugal IAPXX. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2006.

AGAREZ, RICARDO COSTA - O moderno revisitado habitação: multifamiliar em Lisboa nos anos de 1950. Lisboa: C.M., 2009.

ALVES, JORGE FERNANDES - A indústria portuense em perspectiva histórica: actas do colóquio. Porto: CLC FLUP, 1998.

AMORIM, MARIA ALEXANDRA MARTINS SOARES DE - Porto, a cidade planeada - 1930/1980. Porto: 1998.

ALVES, JORGE FERNANDES - Transportes na cidade evocação da Companhia Carris em 1903. Porto: O tripeiro - 7ª série, ano 20, nº 3 (Março 2001), p. 85-89

ANTUNES, ALFREDO DA MATA [et al.] - Arquitectura popular em Portugal. Lisboa: Ordem dos arquitectos, 1998.

ARIS, CARLOS MARTÍ - Las formas de la residência en la ciudad moderna vivienda y ciudad en la Europa de entreguerras. Barcelona: UPC, 2000.

BARBOSA, INÊS ; LOPES, JOÃO TEIXEIRA - Descodificar as paredes da cidade da crítica à gentrificação ao direito da habitação no Porto. Porto: Sociologia : Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Vol: Nº 38 (2019), p. 6-29.

BECKER, ANNETTE; TOSTÕES, ANA; WANG, WILRIED; Portugal: arquitectura do século XX. München: Prestel, 1997.

CAMPOS, EZEQUIEL DE - Prólogo ao plano da cidade do Porto. Porto: Empresa Industrial Gráfica, 1932.

CEITLIN, TOMÁS FRIAS - A persistência da memória na cidade contemporânea reabilitação de conjunto habitacional na Rua de 5 de Outubro. Porto: FAUP, 2020.

COMPANHIA DOS CARRIS DE FERRO DO PORTO - Os transportes colectivos no Porto qual o âmbito do exclusivo concedido à comppanhia carris. Porto: Imprensa Portuguesa, 1928.

ECO, UMBERTO - Como se faz uma tese em ciências humanas. Lisboa: Presença, 1984.

ELEB-VIDAL, MONIQUE ; DEBARRE, ANNE - L'invention de l´habitation moderne Paris, 1880-1914. [Paris]: Hazan,

FERNANDA CORRÊA GIACOMINI, RUI HUMBERTO COSTA DE FERNANDES PÓVOAS - Os edifícios antigos de arquitetura corrente em centros históricos no contexto do patrimônio cultural: especificidades e condicionantes para projetos de intervenção arquitetônica. São Paulo: Pós- Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP. Vol: 18, nº 29 (2011), p. 174- 195.

FERNANDES, FÁTIMA ; CANNATÀ, MICHELE - Guia da arquitectura moderna Porto 1925-2002. Porto: Asa, 2003.

FERNANDES, FRANCISCO JOSÉ BARATA - Transformação e permanência na habitação portuense as formas da casa na forma da cidade. Porto: FAUP, 1996.

FERNANDES, JOSÉ ALBERTO RIO - Cidade do Porto e Área Metropolitana do Porto realidades e desafios. Porto: Revista da Faculdade de Letras : História - III série, vol. 1 (2000), p. 127-143.

FERNANDES, JOSÉ MANUEL - Arquitectura modernista em Portugal, 1890-1940. 1ª. Lisboa: Gravida, 1993.

FERNANDES, MÁRIO GONÇALVES ; MEALHA, RUI PASSOS - A cartografia urbana na análise morfogenética de espaços urbanos o caso do eixo da Boavista na cidade do Porto. Porto: A cartografia como meio de conhecimento : cidades, viticultura e turismo - 2021 - p. 87-105.

FERNANDEZ, SÉRGIO - Percurso arquitectura portuguesa 1930-1974. 2ª ed. Porto: Faup Publicações, 1988.

FERRÃO, BERNARDO - Projecto de transformação urbana do Porto na época dos Almadas, 1758-1813: uma contribuição para o estudo da cidade pombalina. 3ª ed. Porto: FAUP, 1997.

FERREIRA, NUNO - A arquitectura residencial portuense na primeira metade do século XX licenciamento de obras, autores, tipologias e morfologias. Porto: [Edição do Autor], 2017.

FERREIRA, NUNO ; ROCHA, MANUEL JOAQUIM MOREIRA DA - Etapas de consolidação da paisagem urbana do Porto contemporâneo da programação dos Almadas ao Plano de 1952. Porto: CEM : Cultura, Espaço & Memória - Nº 4 (2013), p. 191-230.

FONSECA, ADÉLIA LUISA T SILVA - Porto norte: Dinâmicas urbanas e sua evolução. Porto: [Edição do Autor], 1998.

FREITAS, EUGÉNIO ANDREA DA CUNHA E - Toponímia portuense. Porto: Contemporânea, 1999.

GARRETT, ANTÃO DE ALMEIDA- Plano Regulador da Cidade do Porto. Porto: Publicações da C. M. do Porto, 1952.

GARRETT, ANTÃO DE ALMEIDA- História da evolução dos planos gerais de urbanização da cidade do Porto. Porto: FEUP, 1974.

GRAVATO, MARIA ADRIANA PACHECO RODRIGUES - Trajecto do risco urbano a arquitectura na cidade do Porto, nas décadas de 30 a 50 do século XX, através do estudo do conjunto da Avenida dos Aliados à Rua de Ceuta. Porto: [Edição do Autor], 2004.

HENRIQUES, FILIPA LAGE - Projetar no lote estreito portuense desafios da habitação plurifamiliar. Porto: FAUP, 2022.

LAGE, JOSÉ ALBERTO - Reabilitação de bairros e arquitectura estratégias de processo; práticas de projecto (SAAL/Norte, 1974-1976, 1997, 2012). Porto: FAUP, 2017.

LAMEIRA, GISELA - A Rua de Sá da Bandeira no Porto. Topologia(s) do habitar colectivo. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa- Faculdade de Arquitetura, 2010.

LAMEIRA, GISELA - Do melhoramento ao planeamento na 1ª metade do séc. XX. Ruas enquanto laboratórios tipo-morfológicos no centro urbano portuense. Porto: EURAU12 Porto I Espaço Público e Cidade Contemporânea: Actas do 6º European Symposium on Research in Architecture and Urban Design, 2012.

LAMEIRA, GISELA - Hygienism, salubrity and regulations. The Oporto´s collective dwelling in the 1st half of the 20th century. Porto: Heritage 2012 - Heritage and Sustainable Development, 2012.

LAMEIRA, GISELA - O plurifamiliar portuense na 1ª metade do séc. XX. Produção arquitectónica: génese, transformação, adaptabilidade. Lisboa: 2.º CIHEL- Congresso Internacional da Habitação no Espaço Lusófono, 2013.

LAMEIRA, GISELA - O cadastro portuense a 1ª metade do séc. XX. Laboratórios tipo-morfológicos no centro urbano. Coimbra: Actas do PNUM. 2013.

LAMEIRA, GISELA - Contemporary Oporto fragments: oppositions within the morphological relationship between collective housing and the city. Cambridge: Rethinking, Reinterpreting and Restructuring Composite Cities (2017), p.138- 155.

LAMEIRA, GISELA- O prédio de rendimento portuense topologias, tipologias e modelos de habitação plurifamiliar na 1ª metade do século XX. Porto: Faup, 2017.

LAMEIRA, GISELA ; ROCHA, LUCIANA SILVA - Mapa da habitação guia para uma terminologia específica em arquitectura habitacional apoiada pelo Estado em Portugal [1910-1974] a guide to specific terminology in state-subsidized residential architecture in Portugal [1910-1974]. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Arquitectura, 2019.

LAMEIRAS, JOÃO PUPO CORREIA SALGADO - Contributo para elaboração de um manual de apoio à reabilitação de edifícios das décadas de 60, 70 e 80. Porto: [s. n.], 2010.

LINO, RAÚL - Casas portuguesas alguns apontamentos sobre o arquitectar das casas simples. Lisboa: Cotovia, 1992.

MATOS, FÁTIMA LOUREIRO DE - A situação do parque habitacional do Grande Porto na década de 80. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras, 1993.

MATOS, FÁTIMA LOUREIRO DE - Habitação cooperativa no grande Porto (1974/94). Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras, 1994.

MATOS, FÁTIMA LOUREIRO DE - A habitação no grande Porto uma perspectiva geográfica da evolução do mercado e da qualidade habitacional desde finais do séc. XIX até ao final do milénio. Porto: [Edição do Autor], 2001.

MENDES, MANUEL AUGUSTO SOARES - Do esquecimento para além da arte do nomadismo ao erotismo. Porto: FAUP, 2010.

MOLEY, CHRISTIAN - L' immeuble en formation genèse de l'habitat collectif et evators intermédiaires. Liège: Pierre Mardaga, 1991.

MOLEY, CHRISTIAN - L' Architecture du logement culture et logiques d'une norme héritée. Paris: Anthropos, 1998.

MONEO, RAFAEL - On Typology. Nova Iorque: Oppositions. Vol: 13, nº (1978), p. 22-45.

MOTA, NELSON - A arquitectura do quotidiano público e privado no espaço doméstico da Burguesia portuense. Coimbra: EDARQ, 2010.

OLIVEIRA, J M PEREIRA DE - O espaço urbano do Porto condições naturais e desenvolvimento. Coimbra: Instituto de Alta Cultura-Centro de Estudos Geográficos, 1973.

OLIVEIRA, VÍTOR ARAÚJO DE - A evolução das formas urbanas de Lisboa e do Porto. Porto: FAUP, 2004.

ORO, AITOR VAREA - Ilhas do Porto reabilitar para incluir. Porto: Município do Porto, Porto Vivo SRU, 2022.

PAULO, ALEXANDRA RESSURREIÇÃO - Tipologias de habitação contemporânea experiências em Portugal no século XXI. Porto: FAUP, 2021.

PEDROSA, PATRÍCIA SANTOS - Habitar em Portugal nos anos 1960: rutura e antecedentes- um caminho pelo interior do discurso. Barcelona: Politècnica da Catalunya, 2010.

PEREIRA, GASPAR MARTINS - As ilhas no percurso das famílias trabalhadoras do Porto em finais do século XIX. in: SANTOS, CARLOTA - Família, espaço e património. Porto : CITCEM (2011), p. 477-493.

PEREIRA, SANDRA MARQUES - Casa e mudança social uma leitura das transformações da sociedade portuguesa a partir de casa. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2012.

PEREIRA, VIRGÍLIO BORGES- Em reconstrução: elementos para uma sociologia da atividade na indústria da construção em Portugal. Porto: FLUP, 2020.

PIRES, MARIA DO CARMO MARQUES - A rua Álvares Cabral 1895-1940 formas de habitar. 1ª ed. Porto: Faup Publicações, 2000.

PORTAS, NUNO - Habitação para o maior número Portugal, os anos de 1950 1980. Lisboa: IHRU, 2013.

RAMOS, LUÍS A DE OLIVEIRA - História do Porto. Porto: Porto Editora, 1994.

RAMOS, RUI JORGE GARCIA - Produções correntes em arquitectura a porta para uma diferente gramática do projecto ni início do século XX. Braga: Universidade do Minho, 2005.

ROCHA, MANUEL JOAQUIM MOREIRA DA - História da arquitetura perspetivas temáticas. Porto: CITCEM-Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura Espaço e Memória, 2018.

TAVARES, RUI - A Carta Topográfica do Porto 1892. Porto: Arquivo Histórico, 1992.

TEIXEIRA, MANUEL C - Habitação popular na cidade oitocentista as ilhas do Porto. Lisboa: F.C.G. J.N.I.C.T., 1996.

VÁZQUEZ, ISABEL BREDA ; CONCEIÇÃO, PAULO SANTOS - Ilhas do Porto: levantamento e caracterização. Porto: Município do Porto, 2015.

VIEIRA, ISMAEL CERQUEIRA - Expansão urbana, habitações insalubres e a disseminação da tuberculose dos finais do século XIX a meados do século XX em Portugal.

WELLENKAMP, MARGARIDA; PISCO, LUÍS - Ilhas. Porto: Panmixia, 2004.

ZEVI, BRUNO - História da arquitectura moderna. Lisboa: Arcádia, 1970.

Fontes documentais

Arquivo Histórico Municipal do Porto (AHMP)

Arquivo Geral Municipal do Porto (AGMP)

Websites

https://gisaweb.cm-porto.pt/

https://www.cm-porto.pt/os_planos_do_porto

https://www.domussocial.pt/

https://www.ipf.pt/

https://arquivoatom.up.pt/

Listagem e fonte das figuras

Figura 1- Desenho retirado de: OLIVEIRA, VÍTOR ARAÚJO DE - A evolução das formas urbanas de Lisboa e do Porto. Porto: FAUP, 2004, p. 198.

Figura 2- AHMP, in: https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/574965/

Figura 3- AHMP, in: https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/535310/

Figura 4- AHMP, in: https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/812113/

Figura 5- Montagem das quadrículas da reprodução á escla 1/5000, AHMP, in: https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/828837/

Figura 6- Montagem das quadrículas nºs: 157; 158; 159; 160; 173; 174; 175; 176; 190; 191; 192; 193, AHMP, in: https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/?creator=&order_by=TITLE&q=planta+topogr%C3%A1fica+da+cidade+do+porto+quadr%C3%ADcula

Figura 7- Desenho da autora, com base na figura 6.

Figura 8- AHMP, in: https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/539082/

Figura 9- Desenho da autora.

Figura 10- AHMP, in: https://repositorio-tematico.up.pt/handle/10405/2532

Figura 11- Montagem das fotografias nº: 213; 237; 239; 241; 263; 267, AHMP, in: https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/?order_by=TITLE&q=fotografia+a%C3%A9rea+5+de+outubro

Figura 12- Desenho da autora, com base na figura 11.

Figura 13- Desenho da autora.

Figura 14- Montagem das quadriculas, AHMP, in: https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/541059/

Figura 15- Idem.

Figura 16- Desenho da autora, com base na figura 15.

Figura 17- Desenho da autora.

Figura 18- Montagem das quadriculas, AHMP, in: https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/638863/

Figura 19- Idem.

Figura 20- Desenho da autora, com base na figura 19.

Figura 21- AHMP, in: https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/276073/

Figura 22- AHMP, in: https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/276077/

Figura 23- Desenho da autora.

Figura 24- Desenho retirado de: OLIVEIRA, VÍTOR ARAÚJO DE - A evolução das formas urbanas de Lisboa e do Porto. Porto: FAUP, 2004, p. 85.

Figura 25- Desenho retirado de: OLIVEIRA, VÍTOR ARAÚJO DE - A evolução das formas urbanas de Lisboa e do Porto. Porto: FAUP, 2004, p. 222.

Figura 26- Desenho retirado de: OLIVEIRA, VÍTOR ARAÚJO DE - A evolução das formas urbanas de Lisboa e do Porto. Porto: FAUP, 2004, p. 86.

Figura 27- Google Earth(consultultado em dezembro, 2023): https://earth.google.com/web/

Figura 28- Desenho da autora, com base na figura 27

Figura 29-Fotografias da autora.

Figura 30- Fotografia retirada de: CEITLIN, TOMÁS FRIAS - A persistência da memória na cidade contemporânea reabilitação de conjunto habitacional na Rua de 5 de Outubro. Porto: FAUP, 2020, p. 43.

Figura 31- Fotografia retirada de: FERNANDES, FRANCISCO JOSÉ BARATA - Transformação e permanência na habitação portuense as formas da casa na forma da cidade. Porto: FAUP, 1996, p. 104

Figura 32- Fotografia retirada de: Ibid., p. 106

Figura 33- Fotografia retirada de: Ibid., p. 108.

Figura 34- Google Maps (consultado em dezembro, 2023): https://www.google.com/maps

Figura 35- Google Maps (consultado em dezembro, 2023): https://www.google.com/maps

Figura 36- Desenho da autora, com base nas plantas do processo de LO 1909/1554.

Figura 37- Fotografias da autora.

Figura 38– Google Maps (consultado em dezembro, 2023): https://www.google.com/maps

Figura 39- Desenhos da autora, com base nas plantas dos processos de LO 1912/780 e LO 1914/578.

Figura 40- Fotografias da autora.

Figura 41- Fotografias da autora.

Figura 42- Fotografias da autora.

Figura 43- Fotografias da autora.

Figura 44- AHMP, processo de LO 1948/162, folha 7.

Figura 45- Google Maps (consultado em dezembro, 2023): https://www.google.com/maps

Figura 46- Esquema retirado de: TEIXEIRA, MANUEL C. - Habitação popular na cidade oitocentista as ilhas do Porto. Lisboa: F.C.G. J.N.I.C.T., 1996, p. 184.

Figura 47- AHMP, processo de LO 1911/606, folha 20.

Figura 48- Fotografia da autora.

Figura 49- Desenhos da autora, com base na planta do processo de LO 1938/1068.

Figura 50- Fotografia da autora.

Figura 51- Desenho retirado de: FERNANDES, FRANCISCO JOSÉ BARATA - Transformação e permanência na habitação portuense as formas da casa na forma da cidade. Porto: FAUP, 1996, p. 110.

Figura 52- Domingos Alvão, 1920-1950, CPF, in: https://digitarq.cpf.arquivos.pt/details?id=1180249

Figura 53- PT-CMP, AHMP, in: https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/280474/

Figura 54- Fotografias da autora

Figura 55- Desenho retirado de: LAMEIRA, MARIA GISELA ANTUNES - O prédio de rendimento portuense topologias, tipologias e modelos de habitação plurifamiliar na 1ª metade do século XX. Porto: Faup, 2017- Volume 2, Painel C1.

Figura 56- Desenho da autora com base na planta do processso de LO 1968/235.

Figura 57- Fotografia da autora.

Figura 58- Desenho da autora com base na planta do processso de LO 1986/143.

Figura 59- Fotografia da autora.

Figura 60- Fotografia da autora.

Figura 61- Fotografia da autora.

Figura 62- Fotografia da autora.

Figura 63- Google Maps consultado em dezembro, 2023): https://www.google.com/maps

Figura 64- Fotografia da autora.

Figura 65- LO 1970/617, escala 1/400.

Figura 66- Desenho da autora com base na planta do processso de LO 1972/78.

Figura 67- Fotografia da autora.

Figura 68- Fotografia da autora.

Figura 69- Desenho da autora com base na planta do processso de LO 1975/282.

Figura 70- Fotografia da autora.

Figura 71- Desenho da autora com base na planta do processso de LO 1989/382.

Figura 72- Fotografia da autora.

Figura 73- Desenho da autora com base na planta do processso de LO 1987/202.

Figura 74- Fotografia da autora.

Figura 75-Desenho da autora com base na planta do processso de LO 1968/104.

Figura 76- Fotografia da autora.

Figura 77- Desenho da autora com base na planta do processso de LO 1990/341.

Figura 78- Fotografia da autora.

Figura 79- AGMP, processo de LO 1967/81, folha 48.

Figura 80- Desenho retirado de: LAMEIRA, MARIA GISELA ANTUNES - O prédio de rendimento portuense topologias, tipologias e modelos de habitação plurifamiliar na 1ª metade do século XX. Porto: Faup, 2017- Volume 2, Painel C2.

Figura 81- Fotografia da autora.

Figura 82- Desenho da autora com base na planta do processso de LO 1973/548.

Figura 83- Fotografia da autora.

Figura 84– Desenho da autora com base na planta do processso de LO 1987/240.

Figura 85– Google Maps (consultado em dezembro, 2023): https://www.google.com/maps

Figura 86 -Desenho da autora com base na planta do processso de LO 1994/293.

Figura 87– Fotografia da autora.

Figura 88 - Desenhos da autora, com base nas plantas do processo de LO 1982/218.

Figura 89- Desenho retirado de: LAMEIRA, MARIA GISELA ANTUNES - O prédio de rendimento portuense topologias, tipologias e modelos de habitação plurifamiliar na 1ª metade do século XX. Porto: Faup, 2017- Volume 2, Paineis C3 e C4.

Figura 90- Fotografia da autora.

Figura 91- Fotografia da autora.

Figura 92- Desenhos da autora, com base nas plantas dos processos de LO 1935/2021 e LO 1956/299

Figura 93- Fotografia da autora.

Figura 94-Desenho da autora com base na planta do processso de LO 1958/340.

Figura 95- Fotografia da autora.

Figura 96-Desenho da autora com base na planta do processso de LO 1964/579.

Figura 97- Desenho retirado de: LAMEIRA, MARIA GISELA ANTUNES - O prédio de rendimento portuense topologias, tipologias e modelos de habitação plurifamiliar na 1ª metade do século XX. Porto: Faup, 2017- Volume 2, Painel D11.

Figura 98- Desenho da autora com base na planta do processso de LO 1974/332.

Figura 99- Fotografia da autora.

Figura 100-Fotografia da autora.

Figura 101- Desenho da autora com base na planta do processso de LO 1968/259.

Figura 102- Fotografia da autora.

Figura 103- Desenho da autora com base na planta do processso de LO 1969/109.

Figura 104- Fotografia da autora.

Figura 105- Desenho da autora com base na planta do processso de LO 1984/276.

Figura 106-Fotografia da autora.

Figura 107- Desenho da autora com base na planta do processso de LO 1994/271.

Figura 108- Fotografia da autora.

Figura 109- Desenho da autora com base na planta do processso de LO 1974/332.

Figura 110- Fotografia da autora.

Figura 111- Desenho da autora com base na planta do processso de LO LO 1958/70.

Figura 112- Fotografia da autora.

Figura 113-Desenho da autora com base na planta do processso deLO 1971/417.

Figura 114-Fotografia da autora.

Figura 115- Desenho da autora com base na planta do processso de LO 1973/173.

Figura 116- Fotografia da autora.

Figura 117- Desenho da autora com base na planta do processso de LO 1989/394.

Figura 118- Fotografia da autora.

Figura 119- Desenho da autora com base na planta do processso de LO 1992/340.

Figura 120- Desenho da autora.

Figura 121- AGMP, processo de LO 1984/276, folha 8.

Figura 122- Fotografia da autora.

Figura 123- Fotografia da autora.

Figura 124- Desenho da autora com base na planta do processso de LO 1935/2021.

Figura 125- Desenho da autora com base nas plantas dos processsos de LO 1969/109 e LO 1994/271.

Figura 126- Desenho da autora com base nas alçados dos processsos de LO 1990/418, LO 1968/235e LO 1970/617.

Figura 127-Fotografia da autora.

Figura 128- Fotografia da autora.

Figura 129- Fotografia da autora.

Figura 130- Desenho da autora com base no alçado do processso de LO 1935/2021.

Figura 131- Desenho da autora com base no alçado do processso de LO 1935/2021.

Figura 132- Desenho da autora com base no alçado do processso de 1984/264.

Figura 133- Desenho da autora com base no alçado do processso de LO 1984/264.

Figura 134- Fotografia da autora.

Figura 135- Fotografia da autora.

Figura 136- Desenho da autora com base no alçado do processso de LO 1969/109.

Figura 137- Desenho da autora com base no alçado do processso de LO 1969/109.

Figura 138- Fotografia da autora.

Figura 139- Fotografia da autora.

Figura 140- Desenho da autora com base no alçado do processso de LO 1994/271.

Figura 141- Desenho da autora com base no alçado do processso de LO 1994/271.

Figura 142- Fotografia da autora.

Figura 143- Desenhos da autora com base nas plantas do processso de LO 1968/235.

Figura 144- Desenho da autora com base na planta do processso de LO 1935/2021.

Figura 145- AHMP, processo de LO 1935/2021, folha 229.

Figura 146- Desenho da autora com base na planta do processso de LO 1984/264.

Figura 147- Desenho da autora com base na planta do processso de LO 1969/109.

Figura 148- Desenho da autora com base na planta do processso de LO 1994/271.

Figura 149- Desenho da autora com base na planta do processso de LO 1994/271.

Figura 150- Desenho da autora com base na planta do processso de LO 1990/418.

Figura 151- Desenho da autora com base no corte do processso de LO 1990/418.

Figura 152- AHMP, processo de LO 1935/2021.

Figura 153- Desenhos da autora.

Anexos

Listagem de anexos

I. Processo de seleção da Rua de 5 de Outubro 104

II. Cronologia 105

III. Edifícios da Rua de 5 de Outubro: dados dos processos de LO 106

IV. Planta de localização da habitação unifamiliar na Rua 108

V. Edifícios de habitação plurifamiliar da Rua de 5 de Outubro: dados 109

VI. Categorização dos edifícios de habitação plurifamiliar, escala 1/400 110

VII. Planta de localização dos edifícios de habitação plurifamiliar inseridos em lote estreito 111

VIII. Planta de localização dos edifícios de habitação plurifamiliar inseridos em lote alargado 112

IX. Planta de localização dos edifícios de habitação plurifamiliar de configuração esquerdo-direito 113

X. Planta de localização dos edifícios de habitação plurifamiliar de grande frente e em situação urbana particular 114

XI. Rua de 5 de Outubro: planta do piso- tipo 115

XII. Rua de 5 de Outubro: perfis 116

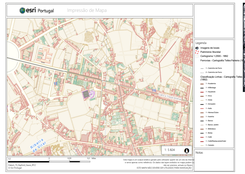
XIII. Planta de localização dos casos de estudo (capítulo 2) 117

XIV. Alçados dos edifícios de habitação plurifamiliar ordenados cronologicamente, escala 1/300 118

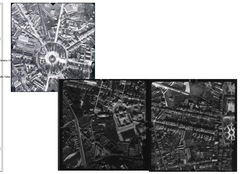
XV. Células de habitação ordeanadas cronologicamente, escala 1/200 119

XVI. Edifícios de habitação plurifamiliar na Rua de 5 de Outubro: álbum fotográfico 120

Análise da Rua da Boavista

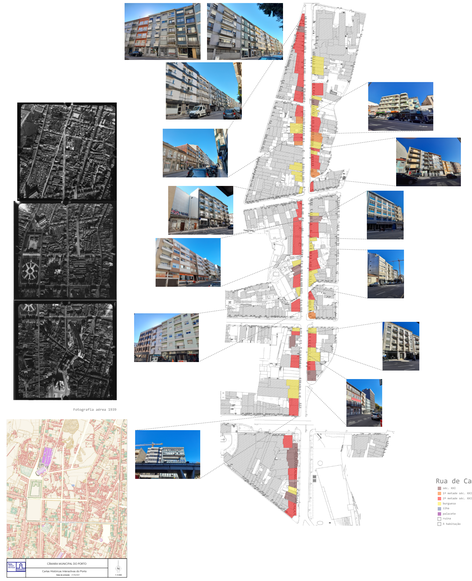


Planta Telles Ferreira 1892



Fotografia aérea 1939

Análise da Rua de Camões



Fotografia aérea 2004

Planta Telles Ferreira 1892

Análise da Rua Faria Guimarães

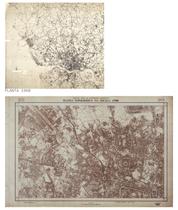
Fotografia aérea 1939

Planta Telles Ferreira 1892

PLANTA 1813

PLANTA 1865

PLANTA 1900



Análise primária da Rua de 5 de Outubro

PLANTA GERAL C/ REGISTO FOTOGÁFICO

TABELA DE CARACTERIZAÇÃO DO EDIFICADO

PLANTA 1892

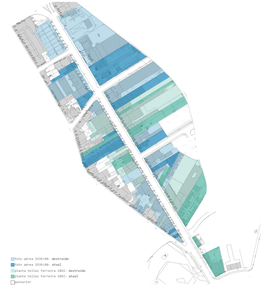
FOTOGRAFIA AÉREA 2010/08

I. Processo de seleção da Rua de 5 de Outubro

RUA 5 DE OUTUBRO

PLANTA TIPOLÓGICA

PLANTA TEMPORAL



II. Cronologia

O conjunto urbano do Porto é delimitado pela muralha fernandina e arrabalde de Miragaia

1755*
Terramoto de Lisboa

1758
Memórias Paroquiais

1763
Criação da Junta das Obras Públicas do Porto

1780-1784
Reconstrução da Praça da Ribeira

1787
Demolições da Muralha Fernandina

1807-1810
Invasões Francesas

1813
'Planta Redonda' de George Balck

1820
Revolução Liberal do Porto

1833
'Oporto' de W. B. Clarke
Extinção da Junta das Obras Públicas

1832-1833
Cerco do Porto
Epidemia de Cólera

1881
Plano de Melhoramento da Cidade do Porto do Eng. Correia de Barros

1884-1895
Construção do Porto de Leixões

1892
Planta Topográfica da Cidade do Porto de Telles Ferreira

1895
Abertura da Estrada da Circunvalação

1899-1900
Peste Bubónica

1901
Regulamento Geral de Saúde

1910
Proclamação da República

1902- 1904
Construção dos bairros operários de Lordelo e Bonfim

1916
Inauguração da Estação de S. Bento
Abertura da Avenida Central

1914-1918
1ª Guerra Mundial

1917
Conclusão da Avenida da Boavista até ao mar

1918-1919
Epidemias de Tifo e Gripe

1920s
Primeiros 'prédios de rendimento'

1932
Prólogo ao Plano da Cidade do Porto do Eng. Ezequiel de Campos
Planta Topográfica, STCMP

1933
Instauração do Estado Novo

1933
Programa de bairros de 'Casas Económicas'

1937
Construção do 1º Bairro Social- Duque Saldanha

1938
Plano Geral de Urbanização do Arq. Marcello Pincenetti

1939-1945
2ª Guerra Mundial

1939
Inquérito geral às ilhas

1940
Plano Geral de Urbanização do Arq. Giovanni Muzio

1939-1940
Fotografia Aérea da Cidade

1941
Inauguração do Coliseu, Arq. Cassiano Branco, Júlio de Brito, Mário Abreu

1944
Criação de várias cooperativas de habitação

1945
Bloco da Carvalhosa, Arq. Cassiano Branco, Arménio Losa

1947
Plano Regulador do Porto do Eng. Antão de Almeida Garrett

1948
I Congresso Nacional de Arquitetura

1954-1956
Bloco Parnaso, Arq. José Carlos Loureiro

1956
Regulamento do Plano Regulador da Cidade do Porto

1956-1966
"Plano de Melhoramento para a Cidade do Porto", com "Plano de salubrização das ilhas"

1960
Plano Diretor da Cidade do Porto do Arq. Robert Auzelle
Planta Topográfica, STCMP

1962
Demolição das ilhas das Eirinhas

1967
Bairro de Francos

1974
Revolução 25 de Abril

1974
Processo SAAL
Intervenção S. Vitor

1978
Plano Diretor Municipal do Arq. Duarte Castel-Branco
Planta Topográfica, STCMP

1992
Cartografia Digital, Porto- STCMP

2001
Porto Capital Europeia

2000
Revisão do Plano Diretor Municipal do Porto, do Arq. Manuel Fernandes de Sá

1977
Construção do grande conjunto de habitação de promoção privada- o 'Foco'

Casa Burguesa Mercantilista

Casa Burguesa Iluminista

Casa Burguesa Liberal

Habitação Plurifamiliar

1763
Conclusão de igreja dos Clérigos, Arq. Nicolau Nasoni

1780
1ª Aula pública de Debuxo e Desenho

1798
Inauguração do Teatro de S. João

1770- 1824
Construção do Hospital de St. Antônio

1832
Recenseamento das casa da cidade

1836
Academia Portuense de Belas Artes

1839
Abertura do Mercado do Bolhão

1861-1865
Construção do Palácio de Cristal

1868
Construção da Alfândega Nova

1885
Inquérito às ilhas
1ª proposta de construção de bairros operários

1885-1888
Construção do Mercado Ferreira Borges

1896
Estação de São Bento, Arq. José Marques da Silva

1899
Inquérito às ilhas
Construção do 1º bairro operário- Monte Pedral

1908
1ª volme da revista 'A Arquitetura Portuguesa'

1918
Construção do Bairro da Arrábida

1918
Raúl Lino 'A Nossa Casa'

1922-1927
1ª publicação da revista "Arquitetura"

1927
Construção dos Armazéns Nascimento, Arq. José Marques da Silva

1929-1932
Construção do Teatro Rivoli, Arq. Júlio de Brito

1931
Exposição dos arquitetos modernistas

1932
Garagem d 'O Comércio do Porto', Arq. Rogério de Azevedo

1935
Polémica acerca da arquitetura modernista

1947
Fundação da ODAM
Abertura do Cinema Batalha

1950
Escola Superior de Belas Artes

1961
Inquérito à Arquitetura Portuguesa

1962
Casa de Chá da Boa Nova, Arq. Álvaro Siza

1969
Nuno Portas, 'A Cidade como Arquitetura'

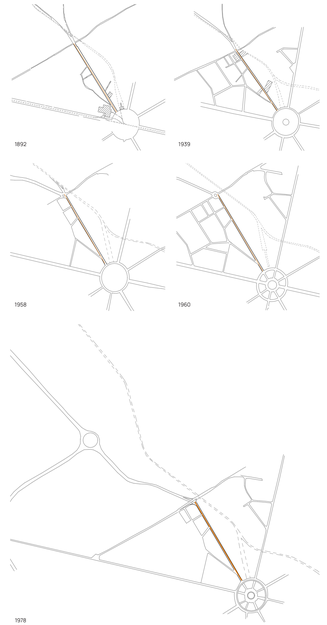
1974
Processo SAAL
Bairro da Bouça, Arq. Álvaro Siza

1979
Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

1985- 1996
Construção da FAUP, Arq. Álvaro Siza

1758	1787	1788	1813	1830	1832	1845	1852	1864	1878	1881	1885	1890	1899	1900	1910	1920	1930	1939	1940	1950	1960	1970	1981	2001
35.335 habitantes	61.856 habitantes							90.527 habitantes	110.667 habitantes			146.736 habitantes		167.955 habitantes	192.000 habitantes	202.000 habitantes	230.000 habitantes		259.000 habitantes	281.000 habitantes	303.000 habitantes	306.000 habitantes	327.000 habitantes	263.000 habitantes
		22 fábricas	45 fábricas	165 fábricas		276 fábricas	496 fábricas																	
						3.392 operários	6.090 operários			37.377 operários														
					200 ilhas						530 ilhas		1048 ilhas					1152 ilhas						1182 ilhas

Legenda:
- linha de evolução histórica
- linha de evolução urbana
- linha de evolução da habitação
- linha de evolução arquitetónica
- em relação com



Evolução da rede viária principal da Rua de 5 de Outubro

III. Edifícios da Rua de 5 de Outubro: dados dos processos de LO

Nº de Polícia	LO	Requerente	Projetista	Programa	Piso Térreo	Notas
16	1887/538	Pedro Pereira Cardoso				Edf. devoluto
25			Arq. Rem Koolhas	Estabelecimento	Estabelecimento	
26-40	1940/38	João de Oliveira Júnior	Arq. Mário Abreu	H. Bifamiliar	Estabelecimento	Edf. devoluto
46						Edf. devoluto
54						Edf. devoluto
66-78	1908/1073	Companhia do Caminho de Ferro do Porto à Póvoa	Eng. Eleutério Fonseca	H. Trifamiliar	Habitação	Edf. devoluto
93-103	1958/370	José Manuel Antunes	Arq. Eduardo Matos	H. Plurifamiliar	Estabelecimento	Remate do quarteirão
105-109	1909/1554	Artur Plácido de Sousa	TO Licínio Guimarães	H. Unifamiliar	Estabelecimento	
111-115	1983/131	Manuel Viseu		Escritórios	Estabelecimento	Atualmente AL
114-116	1937/671					Edf. devoluto
119-121				H. Unifamiliar	Estabelecimento	1896 na fachada
120-124	1947/198					Edf. devoluto
125	1986/321	José Maria Gonçalves	Eng. Gualberto Lagoa	H. Plurifamiliar	Estabelecimento	
128	Várias	Vários	Vários	'Ilha'	Habitações	Bairro da Vista Alegre
131-135	1987/202	Maria José Ramalho	Eng. Álvaro Oliveira	H. Plurifamiliar	Estabelecimento	
139-145	1967/81	Carlos Bartilotti e outros	Arq. Eugénio de Sousa	H. Plurifamiliar	Estabelecimento	
149-151	1986/143	Dário Marques Ramos	Arq. José Coelho	H. Plurifamiliar	Estabelecimento	
155-159	1929/625	Manuel Sousa Neto	Eng. Joaquim Jorge	H. Unifamiliar	Estabelecimento	Edf. devoluto
156-164	1974/332	Lote- Soc. de Loteamento e Empreendimentos	Eng. Domingos Polónia	H. Plurifamiliar	Estabelecimento	
161-163	1938/1186	Vitor da Cunha Ramos	Eng. Antão de Almeida Garrett	H. Unifamiliar	Habitação	Edf. devoluto
176-190	2007/491			H. Plurifamiliar	Estabelecimento	
181-185	1982/218	Napoleão Amorim	TO António Ribeiro de Sá	H. Plurifamiliar	Estabelecimento	
194-202				H. Plurifamiliar	Garagem	2020
195-197	1961/385	Maria Madalena Pontes	Arq. Mário Silva Teixeira	H. Plurifamiliar	Estabelecimento	
205	1935/2021	David d'Almeida Coimbra	Arq. Júlio de Brito	H. Plurifamiliar	Estabelecimento	
213-225	1956/299	Joaquim dos Santos	Arq. António Lopes	H. Plurifamiliar	Estabelecimento	
230-234	1987/240	Oscar da Silva Cruz	Arq. Eugénio de Sousa	H. Plurifamiliar	Estabelecimento	
231-241	1995/365	Soc. de Construções J. Costa e Almeida Ida	Eng. João Costa e Almeida	H. Plurifamiliar	Estabelecimento	
238	1925/1061	António Oliveira		H. Unifamiliar	Habitação	Edf. devoluto
245-255	2010/114			H. Plurifamiliar	Estabelecimento	
246-248	1968/104	Eurico Rodrigues	Eng. Arménio Diogo	H. Plurifamiliar	Estabelecimento	
254-262	1984/264	António Ramos	Eng. Rui Santos	H. Plurifamiliar	Estabelecimento	
257-261	1987/276	Firma Transatlântica, Soc. de Empreendimentos	Eng. António Ferreira	H. Plurifamiliar	Estabelecimento	
263-267	1989/382	Construções H. N.	Arq. Jorge Dinis	H. Plurifamiliar	Estabelecimento	
269-273	1986/160	António Gonçalves	Eng. José Martins	H. Plurifamiliar	Estabelecimento	
279	1950/853	Deolindo Amaral	Arq. Aucindio dos Santos	H. Unifamiliar	Estabelecimento	

282-288	1921/126	Aurora Mengo		H. Unifamiliar	Habitação	Palacete
285	1981/102	Fernando Barbosa	Eng. José Teixeira	H. Unifamiliar	Estabelecimento	
289				H. Unifamiliar	Garagem	
291-293	1984/392	Dário Marques Ramos	Arq. Arnaldo Brito	H. Plurifamiliar	Estabelecimento	
296-300	1972/78	Bernardino de Oliveira	Arq. Fernando Seara	H. Plurifamiliar	Estabelecimento	
302-310	1969/12	Manuel Ferreira	Arq. José dos Santos	H. Plurifamiliar	Estabelecimento	
303-307	1954/86				Estabelecimento	
309-313	1969/12	Maria José Câmara	Eng. Zulmiro da Neves	Escritórios	Estabelecimento	
312-320						Edf. devoluto
315-319	1973/548	Alberto Barbosa	Arq. Alcino Soutinho	H. Plurifamiliar	Estabelecimento	
323		Joaquim Duarte Reis		'Ilha'	Habitação	Ilha Duarte Reis
326	1948/162	Maria Gomes Bessa	Arq. Mário Barbosa	H. Bifamiliar	Habitação	
328-332	1975/282	António Guimarães e Silva, Lda	Eng. António Coelho	H. Plurifamiliar	Estabelecimento	
329	1912/466	Joaquim Duarte Reis	TO Joaquim da Silva	H. Unifamiliar	Habitação	Edf. devoluto
335-339	2005/777			H. Plurifamiliar	Garagem	
338-352	2002/143			H. Plurifamiliar	Estabelecimento	
341-345	1990/418	Construções H.N.- Soc. de Investimentos Imob., SA	Arq. Maria Penteado	H. Plurifamiliar	Estabelecimento	
347-349	1968/235	Bernardino de Oliveira	Arq. Álvaro Carvalho	H. Plurifamiliar	Estabelecimento	
353-357	1970/617	Carlos Gonçalves	Arq. António Machado	H. Plurifamiliar	Estabelecimento	
356-358	1970/101	Alexandre Figueiredo	Eng. Joaquim Assunção	H. Plurifamiliar	Garagem	
359-379	1994/271	Manuel Ferreira	Arq. Fernando Seara	H. Plurifamiliar	Estabelecimento	
362-364	1961/677	Lucinda da Silva	Vários	H. Unifamiliar	Garagem	
366-374	1994/293	Edfs. Europa- Soc. de Investimentos Imob., Lda	Arq. João Sarabando	H. Plurifamiliar	Estabelecimento	
378-382	1958/340	José Coelho da Silva	Arq. Francisco Granja	H. Plurifamiliar	Estabelecimento	
385-387	1978/333	Fernando da Silva Rocha	Vários	H. Plurifamiliar	Estabelecimento	
390-394	2006/373			H. Plurifamiliar	Garagem	
393-403	1992/340	Manuel Ferreira	Arq. António Machado	H. Plurifamiliar	Estabelecimento	Gaveto
400-412	1964/579	Maria Pacheco e outros	Arq. J. Cruz Lima	H. Plurifamiliar	Estabelecimento	
429	1935/2072	Armândio Tavares	Arq. Rogério de Azevedo	H. Unifamiliar	Habitação	Edf. devoluto
433-439	1990/149	Maria Silva Oliveira	Eng. Damião da Cunha	H. Plurifamiliar	Estabelecimento	
436	1914/578	António de Sousa Lello	TO Manuel Rodrigues	H. Unifamiliar	Habitação	Palacete
446-466	1912/780	José de Sousa Lello	TO Manuel Rodrigues	H. Unifamiliar	Habitação	Palacete
447-475	1969/109	Adriano Serrano Junior	Vários	H. Plurifamiliar	Estabelecimento	
476-502	1968/259	Napoleão Amorim e outros	Arq. J. Cruz Lima	H. Plurifamiliar	Estabelecimento	
487	1937/306	Joaquim Pinto	TO Joaquim da Silva	H. Unifamiliar	Habitação	
499-509	1973/173	Arlindo Soares	Arq. António Machado	H. Plurifamiliar	Estabelecimento	Gaveto
502-504	1984/276	Actinova- Promoção Imobiliária, Lda	Arq. Manuel Magalhães	H. Plurifamiliar	Habitação	
540-568				Estabelecimento	Estabelecimento	
589-595	1971/417	Alberto Martins de Mesquita e Filhos, Lda	Arq. Manuel Ribeiro	H. Plurifamiliar	Estabelecimento	Gaveto
606	1989/394	Construtora Numão, Lda	Arq. Ludegero de Castro	H. Plurifamiliar	Estabelecimento	Gaveto

IV. Planta de localização da habitação unifamiliar na Rua

V. Edifícios de habitação plurifamiliar da Rua de 5 de Outubro: dados

Licença de Obra	Nº de Polícia	Largura do Lote	Número de Pisos	Cave	Piso Térreo	Piso 1	Piso Tipo	Piso Recuado	Notas
LO 1935/2021	205	12.5 m	5	Estabelecimento	Estabelecimento	Habitação	Esquerdo direito	-----	
LO 1956/299	213-225	19.5 m	5	Garagem	Estabelecimento	Habitação	Esquerdo direito	-----	
LO 1958/340	378-382	14.2 m	4	-----	Garagem	Habitação	Esquerdo direito	-----	"Prédio de Rendimento"
LO 1958/370	93-103	14.2 m	4	Armazém	Estabelecimento	Habitação	1 fogo	-----	Remate
LO 1961/385	195-197	8.3 m	5	Estabelecimento	Estabelecimento	Habitação	1 fogo	-----	
LO 1964/579	400-412	19.8 m	8	Garagem	Garagem	Habitação	Esquerdo direito	Habitação	Acessos de Serviço
LO 1967/81	139-145	14.3 m	7	Armazém	Estabelecimento	Escritórios	1 fogo	-----	
LO 1968/104	246-246	6.9 m	8	Armazém	Estabelecimento	Escritórios	1 fogo	Habitação	
LO 1968/235	347-349	5.5 m	7	-----	Estabelecimento	Escritórios	1 fogo	Habitação	
LO 1968/259	476-502	27.1 m	8	Garagem	Garagem	Habitação	3 fogos	Habitação	2 blocos
LO 1969/12	302-310	12.3 m	8	Estabelecimento	Estabelecimento	Habitação	Esquerdo direito	Habitação	
LO 1969/109	447-475	35.6 m	8	Armazém	Estabelecimento	Habitação	3 fogos	Habitação	2 blocos Acessos de Serviço
LO 1970/101	356-358	6.1 m	7	-----	Estabelecimento	Escritórios	1 fogo	Habitação	
LO 1970/617	353-357	5.6 m	8	Armazém	Estabelecimento	Escritórios	Frente Trás	Escritórios	
LO 1971/417	589-595	31.4 m	7	Estabelecimento	Estabelecimento	Habitação	4 fogos	-----	Gaveto 2 blocos
LO 1972/78	296-298	5.8 m	8	Estabelecimento	Estabelecimento	Escritórios	Frente Trás	Escritórios	
LO 1973/173	499-509	16.1 m	8	Armazém	Estabelecimento	Habitação	2 fogos	Habitação	Gaveto
LO 1973/548	315-319	9.2 m	8	Armazém	Estabelecimento	Habitação	1 fogo	Habitação	Duplex no último piso
LO 1974/332	156-164	21 m	8	Estabelecimento	Estabelecimento	Habitação	4 fogos	Habitação	
LO 1975/282	328-332	6.3 m	8	Armazém	Estabelecimento	Habitação	Frente Trás	Habitação	
LO 1978/333	383-387	7.5 m	8	Estabelecimento	Estabelecimento	Habitação	1 fogo	Habitação	
LO 1982/218	181-185	12.5 m	9	Estabelecimento	Estabelecimento	Habitação	1 fogo Frente Trás	Habitação	Com Subcave
LO 1984/264	254-262	13.5 m	8	Armazém Garagem	Estabelecimento	Habitação	4 fogos	Habitação	
LO 1984/276	502-504	27.4 m	8	-----	Habitação	Habitação	4 fogos	Habitação	
LO 1984/392	291-293	5.4 m	8	Estabelecimento	Estabelecimento	Habitação	Frente Trás	Habitação	
LO 1986/143	149-151	6 m	8	Armazém	Estabelecimento	Habitação	1 fogo	Habitação	
LO 1986/160	269-273	5.5 m	8	Armazém	Estabelecimento	Habitação	1 fogo	Habitação	
LO 1986/321	125	6.2 m	7	Estabelecimento	Estabelecimento	Habitação	Frente Trás	-----	
LO 1987/202	131-135	5.7 m	7	Armazém	Estabelecimento	Habitação	Frente Trás	-----	
LO 1987/240	230-234	7.4 m	8	Estabelecimento	Estabelecimento	Habitação	Frente Trás	Habitação	
LO 1987/276	257-261	5.7 m	9	Estabelecimento	Estabelecimento	Habitação	Frente Trás	Habitação	Com Subcave
LO 1989/382	263-267	6 m	8	Estabelecimento	Estabelecimento	Habitação	Frente Trás	Habitação	
LO 1989/394	606	12.8 m	8	Estabelecimento	Estabelecimento	Habitação	3 fogos	Habitação	Gaveto
LO 1990/149	433-439	14.3 m	8	Armazém	Estabelecimento	Habitação	Esquerdo direito	Habitação	
LO 1990/418	341-345	5.5 m	8	Armazém	Estabelecimento	Habitação	Frente Trás	Habitação	
LO 1992/340	393-403	18 m	8	Garagem	Estabelecimento	Habitação	4 fogos 3 fogos	Habitação	Gaveto
LO 1994/271	359-379	25.4 m	8	Garagem	Estabelecimento	Habitação	5 fogos	Habitação	
LO 1994/293	366-374	7.8 m	8	Armazém	Estabelecimento	Habitação	Frente Trás	Habitação	
LO 1995/365	231-241	11.6 m	9	Armazém	Estabelecimento	Habitação	Esquerdo direito	Habitação	Com Subcave

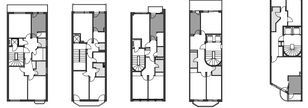
VI. Categorização dos edifícios de habitação plurifamiliar, escala 1/400

Frente Estreita
(5-7m)

1 apartamento por piso

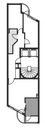
escada na parede de meação

cozinha associada à fachada posterior



LO 1968/104 LO 1968/235 LO 1970/101 LO 1986/160

cozinha associada à fachada principal



LO 1986/143

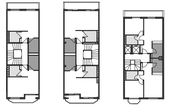
2 apartamentos por piso

escada na parede de meação

cozinhas associada às fachadas

LO 1984/392 LO 1986/321 LO 1987/202 LO 1987/276 LO 1989/382 LO 1990/418

cozinha associada à fachada principal



LO 1970/617 LO 1972/78 LO 1975/282

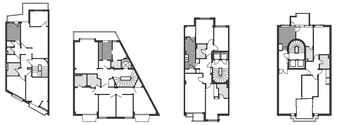
Frente Alargada
(7-12m)

1 apartamento por piso

escada na parede de meação

cozinha associada à fachada posterior

escada central



LO 1961/385 LO 1967/81 LO 1978/333 LO 1973/548

2 apartamentos por piso

escada na parede de meação

cozinhas associada às fachadas

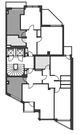
escada na fachada posterior

LO 1987/240 LO 1994/293

programa misto- LO 1982/218

1 apartamento por piso

2 apartamentos por piso

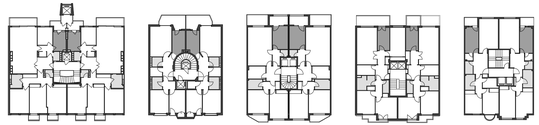


Esquerdo-Direito
(12-20m)

lote regular compacto; 2 apartamentos por piso

escada central

cozinha associada à fachada posterior



LO 1964/579 LO 1969/12 LO 1984/264 LO 1990/149 LO 1995/365

lote de configuração complexa; 2 apartamentos por piso

com pátio central- tipo em U

escada central

cozinha associada ao pátio central

LO 1935/2021 LO 1958/340

com pátio- lateral tipo em L

cozinha associada à fachada posterior

LO 1956/299

Grande Frente
(+20m)

bloco regular- associação de unidades esquerdo-direito

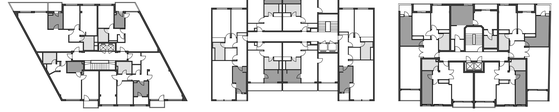
escada central

cozinha associada à fachada posterior

LO 1968/259 LO 1969/109

edifício com configuração complexa

escada central



LO 1974/332 LO 1984/276 LO 1994/271

Situação Urbana Particular

remate do quarteirão

LO 1958/370

gaveto

LO 1971/417 LO 1973/173

LO 1989/394 LO 1992/340

Escala: 1/400

Cozinha

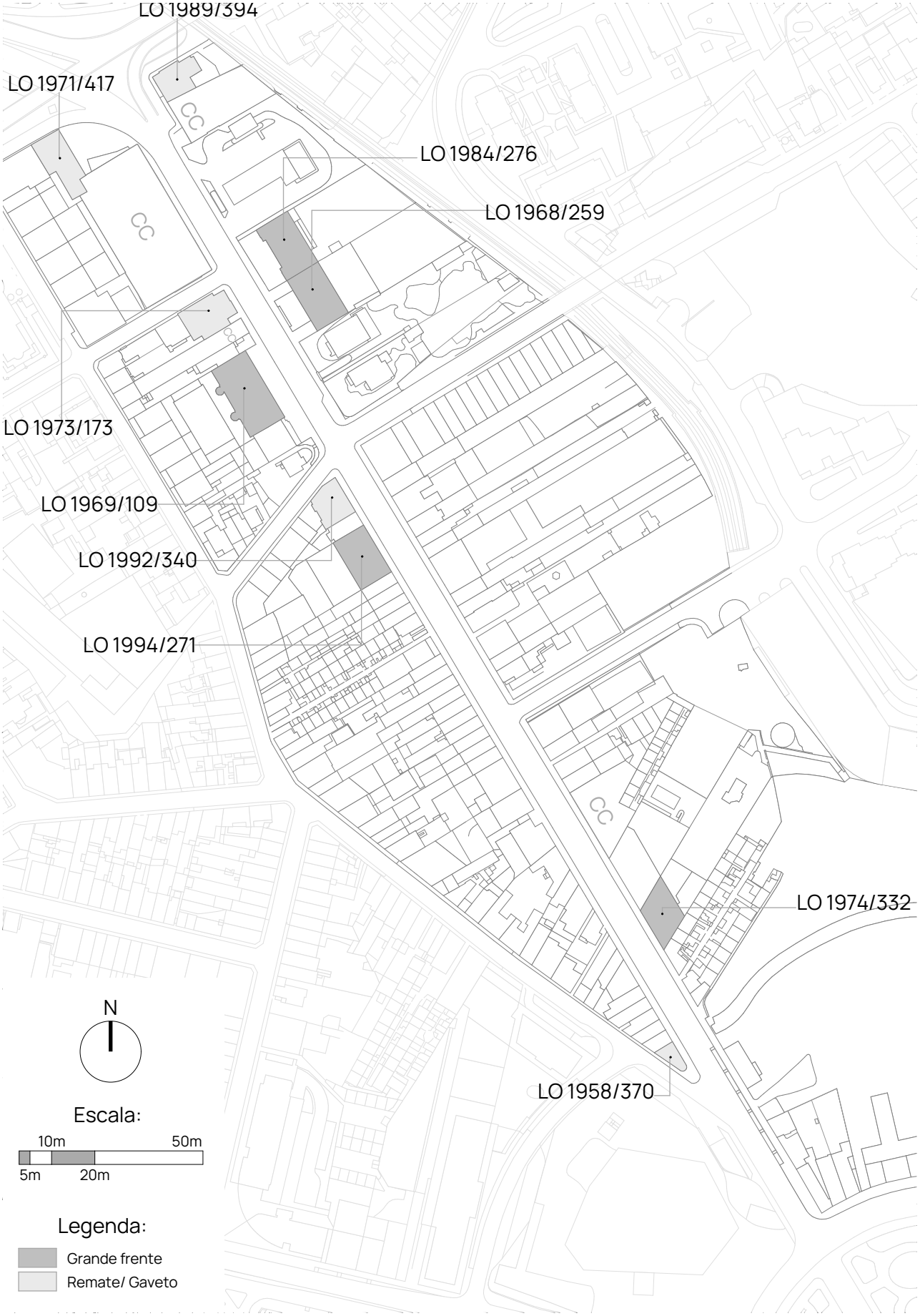
Instalações sanitárias

VII. Planta de localização dos edifícios de habitação plurifamiliar inseridos em lote estreito

VIII. Planta de localização dos edifícios de habitação plurifamiliar inseridos em lote alargado

IX. Planta de localização dos edifícios de habitação plurifamiliar de configuração esquerdo-direito

X. Planta de localização dos edifícios de habitação plurifamiliar de grande frente e em situação urbana particular



XI. Rua de 5 de Outubro: planta do piso- tipo

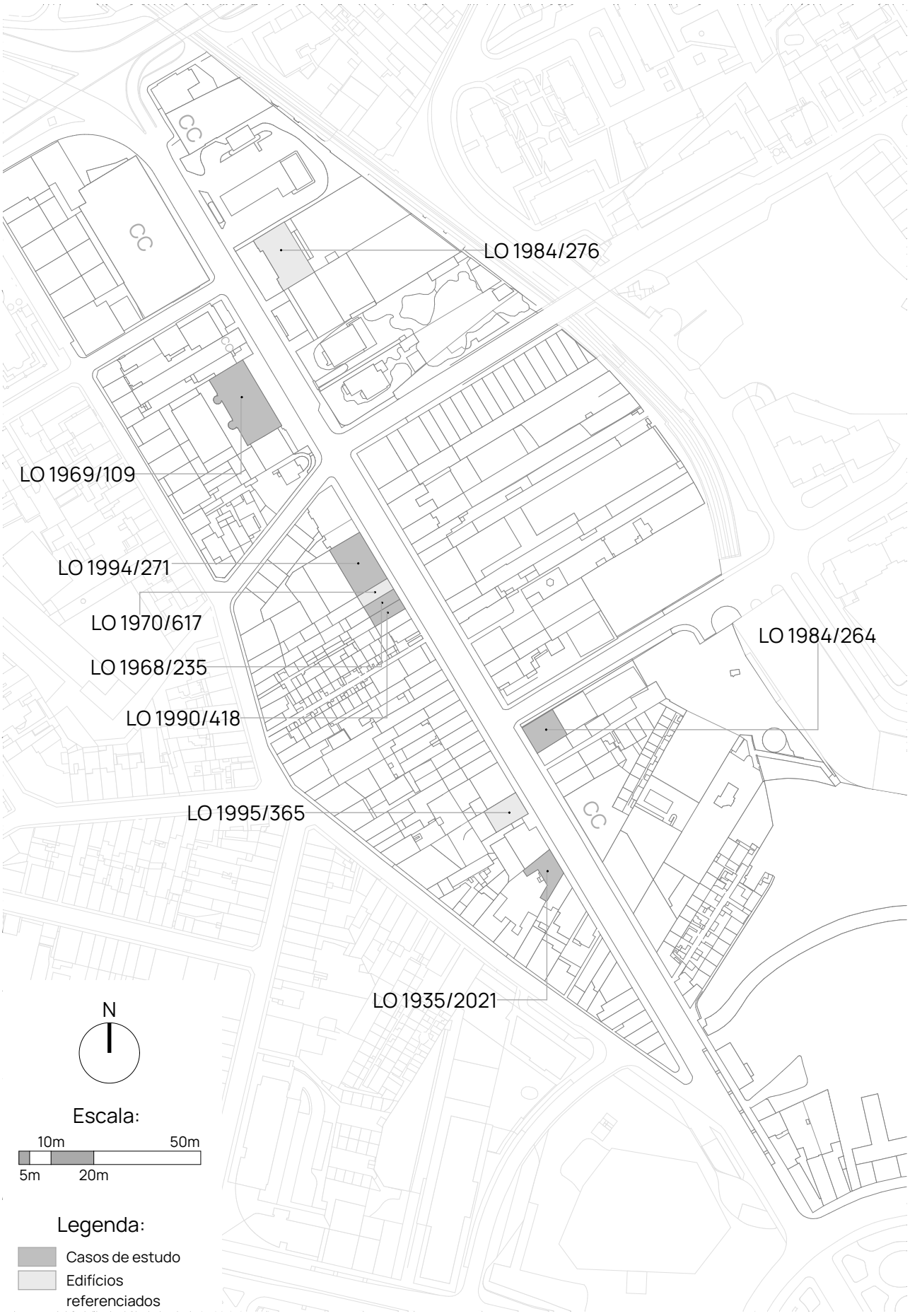
XII. Rua de 5 de Outubro: perfis

Perfil Nascente (SE'')

Perfil Poente (NO'')

Escala:

XIII. Planta de localização dos casos de estudo (capítulo 2)



XIV. Alçados dos edifícios de habitação plurifamiliar ordenados cronologicamente, escala 1/300

Anos 30-50

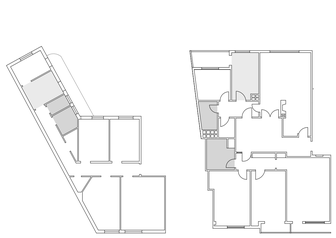
Anos 60

Anos 70

Anos 80

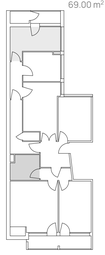
Anos 90

XV. Células de habitação ordeanadas cronologicamente, escala 1/200

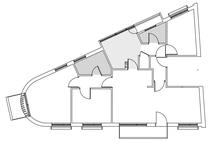


LO 1935/2021
Esquerdo-direito
69.00 m²

LO 1956/299
Esquerdo-direito

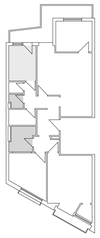


LO 1958/340
Esquerdo-direito
75 m²

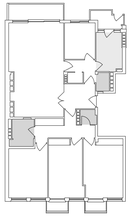


LO 1958/370
Remate

Anos 30-50

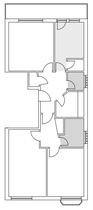


LO 1961/385
Lote alargado
96.70 m²

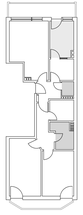


LO 1964/579
Esquerdo-direito
126.60 m²

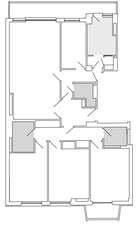
LO 1967/81
Lote alargado
121.00 m²



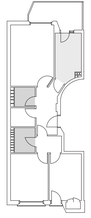
LO 1968/104
Lote estreito



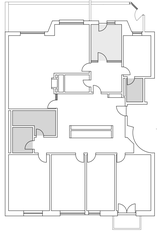
LO 1968/235
Lote estreito
70.00 m²



LO 1968/259
Grande lote

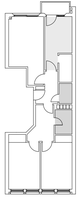


LO 1969/12
Esquerdo-direito
82.60 m²

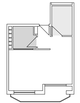


LO 1969/109
Grande lote

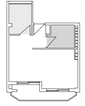
Anos 60



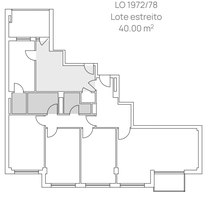
LO 1970/101
Lote estreito
71.70 m²



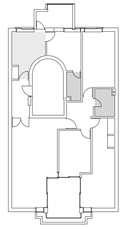
LO 1970/101
Lote estreito
34.00 m²



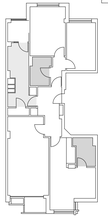
LO 1972/78
Lote estreito
40.00 m²



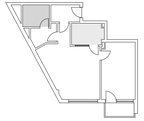
LO 1973/173
Gaveto



LO 1973/548
Lote alargado

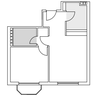


LO 1978/333
Lote alargado
90.00 m²



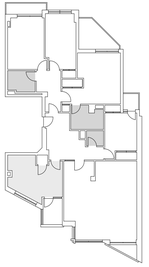
LO 1974/332
Grande lote
59.50 m²

LO 1971/417
Gaveto



LO 1975/282
Lote estreito
41.10 m²

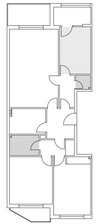
Anos 70



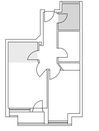
LO 1982/218
Lote alargado
140.00 m²

LO 1989/394
Gaveto

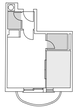
LO 1986/160
Lote estreito
68.50 m²



LO 1984/264
Esquerdo-direito
118.00 m²

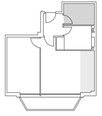


LO 1987/202
Lote estreito
44.00 m²

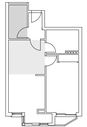


LO 1984/392
Lote estreito
30.80 m²

LO 1984/276
Grande lote

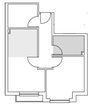


LO 1987/276
Lote alargado
47.00 m²

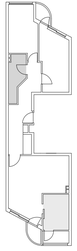


LO 1986/321
Lote estreito
51.86 m²

LO 1989/382
Lote estreito
32.46 m²



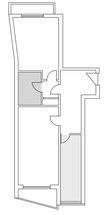
LO 1987/240
Lote estreito



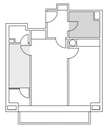
LO 1986/143
Lote estreito
77.20 m²

Anos 80

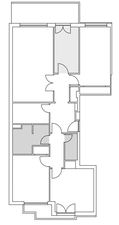
LO 1990/418
Lote estreito
30.00 m²



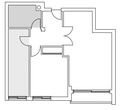
LO 1992/340
Gaveto



LO 1994/293
Lote alargado
51.70 m²



LO 1990/149
Esquerdo-direito
97.00 m²



LO 1994/271
Grande lote

LO 1995/365
Esquerdo-direito

Anos 90

XVI. Edifícios de habitação plurifamiliar na Rua de 5 de Outubro: álbum fotográfico

Edifício com LO 1935/2021
Rua de 5 de Outubro, 205

Edifício com LO 1956/299
Rua de 5 de Outubro, 213-225

Edifício com LO 1964/579
Rua de 5 de Outubro, 400-412

Edifício com LO 1968/104
Rua de 5 de Outubro, 246-248

Edifício com LO 1969/102
Rua de 5 de Outubro, 302-310

Edifício com LO 1970/101
Rua de 5 de Outubro, 356-358

Edifício com LO 1970/917
Rua de 5 de Outubro, 355-357

Edifício com LO 1971/477
Rua de 5 de Outubro, 589-595

Edifício com LO 1973/173
Rua de 5 de Outubro, 499-509

Edifício com LO 1973/548
Rua de 5 de Outubro, 315-319

Edifício com LO 1978/333
Rua de 5 de Outubro, 383-387

Edifício com LO 1982/218
Rua de 5 de Outubro, 181-185

Edifício com LO 1984/276
Rua de 5 de Outubro, 502-504

Edifício com LO 1986/521
Rua de 5 de Outubro, 125

Edifício com LO 1987/240
Rua de 5 de Outubro, 230-234

Edifício com LO 1987/276
Rua de 5 de Outubro, 257-261

Edifício com LO 1989/382
5 de Outubro, 263-267

Edifício com LO 1990/149
5 de Outubro, 433-439

Edifício com LO 1994/271
Rua de 5 de Outubro, 359-379

Edif. com LO 1994/295
5 de Outubro, 366-374

Edifício com LO 1958/340
Rua de 5 de Outubro, 378-382

Edifício com LO 1958/340
Rua de 5 de Outubro, 95-103

Edifício com LO 1961/565
Rua de 5 de Outubro, 195-197

Edifício com LO 1967/81
Rua de 5 de Outubro, 139-145

Edifício com LO 1968/235
Rua de 5 de Outubro, 347-349

Edifício com LO 1968/259
Rua de 5 de Outubro, 476-502

Edifício com LO 1969/109
Rua de 5 de Outubro, 447-475

Edifício com LO 1972/278
Rua de 5 de Outubro, 296-298

Edifício com LO 1974/332
Rua de 5 de Outubro, 156-164

Edifício com LO 1975/282
Rua de 5 de Outubro, 328-332

Edifício com LO 1984/264
Rua de 5 de Outubro, 254-262

Edifício com LO 1984/594
Rua de 5 de Outubro, 291-293

Edifício com LO 1986/145
Rua de 5 de Outubro, 149-151

Edifício com LO 1986/160
Rua de 5 de Outubro, 269-273

Edifício com LO 1987/202
Rua de 5 de Outubro, 131-135

Edifício com LO 1989/394
Rua de 5 de Outubro, 606

Edifício com LO 1990/418
Rua de 5 de Outubro, 341-345

Edifício com LO 1992/340
Rua de 5 de Outubro, 395-403

Edifício com LO 1995/365
Rua de 5 de Outubro, 231-241